3 1761 07039596 7

LUIZ QUIRINO CHAVES

NAS CIDADES

E

NAS VEIGAS

CONTOS

Historia simples = O menino virtuoso
Amor de mãe
Um crime horroroso
Ao aprisco = De mal a peior,
Mathilde, a Tutinegra
O Senhor da Serra = Em noite de Reis
O avô Natal
Precisa-se de um Jose = Bargossi
Chavões dramaticos
Um caso triste = O meu cabrion
Pobre Luizinha!
Debaixo do comboio = Artistas equestres
Historia de um gato
Aguas mineraes
Na vespera de Santo Antonio

LISBOA
LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA — EDITOR
50, Rua Augusta, 52
1886

(27)

NAS CIDADES

E

NAS VEIGAS

LIBRARY
NOV
25
1982

LUIZ QUIRINO CHAVES

NAS CIDADES

E

NAS VEIGAS

CONTOS

Historia simples = O menino virtuoso
Amor de mãe
Um crime horroroso
Ao aprisco = De mal a peior
Mathilde, a Tutinegra
O Senhor da Serra = Em noite de Reis
O avô Natal
Precisa-se de um José = Bargossi
Chavões dramaticos
Um caso triste = O meu cabrion
Pobre Luizinha!
Debaixo do comboio = Artistas equestres
Historta de um gato
Aguas mineraes
Na vespera de Santo Antonio

LISBOA
LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA — EDITOR
50, Rua Augusta, 52
1886

Typ. e Stereotypia Moderna, Apostolos, 11 — Lisboa

AO

DR. LUIZ JARDIM

preito de admiração

de

Luiz Quirino Chaves

PQ
9261
C522N3

Meu excellente amigo

Ao entardecer de longa e obscura vida jornalistica, dou a publico este livro de contos. Da conversação de v. ex.ª e de seus conselhos, para mim ensinamento proveitoso, vieram alguns d'esses rapidos esboços, de que outros,—aguias de largo vôo,—fariam por certo grandiosos quadros. Aquelles onde vislumbra a questão philosophica ou um problem social, onde se discute alguma these das muitas que modernamente são estudadas mas não resolvidas, e talvez uma ou outra narrativa que o sentimento, ao escrever, me traduziu em lagrimas,—d'esses, a idéa inicial pertence a v. ex.ª, e perdôe-me a singella e despretenciosa roupagem de que a foi revestindo esta minha pobre penna.

N'alguns dei fórma nova a um pensamento talvez já conhecido, reflectindo-se n'esses a impressão deixada por leitura de alheia escripta.

Mas em muitas paginas, os quadros mais sombrios são copias do natural, pallidas amostras de grandes miserias ignoradas, que tenho visto e palpado nos meus vinte e seis annos de jornalista; são perfis de tantissimas desventuras que arrastam,—cadaveres vivos!—miseranda existencia nas infimas camadas sociaes. A frivolidade da restante prosa,—sorrisos abertos em tristuras,—dispensa-me o dizer-lhe que é exclusivamente minha.

Nada tentei, pois, para excitar a curiosidade do leitor ou para conseguir o exito do livro; diligenciei pôr n'elle a verdade e o sentimento, cuidando que assim lhe dava mais interesse do que vestindo-o com o falso brilho de lantejoulas: se acertei, o meu amigo o dirá e o publico tambem, emquanto eu me torno ás sombras d'onde fiz esta rapida saída.

De v. ex.ª

com a mais elevada consideração e estima

Luiz Quirino Chaves

HISTORIA SIMPLES

I

Estava eu então no Porto. Tinha chegado a estação calmosa, com essas auroras que se levantam das sombras por entre vapores de fogo...

O amanhecer tinha ainda uma agradavel frescura; ligeiras nuvemsinhas impediam o sol de reverberar scintillante, e nas primeiras horas do dia gosava-se uma temperatura primaveral,—que é por certo o mais benefico parenthesis entre pulmonias e constipações.

N'uma d'essas madrugadas, eu e Antonio G... —companheiro dilecto e talentoso, dirigimo-nos para o Palacio de Cristal,—e n'aquelles formosissimos jardins entregámo-nos ao goso dos encantos que nos rodeavam.

Os nossos pensamentos banhavam-se n'um ambiente regenerador, embalsamado pelas acacias que floriam...

Na immensa frondosidade das arvores e na immensidade do espaço, o variado e voador exercito da manhã regalava-nos os ouvidos com o seu grande festival...

Sentámo-nos lá ao extremo do parque, á beira d'um grande precipicio, cortado quasi a pique, e dominando o caminho da Foz.

O Douro corria serenamente, coalhado dos seus barquinhos ponteagudos, que passavam para a outra margem as aldeãs em trajo de festa,—trajos vistosissimos, rematados por um chapellinho redondo, que plumas, fitas e flores enfeitam...

Soberbo, esplendido espectaculo o que se gosa d'aquella eminencia do parque, debaixo d'uma umbrosa galeria de arvores,—quer alongando a vista á direita, para as ondas espumantes que se esbatem nos rochedos da Foz e nos trazem um sussuro monotono e encantador, quer á esquerda para as formosas margens do rio, cujas brisas nos trazem o aroma das flores e o murmurar do arvoredo.

II

Recreavamos a vista na contemplação d'aquellas risonhas perspectivas, quando o meu amigo cortou

as exclamações de admiração, continuando uma palestra que pelo caminho tinhamos encetado, a proposito de uma noticia que chegara de Lisboa—a de uma mulher—não lhe chamemos mãe!—que matava os filhos.

—Se te eu contasse um caso—que nem é recente, nem tambem tem cabellos brancos...

—Conta sempre...

—É uma historia commovente e extraordinaria...

—Tirada da vida real?...

—Que te importa? Succedeu? não succedeu? A mulher que n'ella é tristemente protogonista porventura existiu? O crime em que a narrativa se baseia estará nos annaes das causas celebres?... Que te importa?... A historia de que fallo encerra um problema, e bem merecia ser contada...

—Pois dize.

—Com uma condição... que depois a contarás aos teus leitores.

O promettido é devido...

III

Ia terminar o periodo das audiencias geraes.

O ultimo julgamento fôra o de um malvado que

á mão armada assassinara uma viuva e suas duas filhas, o que se provou no tribunal.

O juiz—visto o *veredictum* do jury—proferiu por sentença a pena de trabalhos publicos perpetuos.

Duas causas eram propostas ao jury n'aquelle dia, e o segundo julgamento ia seguir-se.

As galerias estavam cheias dos vadios e dos curiosos, que são habituaes frequentadores das audiencias, especialmente quando ha casos de sensação,—tanto aqui como lá na tua Lisboa.

O escrivão principiou a leitura do processo. Tratava-se d'um infantecidio, commettido por uma criada de servir.

O libello era horrorosamente simples,—assim como toda esta narrativa...

Vaes vêr:

IV

Maria Fuzeta, uma raparigota dos arredores de Villa Nova,—se bem me lembro,—bonita, sádia,—de vinte annos!—viera servir para o Porto.

Segundo parece, tivera logo na primeira casa um grande precalço, um desastre, umas relações travadas e quasi logo desfeitas, com um sujeito cujo

nome teimosamente recusava dizer,—e achára-se gravida.

Disfarçando até ao ultimo dia o seu estado, n'outra casa que arranjara, teve por fim de alugar uma agua-furtada, onde certanoite deu á luz uma criança do sexo masculino, —que não podia negar ter estrangulado á nascença.

De manhã cedo, uma visinha foi encontral-a deitada, ardendo em febre e acalentando em completo delirio o pequenino cadaver já rigido.

E os medicos chamados para levantar o auto de corpo de delicto e fazer a autopsia, affirmavam que o recemnascido tinha respirado, que tinha vivido!

Accusada e presa, a triste havia referido com uma ingenuidade cruciante, a sua afflictiva odysséa, limitando-se, por unica defeza, a jurar por alma de sua mãe que não sabia que tivesse morto o filho.

—Quando o senti chegar ás minhas mãos, e depois quando lhe ouvi o primeiro grito, dizia ella ao juiz e ao escrivão que lhe estavam tomando as declarações, deu-me um impeto raivoso!

Antevi o futuro de miseria que o esperava,—o mesmo que eu tivera... e, machinalmente... talvez o apertasse de mais!... eu não estava costumada a vêr entesinhos tão pequenos... e depois, quando quiz beijar meu filho, achei-o frio e immo-

vel!... Então tornei-me doida, rematadamente doida... gritei, chamei e chorei, chorei muito... mas ninguem acudiu, e só tornei a mim na cama do hospital, quando um sujeito me interrogava...

V

Uma visinha, no seu depoimento, confirmou esta relação exarada nos autos, accrescentando que durante o mez que a Fuzeta vivera na agua-furtada se mostrára muito honesta, muito arranjadinha, e que rarissimas vezes saía.

—Nem eu sei como ella podesse ter um amante! Se estava sempre sosinha!

Outras pesssoas da visinhança, umas costureiras, foram unanimes em elogiar o comportamento, o ar modesto e a bondade da ré...

O dono da primeira casa em que ella servira depoz, por meio de uma carta, no mesmo sentido,—pedindo para a pobre rapariga toda a indulgencia do jury!

Interrogada pelo juiz ácerca dos receios e dos sustos que tinham motivado o seu crime, a infanticida respondeu com a voz sumida, tremula, cortada de commoção e de lagrimas:

—Os ganhos de uma criada de servir, são escassos, senhor; não poderia criar meu filho em casa dos patrões, não poderia pagar a sua criação, não poderia vencer as difficuldades para o confiar á Misericordia... Não tinha empenhos...

—Pois o pae não devia ajudal-a?...

Maria Fuzeta redarguiu com uma violencia cheia de desprezo:

—Pelo amor de Deus, sr. juiz, não fallemos d'esse homem!

Em summa, o advogado que lhe fôra designado *ex-officio* e que se condoera da mocidade e da ingenua franqueza da ré, pronunciou uma oração commovente e calorosa, e o jury, impressionado pelas dolorosas confissões de Maria, e dando como provadas certas circumstancias attenuantes, absolveu-a, considerando que a morte da criança podia muito bem ter sido o resultado d'um ataque de demencia complicado com alguma crise nervosa, tirando tudo isto á mãe, durante horas, a consciencia dos seus actos.

A Fuzeta foi posta em liberdade, depois de umas admoestações e d'uns conselhos do juiz.

VI

Quando a triste foi agradecer ao seu deffensor, com modos um pouco apatetados, elle, que não era rico, deu-lhe duas moedas de cinco tostões e acompanhou-a até á porta do tribunal.

E Maria encontrou-se sósinha, apertando na mão as duas moedas de prata, no meio da atarefada turba indifferente que circulava pelos corredores.

As suas visinhas costureiras, que na audiencia tinham dito bem d'ella, avistaram-na immovel, como se dormisse em pé, no meio da rua, e approximaram-se.

— Volta a morar lá na escada? perguntaram-lhe.

— Não! redarguiu a absolvida com ar feroz.

— Porque?

Maria ergueu a cabeça, e exhalou por entre os dentes nervosamente apertados, esse terrivel argumento da mulher que pretende conservar o seu segredo:

—Por nada!...

As costureiras olharam-se e uma d'ellas disse por despedida, estouvadamente:

—No fim de contas, tem razão... Em qualquer

outra parte para onde vá não lhe atirarão á cara que matou o filho!

E foram-se, ligeiras, falladoras, alegres,—sem fazerem caso nem mesmo notarem a livida palidez medonha que se accentuara no semblante da pobre moça, cujo crime o jury déra como não commettido.

VII

Seguiu-as com a vista até que desappareceram, e meneando então a cabeça como avesinha ferida, dirigiu-se instinctivamente, apezar do que dissera, para a casa onde morara antes de ser presa, no bairro da Ribeira.

A senhoria, que morava no primeiro andar e fôra assistir á audiencia, ia entrando n'aquelle instante.

Mal encarou com a rapariga, interrogou quasi que brutalmente:

—Que é que quer? Vossemecê já aqui não mora.

—Como? murmurou a Fuzeta recuando.

—Bem deve comprehender... Seis mezes de cadeia! E depois quem sabia lá que viria a ser absolvida? Por consequencia, aluguei a agua-furtada... os seus trapos tenho-os cá em baixo a um canto. Quer leval-os?

A triste moça, então vermelha de vergonha, — com os olhos rasos de lagrimas que não tardariam em correr pelas faces,—respondeu:

—Quero!

Subiu machinalmente em poz da senhoria, recebeu a trouxa de roupa embrulhada n'um chaile, e despediu-se automaticamente:

—Adeus...

—Adeus, repetiu a senhoria. Seja feliz... o mais que lhe posso fazer, se vierem tirar informações a seu respeito, é não fallar do infanticidio!

VIII

Maria atravessou a cidade e foi alugar um quarto aos dias n'um pardeeiro alem da Boavista.

Não era provavel que ali a conhecessem.

Pagou dois tostões pelo dia, depoz a trouxa, e como apenas fossem quatro horas, lembrou-se de ir á cidade baixa e procurar costura pelas camisarias, —pois que tambem era habil como costureira.

Até ao cahir da noite embalde offereceu os seus serviços de loja em loja!

Chegava a estação calmosa, ia partir toda a gente para o campo ou para os banhos, não se fazia negocio, não havia necessidade de obra!

Já sem forças, tomou um café, comeu um pão de vintem e foi deitar-se ardendo em febre.

Levantou-se logo ao romper do dia, e dispunha-se a proseguir a sua campanha, quando a mulher que lhe alugára o quarto a deteve na escada. Tinha um jornal na mão.

—Diga-me cá: você chama-se effectivamente Maria Fuzeta?... perguntou-lhe a velha.

—Sim, minha senhora...

—E é d'ao pé de Villa Nova?...

—Sim, minha senhora...

—Ah! E' então você que... que hontem absolveram do crime d'infanticidio?

A rapariga encostou-se á parede para não cair.

—E'?... teimou a mulher. Pois então, minha amiguinha, veja se trata de procurar outro quarto, ponha-se-me ao fresco o mais depressa que podér! Foi absolvida, é certo, mas nem por isso deixou de estrangular um innocente... Nunca me agradou gente da sua igualha!

Conforme pôde, cambaleando, acabou de descer a escada; e no meio da rua, sentando-se no primeiro banco, chorou amarguissimas lagrimas!

Depois entrou a subir outra vez o seu calvario da vespera.

Mas, n'aquelle dia, a fatalidade mostrou-se ainda mais cruel.

Como lhe recusassem por toda a parte o trabalho de costura, achou finalmente uma casa para servir, ainda que por modestissimo ordenado.

O dono da casa quiz ver o livrete da inscripção no registro dos serviçaes.

Maria apresentou-o, dando graças a Deus no intimo da sua alma!

Mas Deus havia muito que a tinha desamparado, —porque o dono da casa, assim que leu o nome da infeliz, exclamou:

—Ora esta! Pois vossemecê não foi julgada ultimamente, não saiu hontem da cadeia?

—Senhor!... gemeu a desventurada.

—Foi absolvida, bem sei, continuou o dono da casa, mas deixal-o, eu é que não quero em minha casa gente que anda pelas cadeias e pelos tribunaes. Procure outro patrão, que talvez algum tolo a queira.

E sem mais, pol-a na rua!

O desespero ia endoidecendo a pobre Maria.

Mas ella era uma rapariga animosa; curvou-se áquelle novo azorrague e jurou ir até ao fim.

E mais trez vezes, dispensem-me os pormenores, —a mesma horrorosa affronta lhe fizeram.

Da ultima vez não pôde mais! E desalentada, com fome e frio, moribunda, encaminhou-se para o sitio onde morava. Era ao luzque-fusque.

Entrou no cubiculo a que chamava o seu quarto, uma especie de alcova, com uma fresta por onde espreitava a lua,—luz mortiça e livida!—que batia sobre a cama onde ella se assentára, tiritando e desvairada...

Immovel, sem dar nenhum signal de vida, com os labios muito apertados, os olhos muito abertos e fitos no espaço,—pareceu á triste que tudo n'ella se derrocava, que o seu proprio corpo caía feito pedaços, que o cerebro se liquifazia, que se vaporisava...

E ao mesmo tempo, pelo meio da branca fita de luz que lhe atravessava o quarto, corriam uns vultos exquisitos, rapidos, fugitivos, — como nuvens correndo n'um céu claro.

X

Via-se pequenina, junto da mãe, lá muito longe, no seu logarejo, com o trajo campesino de alegres côres...

Ouvia a flauta pastoril, que seu irmão mais velho — seria já morto?— tangia com singular mimo, lá pelo meio dos campos, á sombra do choupal, na encosta do riacho, emquanto o rebanho pastava no prado...

E, de repente, a visão sumia-se, e apparecia então a sua chegada ao Porto, deixadas já as roupas campesinas, e envergado o vestido de percale da criada de servir...

D'ahi avistava o que na cidade fora seu primeiro patrão, — homem já de certa edade, vermelho, de orelhas de satyro...

E toda tremula, cheia de horror, fechava os olhos para não ver o quadro seguinte,—que a representava luctando com esse homem, — seu amo! — uma besta féra que abraçando-a soffregamente, irresistivelmente, a violentava...

Depois, ainda offegante, fóra de si, via-se no triste leito em que déra á luz. Parecia-lhe sentir ainda as dôres atrozes da maternidade!... e sentia no mesmo instante a suave sensação de um pequenino ente que se mexia nos seus braços.

Então, um ineffavel sorriso lhe animou o semblante de espectro, e apertando contra o peito aquelle phantasma de criança, entrou a embalal-o suavemente, ternamente, cantando lhe, n'uma voz quasi su-

mida,—mas que era uma suave musica! — o estribilho a que ella tantas vezes adormecera :

Oh papão vae-te embora...

Oh! como ella o acalentava amorosamente! Era tão franzino, o pequerrucho! Pesava tão poucoxinho.

E ninguem havia de amamental-o senão ella!

Mas como? — sem dinheiro, sem commodo... e seria necessario comer para ter leite!

Ora! Deus lhe valeria! Deus ajuda sempre as boas mães... e ella havia de ser tão boa!

XI

De repente soltou um grito! A criança que tinha nos braços, convulsivamente apertados, parecia-lhe ter arrefecido... e então apertou-a ainda mais contra o peito para a aquecer.

E levantou-se insconscientemente, para que o movimento lhe désse calor ao sangue.

Aquelle quarto era tão pequeno!... Deixal-o, iria alugar outro maior!

E saiu, balouçando sempre com espantosa ternu-

ra aquella sombra de corpo, que sentia contra o peito.

Desceu a escada, chegou á rua e seguiu por ali fóra, sem que a encommodasse a nebrina da noite.

Muitas pessoas admiravam-se de vêr aquella bonita rapariga a caminhar tão depressa, n'um passo automatico, parecendo acalentar um ente imaginario e murmurando surdamente:

Oh papão vae-te embora
De cima d'esse telhado...

Mas que lhes importava! A noite era fria e seguiam seu caminho.

E a Maria tambem! Sempre com os braços cruzados sobre o peito, e sempre murmurando o seu

Oh papão vae-te embora...

Cada vez mais fraco, e cada vez mais doloroso! -

XII

Correu assim durante meia hora.

D'ahi chegou á ponte pensil e viu as aguas do Douro, desenrolando, pesadas e serenas, a sua fita de prata.

Debruçou-se, para vêr talvez n'aquelle movediço espelho a sua imagem e a de seu filho.

Mas de repente, n'um grande arranco, um grito dolorosissimo lhe passou por entre os labios.

—Ah! infanticida! exclamou feroz e ameaçadora.

Acabava de vêr no reflexo da agua que nada tinha nos braços!

E, n'um apice, atirou-se ao rio.

Ouviu-se um choque sinistro.

A agua saltou em espuma, depois serenou, descrevendo uns circulos, que foram apertando-se até acabar de vez...

E mais nada!

XIII

D'ali a dois dias, diziam os jornaes:

«Foi hoje encontrado boiando no Douro, proximo do Arainho, o cadaver de uma rapariga.

«Exercera o mister de creada de servir, e como tinha comsigo o livrete, pôde averiguar-se quem era. Simplesmente a triste heroina d'uma das ultimas audiencias geraes, Maria Fuzeta, absolvida pelo crime de infanticidio ha cinco dias! A desventurada fez-se justiça por suas proprias mãos, corrigindo o erro dos jurados.»

E assim a justiça da opinião publica mostrava-se tão implacavel como a que a desventurada tinha encontrado nos ultimos dias de vida!

XIV

Quando a commoção m'o consentiu, eu disse:

—E' tão simples como extraordinaria a tua historia, mas encerra um grande problema.

Porque... deixa-me dizer-t'o francamente: quem devia ter-se sentado no banco dos réus, mas não para ser absolvido, era o primeiro patrão da Maria!

Que vos parece,—bons senhores que estudaes a sério as questões sociaes?

O MENINO VIRTUOSO

I

TINHAM-ME dito d'elle maravilhas, tinham-me contado casos extraordinarios que o erguiam ás alturas do sobrenatural, tinham-me fallado de curas tão milagrosas como aquellas que foram o espanto e o assombro das turbas, — n'esse bom tempo em que Deus andava pelo mundo...

Tinham-me feito d'elle um personagem mysterioso, cujas obras boas e santas haviam já espalhado por campos e cidades um sem numero de beneficios e de venturas...

Era, em summa, um entesinho priveligiado, um dispensador de graças celestiaes, um intermedio entre as espheras luminosas, onde a virtude impera e estas miserrimas trevas mundanas onde a corrupção e a malicia reinam.

Como os santos varões de que a antiga historia christã nos falla,—elle tinha já essa aureola resplan-

decente de luz e de prestigio, que attráe e seduz, que avigora o animo dos crentes, que traz ao redil as ovelhas trasmalhadas...

Iam lá cegos, e voltavam com vista; vesgos e tortos,—voltavam direitos; aleijados de toda a casta e uns poucos de sujeitos tomados de rheumatismo, vinham para casa fazer gymnastica...

Contava-se até de um paralytico que depois de medicado pela prodigiosa criança, viera a Lisboa desafiar o Bargossi para uma corrida de resistencia até Cintra!...

Tudo isto era muito mais do que o sufficiente para despertar uma curiosidade que se preza.

Podia dizer-lhes, como nas impressões de viagem, que fiz as malas e parti, mas seria isso faltar á exacta verdade: toda a minha bagagem se reduzia a um enormissimo volume de fé e a um estomago com dispepsia, da qual certamente viria curado.

D'aqui ao Barreiro uma viagem encantadora, do Barreiro a Vendas Novas uma viagem massadora.

Era nm esplendido dia de verão;—mas tambem era um dia de formosa apparencia aquelle em que um desgraçado soube do sitio e hora por onde devia passar a Fortuna!

Não sabem esta?... Vou contal-a emquanto o *D. Affonso* corta as serenas aguas do Tejo, á superficie

das quaes de quando em quando prateadas e scintillantes tainhas saltam e mergulham.

O caso foi este:

Um sujeito a quem os revezes da sorte haviam constantemente acossado, levando-o ao auge do desespero, tanto fez, tanto fez, taes voltas deu, que por fim conseguiu averiguar, como acima digo, o dia e o sitio por onde a Fortuna havia de infallivelmente passar.

O desventurado resolveu-se a esperar a deusa com a firmeza e antecipação com que um namorado espera a dama dos seus pensamentos.

As horas corriam tão lentas n'aquelle dia, que o infeliz teve tempo de calcular e comprehender que no seu misero estado, a deusa não faria reparo n'elle, senão a brindasse com um ramo de flores.

Baixou-se precipitadamente a colher umas violetas para fazer um ramo; depois arrancou uma rosa e a rosita soltou sem gemido, dizendo:

—Porque motivo d'esta arte me estás mutilando?...

—Desculpa, roseira, mas quero fazer um pequeno presente á Fortuna.

—É escusado,—volveu o arbusto com rancor,—a Fortuna passou de mansinho pelas tuas costas, emquanto estavas colhendo as violetas.

O desgraçado, voltando-se, apenas ouviu, lá muito

ao longe, um bater de azas que rapidamente se affastava...

E ainda a estas horas está esperando a Fortuna, com um ramo de flores seccas na mão!...

II

O monotono ruido da possante machina do barco cessou... Chegamos ao Barreiro.

Em grande tropel, a turba-multa assaltou o comboio prompto a partir.

Aquelle collosso que corre sempre e sempre, infatigavelmente, já fumegava e rugia.

Homens, mulheres, crianças, animaes, trouxas de toda a casta, moveis, vasos, malas, chapelleiras,— a loja de um adello, finalmente,—tal ficou cada uma das carruagens do comboio

Tudo amontoado, revolto, prensado,— e tudo a fallar, a gritar, a perguntar, a responder, a lamentar-se...

Um comboio de doidos ou de condemnados!...

Ao termo da viagem, os empregados do caminho de ferro teriam de extrair tudo aquillo violentamente, porque homens mulheres e objectos formaram uma

massa commum, — como se fossem uma alcofa de figos.

E então os empregados iriam pondo os viajantes no chão, á maneira que os tirassem, dirigindo-lhes palavras de consolo.

Ao apear pouco a pouco se vão reanimando, reconhecem-se, fallam-se, reunem-se em grupos, com figura, passos e gestos ainda incorrectos, e enchem-se n'um apice quantos vehiculos hão de leval-os ao anciado paraiso onde o menino os espera de papo para o ar, estirado no chão!...

Devi ao favor do sr. José Maria da Costa, chefe do serviço do movimento dos caminhos de ferro do sul e sueste, a concessão de o acompanhar na sua carruagem,—e mais importante obsequio foi ainda o dignar-se sua ex.ª de amenisar a monotonia da viagem com a sua conversação illustrada e extremamente amavel.

A aridez do caminho é conhecida de toda a gente que tem viajado pelo Alemtejo. Todavia, uma especie de colonisação se tem tentado por ali fóra, nos terrenos do sr. José Maria dos Santos, e a espaços uma casinha branca, uma pequenina horta e um pedaço de vinha denunciam a existencia de gente por aquelles sitios.

Se esses bandos d'emigrantes que vão constan-

temente em busca da fortuna a paizes estranhos, onde a grande maioria só encontra a morte, se dirigissem antes para aquelles vastos terrenos, onde só falta o trabalhador, o adubo e a cultura intelligente, não veriam mais fartamente remunerado o seu esforçado trabalho, sem terem de abandonar a patria e o lar, para irem finar-se longe, sem o carinho dos seus, n'um abandono lamentavel e fatal?...

Tal foi o assumpto da nossa palestra.

Este e o menino virtuoso...

Justamente, era o menino virtuoso que eu ia ver.

O sr. Costa apeou um pouco depois do Pinhal Novo, dirigindo-se para as modestas e formosas propriedades que ali tem, e eu apeava d'ali a um pedaço em Vendas Novas.

III

Depois do almoço houve a difficuldade do transporte. Porque o menino virtuoso não está logo ali, á beira da povoação, é mister ir buscal-o ao meio do matto,—a duas leguas de distancia.

O hospedeiro offereceu-me o seu—carro toldado. Imaginei naturalmente um d'aquelles carrinhos de

palha com toldo branco, que ha muito tempo fazem a minha cubiça.

Primeiro e cruel desengano: o carro toldado era uma d'essas famosas carroças do Alemtejo, sem molas, sem bancadas, tirada por uma pachorrenta mulla guiada por um velho tropego e palerma, que a demais d'isto nunca na sua triste vida pegara em rédeas!

Tal foi o instrumento do meu supplicio durante duas horas, pelo meio de matagal e pinhaes, por cima de pedregulhos, galgando barrancos, em grandes angustias e em grandes tombos, como navio no alto mar...

E assim como o nauta leva constantemente em mira o avistar terra, assim eu anciava por avistar o menino, cuja fama enchia o mundo,—o menino milagroso!

Apeámos, eu e dois estimaveis companheiros de todo aquelle horror de viagem, os srs. José Teixeira e Quirino José Xavier.

No alto onde estavamos, cercados de outras serranias e sem nenhum horisonte pittoresco, era a casa dos paes da virtuosa criança. Entrámos, não só para tomar um pouco de descanço, como tambem para termos o gosto de conhecer pessoalmente os dignos progenitores do santo menino.

A mãe estava de cama.

—Doente?...

—Doença natural, meu senhor...

—Natural?...

—Quero dizer que a minha... sim, deu á luz ha tres dias.

—Ah!...

—E olhe, meu senhor—accrescenta lá de dentro a parturiente em voz debil—, este menino hade vir a ser ainda mais virtuoso do que o outro que vae ver lá em baixo...

—Sim?...

Prévia concessão, levantei a cortina de ramagem que separava a casa de fora da outra onde havia o alto catre antigo de madeira.

O indez, erguido nos braços da mãe, que se assentara na cama, berrava como se não tivesse virtude nenhuma. Não era atarracado de carnes, o pequenito, nem tambem um magrisella. Poder-se-hia chamar-lhe bonito?... Creio bem que não.

—Então vossemecê, ponderei eu á mãe, já conhece n'este pedacinho de gente as virtudes que elle ha de vir a ter?...

—E como não conhecer, meu senhor, se elle nasceu com as mãos erguidas e justamente ao cantar do gallo?!!...

Esta razão convenceria o mais incredulo.

Cá fóra o pae contou-me a *theoria* dos meninos virtuosos.

Não se fazem, não se inventam, estes rapazelhos assim: é mister descobril-os.

E não os descobre qualquer,—é preciso que os indique e os aponte ás turbas outro mais virtuoso ainda.

—Com o meu Luiz,—chama-se Luiz o meu pequeno, Luiz Ignacio Vinagre,—deu-se um caso que eu contaria ao senhor, senão o enfadasse...

—Diga, diga...

—Uma vez, ali ao visinho defronte desappareceu uma bacora, e veiu então elle a minha casa lamentar-se... Mal o pequeno, que tinha então sete annos, ouviu a queixa, disse logo sem mais aquellas:

«—A sua bácora está além, junto da Deffeza Grande, e pariu cinco bacorinhos.»

Pois o vizinho foi d'aqui direito ao sitio que o rapaz disse, e lá topou tudo tal e qual!

—Homem, isso só por milagre!

—Foi justamente o que eu disse á minha: só por milagre! Outra vez, veio cá um homem de Caminha, e disse que tinha a filha quasi a expirar, comida pelas bexigas. O rapaz que ouviu aquillo, declarou logo:

«—Pois em vomecê chegando a casa, já a encontra morta de todo»!

E assim foi, senhor!

—Somma, dois milagres.

—Ora havia por esse tempo em Arrayolos um grande virtuoso, um homem que fazia curas espantosas, a quem o povo recorria nas suas doenças e nas suas angustias, voltando sempre com extraordinarias melhoras. A fama do meu pequenito ia augmentando: elle ensinava aonde se havia d'ir buscar agua, como se evitava que os lobos fossem ás ovelhas, — que era fechando as n'uma arribana, — e mais um poder de coisas por ahi além no mesmo genero.

Tudo isto chegou aos ouvidos do virtuoso de Arrayolos, e um dia em que mais o apoquentava a concorrencia, elle exclamou:

«—Não sei, realmente, porque motivo veem vocês aqui affligir-me de tal modo, tendo lá proximo um virtuoso tão bom como eu e que de certo os curará a todos.

«—Outro virtuoso?...

«—Sim, gente, sim...

«—Então quem é, senhor?

«—O Luiz, o filho do José Maria, da quinta da Enfadada.

«--Vão lá, vão,—que elle *é tão bom como eu*, affirmou novamente o virtuoso mais velho.»

O povo entrou a vir, a vir, primeiro á socapa, depois aos cardumes, o rapaz entrou a botar milagres a torto e a direito, e agora é isto que o senhor vê, uma procissão, uma romaria... Só tenho receio de que o apoquentem de mais, coitadito!

O pae do milagreiro, que tinha a seu lado uma famosa espingarda de dois cannos, havia entremeado as fallas com rijas dentadas n'um pedaço de queijo e n'um pedaço de pão preto.

—E' o meu jantar, tinha-me elle dito.

—Então vossemecê não podia alimentar-se melhor?

—Ah! os senhores lá das cidades fallam bem! Mas nós cá os pobres do campo não temos outro sustento...

—Todavia, recebendo seu filho tanto dinheiro, bem podia... Disseram-me que só d'estes ultimos dias tem junto 1:500$000 réis...

—Ai, meu senhor, n'esse dinheiro não se toca, é sagrado, é lá para elle!

Já entre portas, á despedida, o pae da criança interrogou:

—Indas que eu mal prégunte, o senhor de que vae lá queixar-se?

Levei as mãos á algibeira do collete, e fiz-lhe com o pollegar e o indicador da mão direita um expressivo signal.

Creio que o homem, pelas costas, me deitou mau olhado...

IV

Descemos uma pequena encosta, direitos ao arido sitio onde varios grupos nos indicavam estar o prodigioso rapaz. Era difficil distinguil-o no meio dos demais garotos que o rodeavam; uma boa alma encarregou-se de m'o indicar.

Estava escarranchado n'um muro, e bamboleava-se como se fosse a cavallo; na sua cara enfesada e alvar, ora transparecia um sorriso, ora um simulacro de choro. Os olhos, de um azul muito claro e muito vivo, corriam incertos pelos circumstantes, sem se fitarem em nenhum e desviando-se até quando alguem pretendia encarar com elle.

Vestia calça e collete de ganga azul, na cabeça farto chapeu á marchante, e nos pés grossos sapatos brancos.

Dava as suas originaes consultas com mau modo, como quem anda muito zangado com as coisas e os

homens d'este mundo, sem attentar sequer no enfermo. Perguntei-lhe:

—Como te chamas?

—Luiz, o Bota Velha.

—Que me receitas?

—Para que?

—Para uma dôr aqui na perna.

—Flôres vermelhas.

Um dos meus companheiros queixou-se de tisica na laringe.

—Flores amarellas, ordenou o pequeno.

Fomos colhel-as, e fingindo que não tinhamos ouvido bem o recado, voltámos ao menino.

—Luizinho, diga-me, as flores amarellas são para mim, não é verdade?

—De que se queixa vossemecê?

—De uma dôr, aqui, na perna...

—Isso mesmo, flores amarellas.

—E alli para o meu amigo, que padece da garganta, as roxas?...

—Isso mesmo: ferva n'uma canada d'agua, até ficar n'um quartilho, tome tres copos de dez réis cada dia.

E assim trocámos os remedios, cujos effeitos haviam de ser eguaes, e assim tivemos a prova da inconsciencia e da ignorancia do *medico!*

A's vezes, o menino zanga-se, berra que se vão todos embora, que não easina mais nada, que se retira para o campo, e então, depois de dar meia duzia de cambalhotas sobre molhos de feno, corre para o meio da encosta, e chama de lá:

—Agora que venha um!

E os crentes approximam-se novamente.

De outras vezes toma o caso de galhofa, e receita:

—Vá para casa, e beba vinho até rebentar!

Quando os pobres pacovios vão para gratificar o menino, elle choraminga que não acceita, que não quer, que não recebe—e ao mesmo tempo levanta o braço esquerdo á altura dos olhos, deixando a descoberto a algibeira do collete,—uma algibeira que tem de comprido dois decimetros, onde os tontos depositam então as suas esmolinhas, e que o virtuoso vae, de vez emquando, despejar em casa.

E assim é que cem ou duzentas pessoas vão por dia, consultar o Menino Virtuoso, ouvindo invariavelmente a mesma receita para todos os males, voltando doentes os que foram sãos e *curados* os que foram doentes...

Excepto o pobre pedreiro dos arredores de Vendas Novas, que ficou á morte, de um volvo que teve, depois de tomar a tal xaropada!...

V

Antes da retirada, o sr. Frederico Magno Durão de Sá, estimavel e illustrado cavalheiro de Montemór-o-Novo, e dono da vastissima herdade da Defeza Grande, convidou-nos para tomar um delicado *copo d'agua* em sua casa, onde fomos extremamente e amavelmente obsequiados por suas formosas e gentis filhas D. Paulina Candida de Sá, D. Maria Emilia e D. Joanna Laura. As agradaveis horas que alli passámos foram para nós um grande consolo dos martyrios da viagem e das torpes scenas que a explorada estupidez, a ignorancia e a parva crendice da nossa gente nos tinha mostrado!

VI

E assim como aquelle desventurado, de quem a Fortuna se escapulira surrateiramente, emquanto colhia violetas, assim eu, no regresso, pelo meio de toda aquella gente que sobraçava grandes molhos de flores vermelhas e amarellas, via fugir ao longe toda a fé, todas as illusões, todas as tenues crenças na illustração e na sensatez do povo!...

AMOR DE MÃE

I

OIÇAM-ME agora um drama pungitivo, — a que chamarão talvez futil e banal. Embora! quando isto succedeu, no luctuoso lar chorou-se longamente, — e ainda hoje, quando recordo ou leio na mente a triste historia, — sem eu querer, sem mesmo saber porquê, — uma lagrima furtiva sulca-me as faces, — uma lagrima que não procuro conter e de que não córo!

II

Viviamos em Pero Pinheiro, um logarejosito á beira da estrada de Mafra. Meu pae tinha lá botica, e á ilharga d'ella, n'um predio de sobrado, como ali se chama aos de primeiro e unico andar, morava uma pobre gente: elle, um habil canteiro, trabalhava

nas pedreiras de Montelavar; ella,—boa e santa mulher!—lavava no rio d'Além, que atravessa o sitio das Lameiras: d'este casal fazia o encanto uma alegre e gentil pequenita, que andava nas primeiras letras com as manas Alvinas.

Ao romper do dia o homem punha ao hombro o sacco da ferramenta, beijava a pequenita ainda adormecida na sua caminha bem conchegada, beijava a mãe já em principio da sua diaria lida, e partia para o trabalho.

A mulher aprontava o almoço,—uma assorda ou migas de bacalhau,—que dava á estremecida filha mal que ella despertava.

A Rosalina tinha sete annos. A mãe dizia d'ella que era linda como os amores, e não exagerava. Mas era tambem travessa, ladina,—má como as cobras!

E na vespra d'aquelle dia triste, ella não acordou má, nem ladina, nem travessa. Amanheceu rabujenta, sem vontade de comer, a queixar-se de violentas dôres na cabeça e de uma certa oppressão nas guellas.

A' hora do jantar, consultado o pae, foi-se chamar o medico do sitio.

Chamavam-lhe o dr. Rodilhas; um excellente velhote e um pessimo facultativo. O seu receituario oscilava sempre entre papas de linhaça, sinapismos,

bichas e sangrias. De uma vez que eu fui atacado d'uma angina, elle fez rebentar as bolhas da guella introduzindo-me pella bocca o bico d'um funil. E depois dizia, batendo-me no hombro:

—Vamos lá, que me deve a vida!

Podia ter-lhe devido a morte.

O dr. Rodilhas veiu, tomou o pulso á pequenita, escancarou-lhe a bocca, examinou-lhe a lingua, e depois de atafulhar de rapé as enormes ventas, limpando-as com o lenço encarnado que nunca largava, disse á mãe anhelante, em tom grave e sentencioso:

—São o diabo, estas macacôas das creanças! Primeiro que a gente acerte com o verdadeiro mal, tem que se lhe diga. As pessoas grandes, em summa, sabem queixar-se, sabem dizer onde lhes doe, mas com isto de petizes é preciso adivinhar. Desatam a chorar e vão lá ter mão n'elles!

—Jesus, meu Deus! exclamou a sr.ª Vicencia. Assusta-me, doutor. Veja bem, que me diz?

—Não lhe dê cuidado, mulhersinha. Isto não é nada... ha de passar... Ponha-lhe uns sinapismos... e nas fontes umas rodas de limão... Mistura salina tambem não é mau...

—Sim, sim... immediatamente, sr. doutor.

—E não m'a deixe levantar-se da cama nem pôr pés na rua, ouviu?...

—Credo, sr. doutor! Eu deixava-a lá sair! Ouves Rosalina, não vaes hoje á mestra.

—Tinha promettido levar-me hoje a Lisboa, para comprar a boneca... choramingou a pequenita.

—Ainda não, filha, ainda não... outro dia será, alma da minha alma, unico bem do meu coração! Olha, irá teu pae, elle t'a comprará.

—O papá?... Não, não vae comprar-m'a das mais baratas, das mais feias... Ha de ir a mamã, só a mamã, que estima a sua filhinha sobre todas as coisas d'este mundo, pois não é verdade?

—Meu querido anjo, vida da minha vida! — Vê, doutor, vê a joia que Deus me deu? exclamou a sr.ª Vicencia, com os olhos cheios de lagrimas d'amor e d'orgulho. Sim, filha, sim, eu propria irei, ainda hoje.

—Quero que seja muito bonitinha...

—Sim, sim... Mas has de aprender as orações que te eu ensino, has de tomar sem custo os remedios que o doutor te receitar.

—Olhe, mãe,—eu não quero uma d'essas bonecas de trapo, mal feitas e desastradas. Quero uma boneca bem alta, de bochechas coradas, compridos cabellos caidos pelas costas, das que dizem *papá* e *mamã*, uma boneca que dê contentamento, cubiça e admiração a todas as raparigas de Pero Pinheiro.

—Assim será, se tiveres muito juizinho... será como tu, que és o primor dos primores!

—Que seja tão bonita... como a minha mamãsinha!

—Como um anjo de Deus!

—Então leve bastante dinheiro, mamã, porque ha de custar-lhe muito cara!

III

Em solteira, a Vicencia fôra serviçal de nossa casa, quasi que de pequenina. Era como pessoa da familia, e creára a nós todos entranhado affecto.

Era quasi bonita, antes de ser mãe. Enfeitava-se aos domingos com uma certa garridice, cuidava da frescura do semblante e da composição do penteado com uma arte que mal parecia de mulher do campo.

Depois de casada, toda se desvellou por agradar ao esposo,—um honrado operario, desde muito moço creado em casa do administrador do concelho de Mafra, onde recebera uma educação que o collocava intellectualmente um pouco superior aos seus companheiros.

Mas Vicencia, mal que viu nos braços aquelle adorado pedaço das suas entranhas, n'elle concen-

trou todos os seus affectos, todas as suas faculdades, todos os seus pensamentos.

Ter a filhita nos braços e passeal-a até á pedreira, aonde ia leval-a aos amorosos beijos do pae, velar-lhe o somno durante as noites junto do pequenino berço, prevenir-lhe os achaques, acalental-a para que não chorasse, satisfazer-lhe os pequenos caprichos, preparal-a desde a primeira infancia, por meio de palavras e de exemplos, para a suprema educação da mulher,— que é ensinar-lhe a querer sempre o bem; questionar com o esposo porque não estremecia a pequenita,—e elle estremeci-a doidamente!... — mirar-se n'aquelles olhos azues, claros, meigos, tranquillos,— que eram os pequeninos ceus da sua felicidade!—espelho em que para ella se reflectia a creação,—taes eram os constantes disvellos, os prazeres e os cuidados unicos da Vicencia, da boa e santa mulher.

Como lhe era agradavel o padecer, — se pela filha padecia! como era triste para ella a mais alegre diversão, quando a filhita, presa na cama pelo somno, estava ausente!

E assim, n'estes disvellos, n'estes amargores e n'estas alegrias, o semblante da Vicencia foi tomando outra expressão, um tom mais severo, deixou de ser menineiro como d'antes, e houve até

quem, não a tendo visto nunca, chegasse a chamar-lhe feia.

Feia!—talvez, para as vaidosas e para as indifferentes;— mas formosissima quando,—na doce contemplação da filhinha, resplandecia n'ella, com indisivel fulgor, a luminosa corôa do amor maternal.

IV

Era mister satisfazer o pedido da Rosalina, não havia addiamento possivel, nem tinham agora cabida os pequeninos subterfugios nem os manhosos enganos com que frequentes vezes nos furtâmos a satisfazer os desarrazoados e innocentes caprichos dos nossos filhos.

Depois de pedir a minha mãe que vellasse junto da cama da Rosalina emquanto ella ia a Lisboa,— é só da sua antiga ama confiaria aquelle precioso thesouro! — e tendo chamado tambem a vizinha Francisca para qualquer eventualidade, a Vicencia compoz ao espelho o penteado, poz o seu vestido e o seu chaile dos domingos e mettendo-se na diligencia de Mafra veio para Lisboa.

Pouco sabia ella da cidade, mas indicaram-lhe

que nas lojas do Chiado encontraria a mais completa realisação dos seus desejos.

Mas a escolha era, em boa verdade, o mais difficil, porque se as bonecas que lhe offereciam eram bonitas, garridas, caprichosas e de valor, — bem mais valor tinha, bem mais caprichosa. garrida e bonita era a senhora sua filha!

Por fim comprou uma, que lhe pareceu a mais formosa, de faces rosadas e frescas, com um lindissimo vestido de noiva e uma pequenina corôa de flôr de larangeira a encimar-lhe as compridas tranças de sedosos cabellos loiros, mais frisada que um cortezão em dia de gala...

E depois de a comprar e de a escolher,—e comquanto fosse a mais formosa de todas, — entrou a parecer-lhe feia.

— Gostará d'esta? dizia comsigo. — Ah! accressentava depois, eu quizera para a minha querida Rosalina uma d'essas bonecas riquissimas com que nos palacios reaes as princezas brincam!

V

A Vicencia teve uma idéa... como lhe chamarei? ... uma idéa sacrilega! Quiz que aquella bo-

neca, que ia ser a felicidade de sua filha, recebesse a benção d'um sacerdote!

Vicencia passou rapidamente o perystilo, ergueu o panno encarnado cautelosamente, para que não se desalinhasse a cabelleira da boneca, e ajoelhou-se ao centro da egreja.

Resplandecia o templo como gruta aberta em diamante; o incenso erguia para o adornado tecto os seus aromas penetrantes, do orgão expandiam-se umas notas que deleitavam o coração e que ás almas dos fieis davam as mais suaves commoções; — pelo meio da extensa nave descansavam em oração os peregrinos da terra em viagem para o céu.

Terminou o officio divino, o padre proferiu o *Ita missa est*, e quando elle se voltava para abençoar os fieis, a Vicencia cortou nos labios uma oração pela filha — ergueu-se nos bicos dos pés e estendeu o braço para que a benção do sacerdote chegasse mais completa e melhor, por cima de todas as cabeças, á boneca que para Rosalina ia ser a origem d'um sem numero de grandes alegrias.

E então a Vicencia, sem que soubesse porquê, sentiu os olhos razos de lagrimas.

VI

O regresso a Pero Pinheiro havia de ser na outra diligencia de Mafra, que então partia de Lisboa ás quatro horas da tarde.

N'ella se metteu a Vicencia, levando na mão, cuidadosamente, e sorrindo-lhe ás vezes como uma tonta, a boneca benta e por isso mesmo dispensadora de felicidade.

Pelo caminho foi pensando na sua Rosalina.

—Vae fazer oito annos, dizia ella entre si, está um poucochinho adoentada, isso está, mas aquillo ha de passar. Filha das minhas entranhas!... Eu te darei vida com os meus beijos e os meus abraços!

«Ah! Se eu soubesse que ella havia de viver muitos annos — oitenta ou noventa!— não me importaria o morrer!

«No collegio é a mais applicada de todas, — assim como é a mais perfeita! Mas não quero deixal-a estudar muito, que póde a saude resentir-se cada vez mais. E para que lhe serviria estudar de mais? Se ella tem um tão natural e brilhante talento!

«Depois, que farei d'ella? A fortuna ha de ser-lhe propicia, porque Deus auxilia sempre os bons e os honestos!

«Quem sabe se um mocinho virá pedil-a em casamento, e se a minha estremecida filha viverá ainda n'um palacio, aonde a velha e achacada mãe vá visital-a e extasiar-se ante os esplendores do seu viver!

«Ha de ser feliz, muito feliz! Que homem não a amará, sendo tão formosa como é? Quem não lhe dedicará affeição, tendo um genio tão affavel como tem? Quem não ha de protegel-a, se todos ficam presos pelos encantos da sua extremada sympathia?

A Vicencia fez uma pausa no seu intimo discorrer, e depois, como que resumindo todas aquellas idéas, e apertando contra o peito a boneca abençoada pelo padre, exclamou com espanto dos demais passageiros da diligencia:

—Deus do céu, muito, muito feliz me fizeste!

Uma hora depois entrava na sua pobre casita de Pero Pinheiro.

Mas antes d'entrar, em quanto se demoravam em abrir-lhe a porta, n'um predio fronteiro, um mocho piou tres vezes.

VII

A Rosalina dormitava, quando a mãe entrou, e tinha a cabeça reclinada com desanimo sobre a almofadinha. Aquelle pequenino rosto angelical estava totalmente mudado pelo soffrimento, pela dôr e a febre.

Já nos labios não tinha sorriso, nem côr nas faces, nem luz nos olhos, — já não era traquinas nem travêssa!

O ruido da porta fel-a abrir os olhos. Ergueu-os melancholicamente para a mãe, — pol-os quasi que em alvo, como n'um espasmo,—e tornou a fechal-os no meio d'um suspiro afflictivo.

—Meu Deus, meu Deus, que é isto? exclamou Vicencia correndo para a cama. Que succedeu aqui, senhora minha ama? Filha, filha,—que tens, anjo?... Jesus me valha!

E a afflicção, a entranhada angustia da boa mulher, ninguem poderia descrevel-as!

Minha mãe, de vela á cabeceira, não respondeu porque lhe embargaria a voz a commoção.

Foi a outra vizinha que volveu, sorvendo d'entre os dedos o costumado rapé:

—Augmentou-lhe a febre e não ha quem a faça engulir qualquer coisa... Já chamei outra vez o dr. Rodilhas... saíu agora mesmo... e elle então disse... sim, disse que...

—Que foi, que foi que disse?... Não, não, cale-se, não repita essa enorme falsidade!... Mas não... eu bem leio no semblante de minha filha o muito que ella padece!

D'ahi, correndo as mãos pela testa, bradou n'um impeto :

—Mas porque, porque se foi o doutor ? Vão immediatamente chamal-o, tragam-m'o aqui, quero fallar-lhe, quero que me diga a mim, — a mim, se é capaz ! — uma unica palavra de desconsolo !

E pelos olhos da Vicencia passavam rapidamente, como relampagos de luz e faxas de sombra, a ira e os desfallecimentos.

Até que, sentando-se do outro lado á cabeceira da cama, e descançando a cabeça sobre o enxergão, desatou em silencioso pranto.

N'este comenos alguem tinha entrado. Minha mãe ao ouvir outro pranto suffocado, voltou a cabeça.

O pae, que chegára do trabalho, chorava tambem...

VIII

O anjo voou.

A Rosalina já não existe. De que morreu? Ora! as creanças morrem de qualquer coisa!

Mas antes de morrer teve ainda um longo olhar lacrimoso para a mãe e para a boneca, e achegando-as ambas de si até lhes tocar com os labios, beijou uma apoz d'outra.

A pobre Vicencia passou toda aquella amargurada noite de joelhos no chão, com a cabeça encostada á cama onde jazia o inanimado corpo da filha, que ella não queria fitar.

E alli, n'aquella adoração muda, teve uma extraordinaria visão...

Rasgou-se o ceu em deslumbrantes ondas de luz, e cercado de explendorosas aureolas appareceu Deus no seu throno de ouro, cercado de archanjos e seraphins.

O que estava mais proximo do Eterno tinha nos braços uma boneca de longas tranças loiras e rosadas faces... Vicencia reconheceu sua filha...

Sua filha, que lhe sorria, e lhe enviava repetidos beijos...

Beijos que ao despedirem-se d'aquelles pequeninos labios lividos se convertiam em estrellas de vivissima luz...

Sua filha, que lhe dizia com o mais angelical sorriso:

—Mãe, mãe, não chores... A ventura que eu disfructo agora, não a teria nunca na terra!...

—Só me consola, estremecida filha, de te haver perdido, o vêr-te agora ao lado de Deus!

E como o pranto e os soluços da Vicencia redobrassem, o anjo bradou-lhe:

—Mas não chores mãe, não chores... porque em breve serás comigo!

Aos oito dias depois do fallecimento da Rosalina, —a Vicencia dava a alma ao Creador!

IX

Tal foi o drama pungitivo que acabam de me ouvir,—e a que chamarão talvez futil e banal. Embora! quando isto succedeu, no luctuoso lar chorou-se longamente,—e ainda hoje, quando recordo ou leio na mente a triste historia,—sem eu querer, sem mesmo saber porquê,—uma lagrima furtiva sulca-me as faces,—uma lagrima que não procuro conter e de que não córo!

UM

CRIME HORROROSO!...

I

PROLOGO

Tinha sido um dia escasso de acontecimentos, um d'esses dias que fazem o desespero do noticiarista como Deus manda.

Depois de jantar deitei-me um pedaço, mas em balde pretendi conciliar o somno...

Porque ás vezes, dormindo, ha um sonho, um pezadello, — uma vizão se querem, — que a gente depois impinge aos leitores como coisa realmente acontecida.

Eu estava então na força da juventude e das illusões que a acompanham. Não sabia ainda que os comboios que partem pela linha do amor,—regressam quasi sempre pela linha do desengano...

Devo dizer-lhes tambem, para melhor comprehensão da exacta verdade que vou referir, que por

esse tempo escrevia eu uns folhetins com o titulo de *Actualidades*, e assignados *João Ninguem*.

Adeante...

N'aquella noite, totalmente vazia de noticias e de assumptos, como já tive a honra de lhes dizer, encaminhei-me cabisbaixo e meditabundo para o escriptorio da redacção.

Sentei-me, peguei na penna, experimentei-lhe os bicos... Irra! estavam pegados pela tinta!

Os alvos quartos de papel estavam empilhados deante de mim.

Finquei os cotovellos na borda da mesa, descancei a cabeça entre as mãos, e deitei novo relancear d'olhos pelo passado, alonguei a vista pelo futuro.

Mas não dei na testa a palmada significativa de ter achado o que na mente procurava.

Principiei um titulo, ao acaso...

Um caso mysterioso!...

Diacho! a tinta está grossa, a penna recusa-se a correr.

— Manuel, traze uma gota d'agua ou de vinagre.

Veio, e a Rainha das Tintas ficou mais docil.

Todavia... agora de que seria?...

Ah! maldita penna! Uso d'umas que teem os bicos um poucoxinho revirados, americanas, creio eu, — *The Waverley pen*, — que correm por cima do

papel com uma velocidade de 600 cavallos por hora...

Mas n'aquella noite, decididamente, os cavallos estavam pegados!

Outra penna nova... Assim!

N'outro quarto de papel, principiei novamente. *Um caso mysterioso!...*

Mas diluiam-se as idéas, quando por acaso alguma me occorria...

De repente, porém, a gota de tinta pendente da penna, engordou a olhos vista, prompta a precipitar-se em feio borrão, se não me resolvesse por fim a guial-a n'uma linha irregular de palavras e pensamentos...

Desceu e entrou a correr...

A correr, e a desenhar sobre o branco *lingoado* os arabescos e as garatujas do alphabeto, cujos variados enlaces produzem a vida espiritual do genero humano.

A desenhar, e a traçar cordilheiras de palavras, rios de pontos, milhares de cômas, que pareciam aves esvoaçando pelo meio das linhas pretas e brancas...

Tive de fazer-lhe uma invocação.

— Pára, — oh penna! — pára ante os pontos suspensivos, como quem pára á beira d'um precipicio!

Esgrime o baculo da admiração, ou arrima-te, em te sentindo cançada, ao curvo cajado da curiosa interrogação.

Prende no meio de parenthesis as palavras que pretenderem alterar a ordem estabellecida pela syntaxe,—que é a carta constitucional d'este reino dos vocabulos.

Sublinha as palavras que forem de interpretação duvidosa, afim de que pelos *rails* da tinta cheguem mais directamente á alma.

Se te parecer, enrosca-te á maneira de saca-rolhas, quando o meu nervoso pulso te dictar uma phrase incomprehensivel.

E se quizeres, em a minha dextra serenando, traça galhardos perfis...

Brinca, pula, revoloteia, faze cabriolas e piruetas, mancha o papel com as tuas zombarias...

Mas não me peças o impossivel, não me peças que te empregue em relatar o que não succede...

Vejo, porém, n'este instante, que em copiar os meus conselhos te *esgotaste*, oh *gota* da rainha das tintas!

Pouco resta já da tua humidade na minha penna, mas ainda assim, creio que chegará para...

II

ENTREVISTA D'AMOR

N'este comenos oiço gritar da porta do escriptorio:

— O sr. João Ninguem?...

Era o correio da noite que chegava, com uma carta na mão.

— Sou eu...

— Faz favor...

E entregou-me a carta.

Um bilhetinho perfumado, d'elegante papel e luxuosa marca, que desdobrei precipitadamente e li todo tremulo.

Dizia d'este modo:

«.... Sr. João Ninguem.

«Ha muito tempo que leio os escriptos de V.... com interesse cada vez maior. Tenho pelos seus folhetins, pelos seus romancinhos, um verdadeiro delirio. Depois de os lêr, sempre me parece que conheço V.... ha annos. Consentirá V... em que

este conhecimento se torne pessoal e effectivo? Ámanhã, das trez da tarde em deante, esperal-o-hei n'esta sua casa, rua de S. Pedro d'Alcantara, palacio numero...

«Sua apaixonada admiradora,
«*Leovegilda de M.*»

Uma entrevista d'amor! Não podia haver nem sombra de duvida a tal respeito.

Entrevista d'amor, e com uma — donzella, viuva ou casada? — d'elevada cathegoria!

D'elevada cathegoria, sim, meus senhores... diziam-m'o de um modo incontestavel o aristocratico papel do bilhete, o finissimo perfume que elle n'um instante espalhou em todo o escriptorio da redacção, e por ultimo a morada que no escripto se indicava.

No auge da minha alegria, — entornei o tinteiro por cima das notas com que o administrador do jornal acabava de pagar-me o vencimento do mez!

Tinha dinheiro e mulher! Sim, porque todo aquelle enthusiasmo pelos meus pobres folhetins, — não occultava claramente uma fogosa declaração d'amor d'uma formosissima dama?...

— Formosissima dama...

Estaquei... fiquei-me boquiabero para o tecto

do escriptorio, porque uma desagradavel reflexão me atravessou subitamente o bestunto:

—E se fôr feia?... ou velha, que vem a dar na mesma?...

Os companheiros de redacção, cuja curiosidade fôra despertada pelas minhas exclamações e pelos meus singulares modos, e aos quaes eu não pudéra deixar de dar conta do estranho caso,—entraram a motejar-me, e um aventou até que a formosissima dama não podia ser se não a *Rainha das Arabias* ou a propria D. Amalia I, outra rainha, mas do Congo. E que honra, ser-se hoje rainha do Congo!

Em summa, um poder de chufas por ahi além.

Eu estava em cocegas, n'um verdadeiro tormento, ancioso por saber o que devia pensar ao certo d'aquelle estranho caso.

Resolvi-me e chamei o moço da redacção,

III

UM ENVIADO EXTRAORDINARIO

Ora o Manoel Fabião, — tinha por alcunha, que nós lhe haviamos posto,— o *Maráu*.

Este appellido indicava pittorescamente como o

sugeito era finório e entendido nas artes da manhã e do bom gosto.

Coitado! Morreu ha dias esse dedicado servidor, que foi ao mesmo tempo um amigo leal. Morreu extenuado pelo cansaço de uma lide permanente, deixando em nós todos uma recordação boa, ainda que saudosa!

Mas vamos ao caso.

Chamei o Fabião e disse-lhe:

—Manoel, você quer ganhar cinco tostões?

—O sr. offende-me!

—Então porquê?

—Porque duvida, uma vez que pergunta.

—Ora muito bem. É facil o que vou pedir-te.

—Queira dizer.

—É preciso que hoje mesmo, sem falta nenhuma e quanto mais depressa melhor, vás indagar com toda a cautella e segredo, que idade e signaes particulares tem a sr.ª D. Leovegilda de M., moradora no palacete n.º.... da rua de S. Pedro d'Alcantara.

—Se é só isso, conte já como ganha a tal *carinha*. Vou n'um pé e venho n'outro. Isto é um abrir e fechar de olhos!

E deitou a correr.

IV

MEDITAÇÃO

Saí para o corredor, com a carta na mão, e como se quizesse decoral-a, reli-a mil vezes, aspirei-lhe o suave perfume mil e trez vezes — creio que até a beijei, valha a verdade, — esperando sempre, cada vez mais ancioso.

— Lá velha não póde ser, dizia eu com os meus botões. A letra é bonita, clara, escripta por firme pulso. Ha na phrase uma certa vehemencia, e este perfume não é só de Jokey-club, — é tambem de mocidade. E d'ahi, é crivel que o inverno viesse cortejar a primavera?...

Eu distribuia a mim proprio o papel de primavera, com essa encantadora modestia que frequentes vezes usâmos...

— Velha não é, isso com toda a certeza. Mas se fôr horrenda?...

Contra esta conjectura tão medonha, devo confessar que não havia sérios argumentos.

Antes pelo contrario: — a letra clara e egual, o estylo esmerado, a irreprehensivel orthographia, —

isto especialmente! — tudo levava a crêr que a authora do perfumado bilhete cuidava muito em coisas improprias do seu sexo, quando este é verdadeiramente bello.

É sabido que a mulher bonita não tem orthographia, nem a necessita...

— Feia!... Ora adeus! Ha feias que são engraçadissimas, — ha feias mais sympathicas do que muitas bonitas...

E eu proseguia, levado nas phantasticas azas das supposições:

— E demais, a fealdade é relativa, depende do gosto de cada um.

«Ora ahi está: eu adoro as mulatas, porque me parecem estatuas de bronze; outros então achamnas figuras de chocolate réles...

«Mas tudo isto são tolices; é preciso pensar com seriedade... A verdade é que uma feia, quando lhe dá para o ser devéras, sabe Deus até onde vae parar!...

«Ja ouvi dizer que uma d'essas taes teve um aborto só de se mirar ao espelho...

«Oh, Deus! Abortarão tambem as minhas illusões?...

Com a carta na mão e os olhos fitos na carta, percorria o lageado corredor, immerso n'estas cogi-

tações, tão depressa fagueiras como repugnantes, quando de repente...

Apparece o Manuel Fabião, por alcunha o *Marau*,—que Deus haja!

V

BOA NOVA

Era tanta, em tão elevado grau, tão extraordinaria a minha commoção, que exclamei em latim, seguramente para ser mais bem comprehendido:

—*Laus Deum!*

—Soubeste alguma cousa? perguntei depois ancioso.

O Manuel fez um gesto significativo, estendeu um pouco o labio inferior, piscou o olho direito, e pronunciou esta consoladora frase:

—O sr. sempre me saiu um maganão!... Tem dedo para as escolher, tem!...

—Dize depressa: como averiguaste...?

—Pelo guarda-portão, que é lá da minha terra, ao pé de Leiria, e que fala mais que um algarvio.

—E averiguaste o que?

—Tudo.

—Dize, dize!

—Queira interrogar.

—Idade?

—Vinte annos.

Respirei como um folle,—e creio até que me subiu a côr ao rosto...

—Que typo?

—Cabellos loiros, carinha rosada, elegante... é em summa, aquillo a que nós cá chamamos—uma pequena de truz!...—O sr. queira desculpar!...

Se estava corado, seguramente me fiz branco como a cal da parede.

—Solteira?...

—Não senhor...

—Casada?...

—Não senhor...

—Então?...

—Viuva!...

Não poude conter uma exclamação, como quem desperta d'um pesadello ou apanha a sorte grande.

—Viuva!.. Aos vinte annos?...

—É como lhe digo!

—Estás certo d'isso?

—Certissimo.

—E de tudo o mais, que dizes?

—Certissimo!—Vi-a com estes olhos que a terra ha de comer!

—Ah!

Como já tive occasião de lhe dizer, o Fabião era homem de fino gosto.

—Saiu a dar um passeio pelo jardim, continuou o meu enviado extraordinario, e pude então contemplal-a bem á vontade. Que mulher aquella sr. Luiz! E de mais a mais é rica!...

—Rica?!!!...

—Pudéra! Pois se tem carruagem e o palacete é d'ella!...

Fiquei verdadeiramente extasiado,—e era tal o meu enthusiasmo que em vez de cinco,—dei dez tostões ao Manuel!...

VI

ENTRO EM SCENA

No dia seguinte ninguem podia aturar-me, nem na redacção, nem em parte alguma.

Os mais illustres e os mais insignes escriptores pareciam-me réles escrevinhadores... deparou-se-me por acaso o nome de Victor Hugo, e chamei-lhe pyg-

meu. Encontrava rapazes perfeitos e janotas, e achava-os... anões dos assobios. Na redacção appareceu-me o administrador da folha, que costumava de vez em quando adiantar-me umas líbritas, e eu fallei-lhe por cima do hombro...

Tinha levado ao espelho duas horas contadas pelo relogio. Precavêra-me com o perfume que mais me pareceu assemelhar-se ao da *carta adorada*...

Não me parecia que houvesse nos caixotins da typographia typo sufficientemente grande, bem claro, e bem preto, para estampar a minha prosa, nem espelho onde coubesse toda a formosura do meu corpo!

Tomei um trem d'aluguer,—mas disse ao cocheiro que tirasse o letreiro do numero para ficar parecendo trem particular,—e mandei seguir para S. Pedro d'Alcantara, chegando pelas 4 horas da tarde á aristocratica residencia da minha aristocratica desconhecida.

Pulsava-me o coração com a força de quinhentos e tantos cavallos...

Quando cheguei ao pé do guarda-portão, foi a muito custo que balbuciei:

—A ex.ma sr.a D. Leovegilda de M...?

—No primeiro, toda a casa...

E em seguida duas badaladas na sineta.

Apezar da oppressão do peito, subi os degraus a

quatro e quatro. Já na saleta me esperava uma elegante creadinha, que mal me viu perguntou anciosa e espevitada:

—É o sr. João Ninguem?

—Um seu creado...

—Queira entrar, senhor, queira entrar, que a senhora está á sua espera...

A minha justificadissima commoção augmentava a um ponto tal, que estava quasi quasi a suffocar-me.

Fui seguindo a creadinha...

VII

O SCENARIO

Os extensos corredores eram de marmore,—sobre o qual se estendia fôfa tira de tapete.

Creados de resplandecentes librés, formados em fileira, comprimentavam-me.

Um cão,—que parecia um urso em miniatura, veio comprimentar-me agitando a cauda...

N'um precioso gabinete, forrado a gobelinos, adornado com maravilhosas porcelanas de Saxonia, Berlim e Vienna, e moveis d'ébano com incrustações de

marfim, e espelhos de Veneza,—está uma mesa, e n'ella, sobre a alvissima toalha, dois talheres e riquissimos manjares...

Uma ceia elegante que restaura o corpo sem embrutecer a alma.

Que espirituaes gozos fermentavam na taça d'ambrosia com que Jupiter fechava os brindes dos deuses nos festins olimpicos?...

Aquella ceia ia ser a taça de Jupiter!

VIII

A SCENA

A gentil dama recommendou á criada:

—Retira-te... e olha que não estou em casa para ninguem, ouviste? Não quero que nos interrompam!

Não queria que nos interrompessem!...

O coração andava-me no peito não aos pulos mas ás cambalhotas desenfreadas. Todo eu ardia em febre.

A espevitada creadinha retirou-se, e mui discretamente fechou a porta.

Tremiam-me as pernas como varas verdes... mal comparadas.

Uma voz argentina, encantadora, d'estas que n'um momento dão volta ao miolo,—murmurou:

—Francamente, sr. João, digna-se de me dedicar algumas horas? Não o estorvarei, por ventura, nos seus quefazeres?...

—Minha... minha senhora... eu... eu... v. ex.ª estor... estorvar-me, quando me concede... a di... a dita, a feli... a felicidade de...

Tornára-me gago, tardava-me a falla, não me acudiam palavras, e muito menos phrases.

—Uma vez que tenho o gosto de o vêr aqui, deixe-me dizer-lhe que sinceramente o admiro... deixe-me até accrescentar, ainda que não devesse fazel-o, que de v. ex.ª depende o prazer que n'este mundo mais tenho desejado...

Eu exclamava:... para dentro:

(—Oh!...)

E ella proseguia com os olhos baixos, e um rubor que a tornava cada vez mais feiticeira:

—Quererá o sr. João conceder-me esse tão anciado prazer?

E tinha então um sorriso fascinador, uma expressão irresistivel. E eu continuava dizendo aos meus botões todo o assombro de que me sentia possuido:

(—Oh!... oh!...)

Mas de repente cobrei animo, decidi-me a cair de joelhos,—nem de outro modo podia estar alguem ante aquella beldade,—e bradei:

—Oh Leovegilda!...

E quando effectivamente ia cair, como já disse, ella voltou a cabeça e estendeu um braço para cima d'uma secretaria que tinha proxima.

Resolvi não cair...

—Pois que tão amavel é, disse ella n'um tom suavissimo, principiemos...

(—Oh!... oh!... oh!...)

—O que lhe peço é que me corrija qualquer defeito... sim, porque... apezar de tudo... ainda sou uma principiante.

Eu já não tinha exclamações disponiveis. E a esse tempo, ella retirava de cima da supracitada secretária um maço volumoso de *linguados* escriptos.

—É um romance de costumes, disse ella, a que puz por titulo: *Um crime horroroso*. Olhe, o primeiro capitulo tem esta epigraphe: *Amor infeliz*. Que lhe parece?...

Caí das nuvens!

Não pude responder nem um monosyllabo, porque fiquei como se de repente houvesse desabado sobre mim o arco da rua Augusta!

Por fim pude tomar o folego e articular a muito custo:

—Perfeitamente, minha senhora, perfeitamente.

—É um romancinho que me parece muito adequado para o periodico que v. redige. Em summa vae ver. Quer ouvir-me? Serei acaso massadora?

—Perfeitamente, minha senhora, perfeitamente...

Eu não atinava a dizer outra coisa.

IX

EPILOGO

A leitura durou cinco horas,—cinco, nada menos! Comi todas as iguarias, todos os doces, todos os pães, bebi todos os vinhos, todos os licores, todo o chá... Escaldei-me, engasguei-me, suffoquei-me...

De uma vez deram-me impetos de estrangular a leitora, que já não era tal gentil, nem feiticeira, nem enlouquecedora...

Pensei até em chamar a policia e entregar-lhe aquella mulher...

Quiz mesmo atirar-me da janella, quebrando vidros e tudo, e deitar depois a correr durante uns poucos de kilometros.

Tinha já escurecido, e ella continuava lendo. Afinal, tocou a campainha para pedir luz e eu, allegando urgentes occupações, ergui-me e saí de corrida, sem ao menos fazer grande reparo no sorriso gaiato da creadinha. .

E mal cheguei á redacção, mandei pelo Manuel este bilhetinho á D. Leovegilda:

«Ex.ma Sr.a

«Se V. Ex.a não occulta immediata e cuidadosamente as suporificas provas do seu atroz delicto, se não sonega, se não destroe — melhor ainda — se não rasga ou queima, sem perda de tempo, esses *linguados*, unicas testemunhas que subsistem comigo, do espantoso attentado, — com grave pezar meu, entregarei ámanhã V. Ex.a aos tribunaes, como authora unica e reincidente... *d'um crime horroroso*... o de me ter obrigado a ouvir a sua prosa, escripta com xarope de dormideiras e rosalgar!

«De V. Ex.a att.o resp.
«*João Ninguem.*»

AO APRISCO

ACABAVAM de badalar nove horas no sino da freguezia. A noite estava serena; nem uma nuvem no ceu. Os palidos raios da lua penetravam pelos vidros de uma pobre agua furtada e acariciavam as loiras cabelleiras de dois meninos palidos, doentios, tristes como a desgraça e formosos como dois cherubins.

—Ouve, ouve Luiz, disse o mais velho para o irmão, em cujo semblante vira deslisar-se duas grossas lagrimas; em casa do tio Braz estão cantando; muito felizes são aquelles! não teem fome, nem frio! accrescentou o desventurado.

—O pae de Antonio comprou-lhe um tambor,—assim! respondeu Luiz abrindo os braços; e ao Pedro trouxe um cavallo de papellão do tamanho do cão do sr. Lucas... Quiz escarranchar-me n'elle, mas o Pedro empurrou-me e disse-me: vae para tua mãe que te compre um!

—A mamã não póde, interrompeu o mais velho

em tristissimo tom, porque somos muito pobres! mas não chores, Luiz; em eu sendo homem trabalharei e comprar-te-hei o que tu quizeres.

--Tenho frio, André, murmurou a creança.

André despiu a jaqueta, e embrulhou n'ella o irmão.

—Queres que nos deitemos? perguntou, indicando um misero enxergão coberto com esfarrapada manta.

—Não, não! respondeu o pequenito; tu adormecias, e quando não me fallas tenho medo.

—A mamã não póde demorar-se, porque já é tarde, e tu has de ter vontade de comer, Luiz.

—Oh! sim, meu irmão!... não me atrevia a dizer-t'o, mas tenho fome.

—Espera, disse André esquadrinhando na gaveta de uma banca de pinho. Ainda aqui ha um pedaço de pão... toma.

—E tu, André? perguntou Luiz, olhando cubiçoso para o pão que o irmão lhe offerecia.

—Eu cá não tenho vontade, respondeu o pequeno, voltando a cabeça, porque mentia; come tu, Luiz.

Luiz não esperou que lh'o repetissem.

Lá em cima, na agua-furtada, continuavam os visinhos rindo e cantando.

—Muito contentes estão todos! exclamou Luiz.

—São os annos do tio Braz, e por isso se divertem respondeu André; eu tambem já me diverti muito...

—Quando foi isso, André?

—Tu eras muito pequeno, mas ainda me lembro! O papá sentava-me nos joelhos e dava-me muitos beijos.

—Onde está o papá, mano?

—Não sei, respondeu André; um dia foi-se e a mamã chorou muitissimo; desde então todas as noites nos diz ao dar-nos um beijo: «Rezem por seu pae».

—O filho da leiteira diz que tem o pae no Campo Santo: estará lá tambem o nosso, André?

—Não sei, mano.

—Queres que perguntemos á mamã.

—Não, choraria, e dá-me tanta pena o vel-a chorar!

—Sinto ruido no corredor.

—Escuta!

—Agora mechem na fechadura.

—Ha-de ser nossa mãe: não te assustes, Luiz.

Os dois meninos apertaram-se um contra o outro, tremendo de medo e sem se atrever a fallar.

Abriu-se a porta e entrou uma mulher na pobre estancia. Ao vel-a soltaram as creanças um grito de alegria e correram ao seu encontro.

—Mãe! mãe! exclamaram.

A mulher deixou-se cair para cima de um banco e recebeu-lhes os affagos.

—Muito se demorou! disse André.

—Traz-me rebuçados? perguntou Luiz.

A mulher estremeceu e com tremula mão afastou os filhos.

—Deixem-me! disse.

—Mãe, perguntou André, porque chora?

A mulher não respondeu.

André ajoelhou-se-lhe aos pés.

—Não chore, minha mãe, disse; se pensa em nosso pae, rezaremos por elle... e se não traz ceia para esta noite, não se afflija... meu irmão e eu já ceámos...

—Ah! exclamou a mulher, erguendo o palido semblante; quem se lembrou de vossês, anjos do céu?

—Ninguem, respondeu Luiz, mas encontrámos um pedaço de pão na gaveta da mesa.

—E chegou para ambos, accrescentou André, fazendo signaes ao irmão para que não o desmentisse.

A mulher tornou a esconder a cara entre as mãos.

—Que fiz eu, santo Deus! murmurou por entre soluços; que fiz, para que assim me castigueis!

André rodeou-lhe o pescoço com os braços e Luiz assentou-se-lhe nos joelhos.

A infeliz apertou-os contra o coração, beijou-os repetidas vezes, depois afastou-os suavemente e disse :

—Vão dormir...

E accrescentou quasi com aspereza, vendo que as creanças não obedeciam de prompto:

—Deixem-me... deixem-me !

—Vem, Luiz, vem, disse André tomando pela mão o pequenito.

E as duas creaturas deitaram-se no enxergão, tiritando de frio e contendo o pranto que lhes assomava aos olhos.

A mãe voltou ás suas reflexões.

D'alli a pouco, estava Luiz profundamente adormecido.

André contemplava sua mãe e sentia um malestar exquisito, filho, sem duvida, da fraqueza; contra sua vontade se lhe eerravam os olhos : mal ouvia confusamente as alegres gargalhadas e os cantos que desde o anoitecer lhe feriam os ouvidos, dando-lhe mais tristeza ao coração...

Uma languidez singular, quasi grata, se havia apoderado de todo elle; incapaz de resistir, deixou-se cair no travesseiro, e, sem saber, se ia dormir ou se ia morrer, a pobre creança relanceou por sua mãe um tristissimo olhar e ficou-se immovel.

Teve então uma visão... um sonho.

Como o seu ultimo olhar tinha sido para sua mãe, foi sua mãe que em sonhos viu.

Viu-a abatida, lavada em pranto; depois sombria, convulsa, passeiar pela casa e approximar-se da cama d'elle... viu-lhe nos olhos uma luz estranha, nas faces a palidez da morte e em todo o seu semblante uma desesperação immensa e como que uma resolução fatal.

A mulher contemplou por um momento seus filhos, deu um passo para traz, voltou junto da cama, e por fim caiu de joelhos exclamando em tom afflictivo:

—Perdão, perdão, meu Deus!

N'aquelle instante abriu-se brandamente a porta e appareceu um homem.

Era ainda moço; o semblante descorado, o andar mal seguro, os olhos sem expressão, sem luz, os labios contrahidos, em que vagava estupido sorriso, tudo attestava n'elle uma degradação moral, que tornava repulsivo aquelle homem, cujas feições deviam ter sido sympathicas, quasi formosas; comprehendia-se ao vêl-o que era um d'esses entes sem força, sem energia para acceitar com valor as lutas da vida.

—Por que estás sem luz, Ignez? perguntou; a es-

cada está tão escura que nem eu acertava com a porta... Com a fortuna! és muda, não me conheces? Sou eu... o João.

Ao ouvir aquella voz a mulher levantou-se convulsa, agitada.

—Ah! exclamou.

O homem approximou-se d'ella e quiz travar-lhe da mão.

—Desgraçado! gritou a infeliz.

O homem deu um passo para traz.

—Meu marido! exclamou, Maria!

E julgando sonhar, passou a mão pela testa.

—Meu Deus, está ébrio! disse a pobre mulher.

Fez-se um momento de silencio.

O homem cogitava nas suas recordações e lutava contra a embriaguez que lhe transtornava a rasão.

—A Ignez illudiu-me, dizia elle como que fallando comsigo mesmo; mas não... não póde ser... Com a bréca! enganei-me na porta... quem diabo podia imaginar que minha mulher morava n'esta casa!

Maria, quasi desfallecida, deixou-se cair no banco e desatou a chorar. João encarou-a estupefacto; aquellas lagrimas, aquella dôr silenciosa e digna, causavam-lhe uma impressão que não acertava a comprehender.

Segunda vez passou a mão pela testa.

—Lagrimas! suspiros! disse afinal: não vim para isso.

E dirigiu-se para a porta. Maria tomou-lhe o passo.

—Um momento! exclamou. Escuta-me, João.

—Deixa-me... aqui faz frio... vou cear... tens tu alguma coisa que me dês?

E soltando uma gargalhada, accrescentou:

—Porque não? Tu és trabalhadora, economica, e has de ter a dispensa bem provida.

—Teus filhos não cearam! volveu dolorosamente a pobre mulher.

—Meus filhos! exclamou João. E' verdade, tenho filhos...

—Desgraçado! suspirou Maria. Nem sequer vive n'elle o amor de pae!

—Leva-me ao pé de meus filhos, disse o ébrio; quero vel-os.

—Estão alli! respondeu Maria, indicando o misero enxergão em que dormiam as duas creanças.

—A cama não é elegante... pois não trabalhas?

—Não tenho trabalho.

—A quem queres tu enganar? A modista de mais fama...

—Estou doente, respondeu a infeliz.

—Tu, doente?

—Olha bem para mim.

João olhou... Que mudança vio n'aquelle semblante? Apesar do seu cynismo, da sua degradação, o misero estremeceu.

—Que tens? perguntou quasi com inquietação.

— Não sei, respondeu Maria; sinto frio, depois calor... doe-me o peito e tusso muito.

—Ah! murmurou João; porque não te recolhes ao hospital? Alli tratam muito bem os doentes... eu sei isto porque...

—E os pequenos? disse a infeliz.

Sem mesmo saber o que fazia, approximou-se João um pouco mais da cama,

—Demonio de rapazes! murmurou. Tens rasão!

E debruçou-se para as creanças adormecidas, e attentou n'ellas.

—São formosos, disse quasi em voz baixa, como se receiasse acordal-os.

Ia talvez enternecer-se... um violento ataque de tosse o chamou junto de sua mulher.

—Que tens? perguntou.

Maria levou o lenço á bocca, e retirou-o ensanguentado.

João estremeceu.

—Sangue! exclamou, encarando na mulher quasi com terror.

A pobre martyr apontou-lhe os filhos.

—Se eu morrer, murmurou, ficarão sósinhos no mundo... abandonados, sem amparo!

João baixou a cabeça.

—E todavia, teem pae! acrescentou a infeliz.

Um abalo nervoso agitou o culpado, que respondeu com voz rouca:

—Olha, Maria... não sou digno d'elles... o meu contacto manchal-os-ia... Além do que, tu viverás... é preciso que vivas, ouves?

E ao pronunciar as ultimas palavras, tomou um tom quasi ameaçador.

Maria travou-lhe da mão e conduziu-o para junto da cama.

—João, disse em tom solemne,—torna em ti e escuta-me. Tu foste bom, trabalhador, honrado; tu estremeceste-me, amaste teus filhos com delirio, e fizeste-nos felizes... Depois, um homem... um falso amigo extraviou-te... perdeu-te... Jogaste... bebeste... esqueceste a familia, e eu padeci sem me queixar... lembras-te, João?

O miserio occultou a cara entre as mãos, sem se atrever a responder.

Maria proseguiu assim:

—Eu não deixei de amar-te, por comprehender que eras mais desgraçado que criminoso; trabalhei

para meus filhos... para ti... e esperava tranquilla e confiada que reconhecesses os teus erros e tornasses a ser o que havias sido sempre: trabalhador e honrado... Esperei em balde. Um dia saiste de tu casa para não voltar, deixando teus filhos sumidos na miseria e tua mulher na desesperação...Porque nos abandonaste, João? Porque te esqueceste de teus filhos?

João levantou lentamente a cabeça, ergueu as mãos, quiz fallar e não pôde.

—Todavia, tu não eras mau, proseguiu a pobre mulher; tu não podias chegar, sem muito padecer, ao estado de degradação em que te encontro; tu has de ter pensado alguma vez em teus filhos e sentido a falta dos seus beijos, dos seus sorrisos... has de ter-te recordado do teu lar tranquillo e feliz... porque não voltaste, desventurado?

Uma lagrima ardente se deslisou pelas faces de João; deixou-se cair n'uma cadeira e desviou a vista da de sua mulher.

—Se te fallo do passado, tornou a infeliz, é para te dizer que apezar dos teus desvarios, amo-te .. perdôo-te... e se te conto o que tem succedido depois, se te fallo da nossa miseria, do nosso desamparo, é porque desejo restituir um pae a seus filhos...é porque tenho medo de mim mesma... é que esta noite, ao ver-nos sem amparo... sem pão... tive um

pensamento fatal!... Não me quero lembrar d'isso... Não!... não!... perdoa-me, Deus meu!... se me tivesse matado, que seria de meus filhos?

João levantou-se de um pulo e agarrou as mãos de sua mnlher.

—Matar-te! exclamou. Que disseste, desgraçada?

—As creanças teem fome! murmurou a infeliz: Em balde esmolei!... filhos das minhas entranhas!

A esse grito da alma respondeu João com outro grito cruel.

—Sou um miseravel! exclamou caindo de joelhos deante de sua mulher. Um miseravel indigno de misericordia e compaixão!

Maria apertava entre as suas as mãos do marido.

—Animo, João! animo! ainda te pódes regenerar e ser honrado!

—Meus filhos! meus filhos! exclamou João, com entrecortados soluços.

E foi-se á cama, pegou nas duas creanças, apertou-as nos braços, cobrindo-as de beijos e lagrimas.

Maria tambem chorava, mas era de felicidade.

Luiz acordou sobresaltado, e ao ver-se nos braços de um homem a quem não conhecia, entrou a gritar: mas a mãe para logo o tranquillisou.

Quanto a André, conheceu o pae e reanimou-se ao vêl-o

Quando se lhe apoiaram na fronte os labios d'esse anjo, o criminoso sentiu-se regenerado e salvo.

N'aquelle momento, ouviram-se passos no corredor, abriu-se a porta e entrou uma mulher nova e formosa.

— Ignez! exclamon João, abraçando com mais força seus filhos, e estreitando a mão de sua mulher,

— Sim, Ignez, respondeu a rapariga com um sorriso malicioso. Ignez, a engommadeira, que conhecia a historia d'este par, e se compadecia de ambos; Ignez, que preparou este lance no intuito de restituir um pae a seus filhos, a felicidade e talvez a vida a uma pobre mulher.

— Vossemecês perdoam-me? accrescentou a rapariga, estendendo uma das mãos a João e a outra a sua esposa.

— Ah! Abençoada sejas, minha filha! exclamou Maria, apertando-a contra o coração.

.....

Já lá vão quinze annos; Maria e João são felizes.

Ignez casou e é tambem ditosa.

Luiz é lytogropho, e André carpinteiro, como seu pae.

Nunca lhe fallou Maria dos extravios de João; as-

sim é que ao vêl-o tão bom, tão trabalhador, tão honrado, não se atreve a comprehender que o que elle julgou um sonho fôra realidade, e costuma dizer comsigo, recordandos os acontecimentos d'aquella terrivel noite.

— Foi sonho... não ha duvida... mas quem pudera esquecel-o!

DE MAL A PEIOR

I

ERIA coisa muito difficil, senão de todo impossivel, encontrar no mundo um marido mais feliz do que o sr. Thomé Quintino Botelho; todas as damas possiveis e imaginaveis das quatro partes do mundo olhavam para este homem com insensata cobiça, e creio que até com inveja.

A esposa de Thomé era bonita,—coisa não rara n'estes modernos tempos;—amavel,—o que se encontra algumas vezes;—e muito illustrada e judiciosa,—predicados difficeis de achar n'uma senhora.

Morava este interessante par em um modesto terceiro andar da rua dos Douradores; Botelho entrava e saia sempre á hora que mais lhe convinha; recebia da cara metade um beijinho á saída para o entregar tal e qual á entrada; nunca fôra interrogado ácerca d'onde ia, e, coisa rara e admirabilissima! não havia ideia da menor dissensão entre os dois conjuges.

Era notado este excellente marido entre a soce-i dade lisbonense pelo assombroso aceio com que sempre se apresentava, pelo singelo, mas engraçado laço da gravata, pelo chapeu comprado na rua dos Cavalleiros pela modica quantia de 600 reis, mas sempre muito escovado; pelos correctos e augmentados collarinhos que usava; e principalmente, porque nunca em seu fato fôra notada a falta nem de um só botão!

Ó malaventurado Botelho! desditoso mortal! porque não te levou a breca na vespera do dia em que começa a minha narrativa?

Terias ido servir de pasmo e admiração a todos os habitantes do outro mundo, que nunca lá apanharam um marido que levasse pena de deixar a esposa cá por baixo.

Basta de exordio. Entremos pela narrativa.

. . . . . .

II

Uma vez disse a menina Sophia a seu marido:

—Meu Thomésinho, faz hoje um bonito dia da primavera; o céo está claro e o sol não apoquente

muito: vae passear, anda, que um dia assim deve aproveitar-se.

Botelho vestiu-se com toda a decencia, pegou no chapeu, e seguiu machinalmente o conselho da cara metade.

Quando porém o nosso homem ia já caminho da ponte dos vapores para gosar da fresca viração entrou a reflectir nas palavras de Sophia, e concluiu achando-as nimiamente contrarias ao costume em que ella estava de deixar ao marido plena liberdade de acções.

—Porque diabo será que a Sophia me manda passeiar? pensou elle.

Resultou d'estas desconfiadas ponderações, que não obstante a puresa do firmamento e o brando calor do sol, Botelho passeiou poucochinho.

Quando chegou a casa estava Sophia escrevendo.

Mal viu o marido, escondeu precipitadamente na algibeira uma folha de papel toda salpicada de garatujas microscopicas.

Esta circumstancia aggravante não escapou ao Botelho.

—Porque diabo será que a Sophia esconde o papel? disse elle comsigo.

Sophia fingiu levantar-se á pressa para ir abraçar o marido.

Mas tinha o rosto vermelho como o de um estudante que é encontrado pelo mestre a jogar o pião.

E Botelho dizia:

—Porque diabo será que a Sophia se torna n'uma cereja?

Mas superabundantemente convencido de que a verdade nunca seria confessada por uma senhora apanhada em flagrante, Botelho não passou dos *porquês*; e dando ao rosto risonho apparencia para disfarçar as interiores agitações, formou para logo o proposito de empregar todos os meios ao alcance da sua minguada intelligencia, afim de averiguar o mysterio que pairava em sua casa.

III

Veio o acaso auxiliar Botelho, passados oito dias de inuteis e infructiferas subtilezas.

Certa manhã vestiu elle uma camisa lavada.

Estremeceu quando notou a falta de um botão.

Similhante falta—a primeira desde que a corôa matrimonial lhe ornava a fronte!—pareceu-lhe altamente significativa!

Correu ao quarto de sua mulher, tinha saido.

Aproveitando tão propicia, como inesperada oc-

casião, tratou Botelho de passar revista uniforme e detida a quantas gavetas, condeças e caixas achou abertas.

Deparou-se-lhe o borrão de uma carta. A letra era de Sophia.

Dizia assim:

«*Meu queridinho.*

«Quando te escrevo parece-me respirar um ambiente mais puro e benefico; acho que do papel se exhalam divinos perfumes que me embriagam; julgo divisar altos thesouros de harmonia no zumbir da mosca que volteia aos meus ouvidos; creio ternos e cheios de paixão os longos trinados do meu canario; parece-me affectuoso e meigo o olhar do tótó que me afaga. Extase supremo e arrebatador era este, se de repente me não occoresse a absurda idéa de que tenho um marido!...»

Botelho caiu aterrado sobre uma cadeira.

IV

Passados alguns instantes de desfallecimento physico, o já infeliz marido ergueu-se com os olhos flamejantes, bradando fulo de colera:

—Hei-de matar a perfida!

E poz-se a caminhar pela casa a largos passos, traçando os mais excentricos *zigs-zags*.

Após alguns minutos d'este fatigante exercicio, imagem fiel do seu pensamento, parou para corrigir a exclamação d'este modo:

—Heide matar ambos os perfidos!

Tratava-se agora de arranjar occasião para surprehender os dois culpados em flagrante.

Quero poupal-o, amigo leitor, á exposição dos immensos estratagemas, emboscadas, voltas e reviravoltas que durante uma semana apoquentaram inutilmente a cruel existencia de Botelho.

Sempre malogrado, mas nunca satisfeito nem socegado, imaginou o triste marido nova correcção, e bradou certa manhã:

—Hei de matar a perfida e seguidamente... mato-me tambem!

V

Ora resoluções taes como esta que Botelho annunciára, n'unca se tomam a sangue frio.

Por conseguinte estava o nosso heroe grandemente encalmado. Entrou na *Aurea* a beber um copo com agua nevada para refrescar o sangue.

Como a agua nevada não produzisse o desejado effeito, poz-se Botelho a ler o folhetim de um periodico qualquer.

Tinha pôr titulo o tal folhetim—*Um amor fatal.*

O heroe escrevia á heroina:

«*Minha adorada.*

«Não me falles do ar que respiras, dos perfumes do papel, do zumbir da mosca que volteia aos teus ouvidos, dos longos trinados do teu canario, do meigo olhor do teu *tótó* que te affaga, nem do teu supremo e arrebator extase; eu tenho ciumes, percebes? muitos ciumes, e de tudo,—até do teu proprio marido...»

Botelho estava absorto!

De certo o que acabava de ler era uma resposta á carta cujo borrão achára no quarto de sua esposa.

Aquella escolha de expressões, exactamente similhantes, o conjuncto do ar, papel, mosca, *tótó*, canario e marido, nenhuma duvida lhe permittia; o acaso não produz d'estas analogias.

Botelho, sob as apparencias do folhetim, divisou um assustador e terrifico mysterio!

A mulher, o amor e o diabo, seu perpetuo e eter-

no conselheiro, não teem continuamente nos seus arsenaes inexgotavel provimento de incriveis malicias e de estratagemas sempre diversos e novos?

A conclusão que Botelho tirou foi que o amante a quem sua mulher escrevia, era folhetinista, e que, de accordo com ella, imaginára um meio original e novo de responder ás suas cartas, sem risco de a comprometter.

É muito natural que a ideia de *matar ambos os perfidos* viesse de novo substituir a de *matar a perfida e suicidar-se em acto continuo.*

VI

Mas onde poderia Botelho encontrar o tal folhetinista, que muito modestamente se assignava ***?

Correu a toda a pressa ao escriptorio do periodico; apresentaram-no ao redactor principal da secção litteraria.

—Meu caro sr., chamo-me Quintino Botelho.

O redactor ergueu a cabeça, olhou por instantes o rosto esbaforido do seu interlocutor, e sorriu.

—No seu folhetim de hoje ha uma grande infamia!

O redactor tornou a olhar e a sorrir.

—Peço-lhe pois, sr. litterato, e intimo-o, se necessario fôr, para que me diga o nome do culpado escriptor que se occulta sob tres mysteriosas estrelinhas.

Terceira olhadella e terceiro sorriso do redactor.

—O sr. está zombando comigo? perguntou Botelho um pouco alterado.

O redactor principal da secção litteraria resolveu-se finalmente a abrir a bocca.

—Não, meu caro senhor; dar-lhe-hei até um bom conselho, se quizer acceital-o.

—Qual é, diga depressa?

—O *culpado escriptor*, como o sr. lhe chama, saíu d'aqui ha pouco tempo... estava-lhe eu aconselhando que declarasse tudo... não duvido que a estas horas elle chegue a casa do sr., vá d'aqui ás carreiras, chegue e deite-se-lhe ao pescoço...

—Para o esganar?

—Pelo contrario,—para lhe agradecer o brilho e nomeada que certamente vae dar ao seu appellido; depois o sr. mesmo lhe pedirá que, renunciando ás trevas do mysterio...

Botelho estava indignado.

—O sr. redactor é casado?

—Sim, senhor.

—Pois então, saiba que semelhante conselho e

dado por um homem casado, é vergonhoso e auctorisa mau conceito.

E pondo o chapéo na cabeça saiu furioso.

Comquanto não houvesse obtido o nome do delinquente, sabia pelo menos (segundo o dizer do redactor), que apressando-se um pouco encontral-o-hia de certo em sua casa.

O desejo da vingança fez-lhe brotar azas nos pés.

Botelho entrou como uma rejada de vento no quarto de Sophia.

Achou-a sósinha!

Procurou.

Ninguem!

Armarios, chaminé, debaixo da cama, tudo escogitou.

Ninguem!

Quando elle estava na saleta desarrumando as cadeiras, canapés e quantas mesas havia, ouviu o ruido de uma porta girando nos gonzos, depois alguns passos precipitados, mecher de cadeiras, e passados alguns instantes elevou-se uma voz, que elle conheceu ser a de Sophia.

Ora ahi vae o que a voz dizia, com particulares entonações de suavidade:

«—Sinto-me enlouquecer, ó meu querido amor, de alegria e felicidade! Encontrei finalmente n'este

mundo um coração que pulsa como o meu, uma alma que sente como a minha, n'uma palavra, um ente que se confunde comigo... Mas não será isto uma d'essas illusões que findam breve, deixando apenas abrigo na morte?... Não me tens muito amor, meu querido, amor verdadeiro?...

Botelho estava côr de abrunho; os punhos arriçaram-se-lhe; por todo o corpo lhe corria um suor frio e o coração comprimia-se-lhe no peito.

Uma voz de baixo, de um tom exquesito, talvez por estar commovida e tremula, respondeu assim:

«—Amar-te e morrer, meu supremo bem, é o meu unico sonho!»

Botelho não pôde conter-se, já não esatva senhor de si; entrou no quarto e...

Parou estupfacto a dois passos de Sophia.

Estava só!

Assentada a uma pequena mesa, escrevia, riscava e emendava, emquanto passava a sinistra pela fronte.

—Estavas ahi? disse Sophia voltando-se muito socegadamente.

Botelho, aparvalhado, olhava para os vestidos, chailes, botas, cortinas, janellas, sobrado, tecto.

Nada!

—Procuras alguma coisa, meu Thomésinho?

—Procuro...

E o pobre marido deu á voz uma entonação melodramatica:

—Procuro o *troca-tintas* que dizia: *meu supremo bem!*

—*Meu supremo bem!* respondeu a mesma voz de baixo commovida e tremula.

—Pois eras tu?!! disse Botelho estupfacto.

Sophia soltou uma gargalhada.

—Era eu que usava, conforme o caso, do soprano ou do contralto... Eu propria representava a minha scena... Se algum dia vieres a escrever folhetins, recommendo-te este systema; não imaginas como o dialogo fica melhor.

E n'isto fez o *culpado escriptor* a confissão que lhe fôra aconselhada pelo redactor principal.

Mas Botelho é que não teve o acto de reconhecimento e alegria que lhe recommendara o mesmo redactor.

Pelo contrario, todo elle estremeceu.

Ter por esposa uma litterata!

A litterata que rasgara já o veu do anonymo, que havia de amontoar folhetins sobre folhetins; que imporia ao marido a massadora tarefa de os copiar; que mandaria o pobre Botelho ás redacções, á typographia, a casa dos criticos; que havia de con-

fiar ao marido a delicada missão de rever as provas; que... etc., etc.!!

Era passar de mal a peior!

Era cair de Carybides em Cylla!

Talvez Botelho houvesse preferido Carybides, no fim de contas!

MATHILDE, A TUTINEGRA

Foi isto n'uma noite de Natal, estou muito bem lembrado.

Mathilde, a misera pedinte das aldeias,— chamavam-lhe tambem a Tutinegra, diziam uns que por causa da sua tez accentuadamente morena, e outros que o appellido lhe vinha da triste suavidade dos seus isolados cantares, —correra já toda a estrada de Torres Vedras a Mafra. De Chelleiros chegára a Pero Pinheiro, d'aqui ao Sabugo... Depois metteu-se pela serra da Carregueira, aquelle êrmo, onde, n'um tempo assim, o ar gela e a neve sepulta.

—Vinte e quatro de dezembro! ia dizendo comsigo. A grande festa! A festa dos perús, das goloseimas, das musicas alegres! Minha Virgem Santa Maria! o goso que hoje vae por esse mundo!... Eu tambem quizera sentir assim como que uma certa alegria... Mas é tão noite, e tão escuro isto aqui... Ai, meu Deus! O medo que eu tenho! Mãe de

Deus, não me largues da mão! Assim, assim... que eu oiça o roçar do teu manto pelos silvados!...

A triste serenidade do campo, molhado pela chuva recente, dava ao animo da Mathilde um lugubre terror. Aquella escura cadeia de montes, que semelhava um rebanho de monstruosas e disformes rezes, descendo á planicie, pastoreadas pela lua, recortava os seus vultos no fundo negro, de um modo vagamente phantastico.

De espaço a espaço, um esguio pinheiro, com as franças ainda carregadas de neve, chamava á memoria da criança contos de trasgos e a historia do gigante Alandro, o das grandes barbas brancas, que trazia ás costas o velho sacco, para n'elle metter os rapazes que topava pelo caminho.

Pobre Tutinegra, sem pae, nem amparo humano! Que vae ser de ti, n'essa soledade sem fim? Os rasgões do misero vestidinho entregavam-lhe as carnes ao gelo da noite, que se adiantava lentamente com as suas sombras, povoadas de phantasmas, tornando mais alva a neve, mais empinada a encosta... As negras tranças da misera tinham ainda flocos perdidos da nevada, que ao derreterem-se faziam gotejar os cabellos.

Debil, faminta, só, cançada, sem sapatos, caminhando entre um ceu negro e indifferente e uma terra

escabrosa e ingrata, poude a Mathilde vêr, n'aquellas duas horas de caminho, um remedo do que é o espirito humano a voar, de azas molhadas, pelo ceu tormentoso da existencia!...

Quando a lua se occultou, mil luzes brilharam ao cabo da montanha, e as primeiras casas da villa de Bellas branquejaram no horisonte. Faltava pouco, um quarto de legoa: já ouvia a Tutinegra, quando leves suspiros do vento lhe levavam os longinquos ruidos, uns tenues sons de buliçosa musica. N'aquella negrura, os pontos brilhantes pareciam buraquinhos, feitos n'um papel preto, para se vêr por elles o sol.

*
* *

Não ha mais famosa casa de lavoura pelos sitios de Bellas que a dos Mauricios. Os seus celleiros são abundante receptaculo de milhares de fangas de louro grão. Todos os passaros do mundo poderiam fartar-se ali, sem que a diminuição dos immensos montões se notasse,— e, quando o tio Mauricio mede o cereal, enterra-se n'elle até á cintura!

Sobre os telhados da casa ostenta-se uma immensidade de aboboras, e em baixo, na adega, ha rios

de vinho embriagador, rios que, derramando-se fariam fluctuar a villa no meio das suas ondas.

E o pateo? Não teve Xerxes ás suas ordens tanto soldado, como gallinhas, gallos, pombas e exoticos gansos governa com o seu cajado nodoso a Maria do Beiral,—uma rapariga de 15 annos, alta e rija.

Em summa, são tão ricos os Mauricios, que Deus quando quer fazer um homem rico, fal-o Mauricio...

A Maria do Beiral acabava de recolher a criação, quando sentiu no portal ruido de leves passos.

—Quem está ahi? gritou.

Era uma sombra delgada e trémula, que disse:

—Uma esmola, pelo amor de Deus!...

A voz que pronunciou esta palavra era uma voz delicada e debil. Dizer esmola no lar dos Mauricios! Que contrasenso! Tanto valeria fallar de sêde nas margens do Alviella! A Maria ficou-se attonita, sem acertar a responder. Muitas outras vezes tinha repellido severamente os pobres que formigavam á roda da casa, como os pardaes á roda da eira; mas aquella noite, sem saber porquê, apoderou-se-lhe da alma um certo enternecimento, e não quiz, não se atreveu a dizer esse glacial:

—Deus a favoreça!

Que sôa aos ouvidos do pobre como uma terrivel blasphemia.

—E' uma rapariga! pensou a Maria do Beiral, vendo de perto a Mathilde.

E depois, contemplando a magreza da mão que se lhe estendia pedindo dinheiro, um sorriso lhe franziu os grossos labios, vermelhos como o coral...

—Pobre pequena! disse. Tu és aquí do sitio?

—Não, senhora, balbuciou timidamente a desventurada sem levantar os olhos do chão.

—Vaes de viagem?

—Vou por esse mundo de Christo!

—Vaes pelo mundo? que exquisita coisa! Mas que é ir pelo mundo?

—E' não ter casa, nem cama, nem comer. Ouvir palavras que fazem doer mais que uma pedrada, vêr por todos os lados um cacete erguido e um cão que mostra os dentes. Ai, menina! Ir por esse mundo fóra... é quasi o mesmo que ir pelo inferno!

Lá em cima, no sobrado da casa, ouvia-se alegre ruido de copos, de fallas, de guitarras e violas. Tremiam as vigas do tecto com o pular do bailarico; dançava já aos pares toda a grande familia dos Mauricios.

—Vem d'ahi comigo, disse a Maria, n'uma subita resolução. Ceiarás da minha ceia, dormirás na minha cama, e ámanhã, muito cedinho, seguirás por esse mundo,—onde só encontras cães e cacetes.

A Tutinegra deixou-se conduzir. Um estomago faminto não se faz rogar; além do quê, a desventurada sentia-se morrer de frio. Deixou-se levar pela escada de pedra, mas, ao encontrar-se em frente d'aquella porta que dava accesso para a sala, não quiz entrar.

Animadissimo quadro se lhe apresentou á vista. Ao centro do vasto casarão, a mesa cheia de rumas de pratos, torres de doce, desaforados pães de ló, incriveis broas, e abundantissima bateria de garrafas; luzes pendentes do tecto e sobre a mesa, cadeiras e poltronas de couro encostadas ás paredes, e ao fundo um fogão, onde se queima lenha de oliveira...

A' roda da mesa mais de vinte pares brincam, como lá se diz, ao som de mal afinadas guitarras e violas, meia duzia de raparigas e moços cantam ao desafio misturando coplas d'amor e coplas mysticas, setas d'alma ferida e flechas doiradas de Cupido...

Além, n'uma poltrona, que tem cravos romanos no espaldar, está o mais velho dos Mauricios, calvo, sem dentes, cheio de rugas, sorvendo de vez em quando uma gota do scintillante liquido das suas adegas, batendo as palmas em acompanhamento do canto, e saboreando um pão de ló, que lhe offerece, na branca mãosinha, a sua neta Florinda—um anjo moreno, de olhos pretos.

O avô Mauricio foi quem primeiro viu a Mathilde: mandou-a entrar, e que se assentasse ao pé do lume.

—E' este o pobre que todas as noites de Natal Deus envia á minha casa, disse afagando a carinha da rapariga, uma carinha fria e suave como rosa gelada. Cada pobre tem o seu rico, e este deve trazer sempre o outro ao pé de si, assim como o dia traz em seguida a noite.

«Determinou Deus que hoje não seja o dinheiro de quem o tem, mas sim de quem d'elle precisar. Esta rapariga é agora a dona da minha casa, a rainha da ceia; comerá no meu prato, e quero que todos a honrem como se eu fôra.

Depois, rindo da surpreza da rapariga, mandou buscar um banco alto, que servia para pôr as gaiolas das perdizes, e cobrindo-o com uma colcha valiosa, elle, elle proprio tomou nos braços a pequenita e a poz no improvisado throno.

Singular contraste! Uma pedinte presidindo a uma festa de ricos! Um montão de farrapos sobre um estendal tão vistoso e brilhante! Era como se no seio da Aurora tivesse a Noite deixado esquecido um pedaço do seu negro manto,—era como pedrinha d'arroio em joalheiro de nacar!

*

* *

Principiou a ceia. O velho padre cura sentou-se defronte do avô Mauricio e a seu lado a Tutinegra no elevado banco. Mais de doze rapazitos que assistiam á festa attentavam n'ella com assombro e curiosidade. Quando ia para se assentar, um dos pequenos passou por ao pé d'ella, acufiou-lhe o braço nú e fugiu.

A Mathilde olhou para elle sorrindo.—E assim, o primeiro sorriso, que illuminava o céu da sua cara triste, dava-lh'o a innocencia!...

A mão tremula do velho sacerdote abençoou os manjares, e avançaram pelos quatro cantos da mesa, navegando em saborosa canja, e dentro de descommunaes terrinas fumegantes quatro grandes e nedios perús, com o seu sequito de patos e gallinhas.

O vinho saiu das garrafas, e em espumante jorro inundou os copos, reflectindo o brilhar das velas, decompondo a luz, como depois decomporia as idéas, —essa luz do espirito.

A Gula sorria a um canto do casarão, observando como as mãos manejavam garfos, facas e colheres, como em torno da mesa corriam apetitosos aromas,

e como sempre se via na longa fila de comensaes mais d'um cotovello empinado, mais d'uma pupila illuminada...

A Mathilde comia tão pouco, que não parecia boca de mendiga aquelle gracioso conjuncto formado pelos dois labios descorados e as duas linhas de miudos e apertados dentinhos. Quasi que não tomava parte n'aquelle festim interminavel, ruidoso e animado. Bonita na sua palidez natural, tranquilla no seu repouso, interessante na sua compostura modesta,—parecia a deusa da sobriedade assistindo ás fartadellas da gula!

*

* *

Que Presepe aquelle!

Ainda que offenda a modestia de tres homens eminentes, devo dizel-o, era obra exclusiva do mestre-escola, do boticario e do regedor, tres pasmosos artistas, que tinham gasto um mez, muito papel de côr, papelão, tintas e gomma arabica, para tirar do nada aquelle mundo maravilhoso e delicado.

Riachos de vidro o sulcavam, fazendo no seu curso mover dentadas rodas de atafonas. Grupos de pastores de palmo e meio bailavam ao pé d'arvores

de pollegada, porque alli as proporções entre vegetal e animal eram desprezadas.

Os tres creadores do pequeno e ficticio mundo eram tão artistas, que não tinham copiado a natureza, antes a tinham forjado a seu capricho.

Bandos de patos e ovelhas pastavam alli o musgo arrancado aos muros do sitio, e d'entre uns pequeninos cyprestes saiam anjos com um papel na mão, e n'elle pintadas estas palavras:

Já chegou o filho de David!

Querem mais? Um caminho de ferro — um caminho de ferro nos obscuros annos de Herodes o Magno! — corria da grimpa á planicie com um somsinho metallico; por toda a linha, postes de telegrapho, feitos de canetas, sustentavam uma linha de algodão em isoladores de alfinetes. E ali, onde a agua cae, formando placido tanque, inclina-se um pastor para o pedaço de espelho, e varios cysnes de barro nadam junto d'um vapor de helice. Só faltava luz electrica á entrada do portal de Belem!

E já me esquecia o portal... S. José, com os braços abertos, a Santa Virgem ao pé do berço, e n'elle o Divino Menino com os olhos revirados. Mais além, o boi e a mula, e em grupo pastores e lavandeiras, soldados e moleiras, costureiras e operarios, asiaticos principes seguidos de negra escolta,

o rei Cetivayo no meio de dois officiaes inglezes, o busto de Napoleão e o cavallo de Attila! Um mixto de raças e épocas!

Mas ai, que faltava o melhor: a estrella de cauda! Aquelles sabios creadores do mundo, tinham-se esquecido de crear o sol.

D'um papel dourado se recortou, e o avô Mauricio disse á Tutinegra:

—Dá-me um cabello da tua trança, princezinha... para pendurar a estrella.

Obedeceu a Mathilde, e que lindo perfil o seu, quando, voltada a cabeça para colher uma das suas tranças, lhe caiu para traz o roto lenço preto e ficou a descoberto o precioso collo, semelhando esbelta columnata de marfim, e os seus olhos se voltaram para traz, mirando a densa mata de cabellos! Arrancou um d'elles, e estirou-o... Era um fio de ebano, uma fibra de negro crystal...

Pendente d'aquelle fio a estrella baloiçou-se por cima do presepe, e as crianças cantaram ao som das guitarras e das violas... Atravessaram os Reis a senda areada, e antes de chegarem ao portal de Belem, nas mãos dos pequeninos cantores, já o Balthazar ia sem turbante, côxo o cavallo do Gaspar, e um dos escravos pretos do Melchior... descabeçado!

A misera pedinte não desviava os olhos da estrella, sempre bailando no meio das luzes,—e triste no meio da geral alegria, sósinha no meio de tanta gente, com vontade de chorar, onde a gargalhada rebentava em todos os labios, via mais negro o seu futuro de orphã e mais escuro o caminho da sua mendicidade, que ella seguia pela mão da esmola!...

E é que os prazeres dos demais tornam mais amargo o nosso pezar,—assim como se destaca mais rudemente na luz meridiana a palidez d'um cadaver...

Cuidar que se consola um pobre dando-lhe deceiar em noite de Natal e enchendo-lhe o cerebro com os vapores do vinho velho! Levem um raio de sol á noite do polo, e notarão que ainda torna mais lugubres aquelles immensos plainos de endurecida neve. Se a caridade anda solta essa noite e carregada de cadeias todo o resto do anno, não conseguirão ver sair dos labios de tantas Tutinegras que se arrastam pelo mundo nem um unico sorriso de felicidade.

Deram duas horas n'um relogio de cuco. Calaram-se as musicas pastoris, e uma bocca, alimentada pelos pulmões d'Eolo, soprou todas as velas de cêra, espalhando-se pela sala fumo de morrão...

—Meu Deus! — pensou a Mathilde. Cheirava as-

sim a egreja quando apagaram as velas do enterro minha mãe!

Desfez-se a reunião, e nas escadas da casa ouviram-se os passos da gente que se afastava. O proprio avô Mauricio se retirou, coxeando, ao seu aposento. Até a Maria do Beiral, deitando um olhar de inveja á Tutinegra, por causa das passadas honras que lhe tinham dispensado, dizia comsigo, trepando para o sotão:

—Foi a Maria quem a trouxe, e fizeram mais caso d'ella que da Maria!

A pedinte desceu do banco, envolta na sombra, procurou o lenço d'esfarrapada lã, e atirou-se para um canto.

Chorou? Dormiu? Sonhou?...

A dôr, o cansaço e a phantasia, serviram-lhe de travesseiro, e as suas lagrimas misturaram-se com as creações chimericas da mente, vendo dançar em cyclone horrivel as figuras de barro do presepe e as sombras dos entes queridos que perdera para sempre!

*

* *

Ao alvorecer, novamente caminhava Mathilde, a Tutinegra, pela sua senda de neve e espinhos.

E no rio de Carenque, ouviu que as lavandeiras diziam umas ás outras:

—Boas festas, visinha!

E ella pensava então:

—Quando,—quando serão as boas festas dos desgraçados?...

O SENHOR DA SERRA

Esta romaria do Senhor da Serra quantas recordações tem para mim!

Só o pensar na festa deu-me como que um sonho.

Sonhei correr por um prado formoso, todo cheio de flores e de sazonados fructos, de formosas mulheres, de alegre povoléu...

O caminho era facil, os horisontes abertos, o sol rebrilhava sem empalidecer, como se nunca houvesse de occultar-se... Era o sol dos vinte annos!

Mas eu mal attentava na formosura d'aquellas flores; nem parava para saborear aquelles fructos maduros; a belleza das mulheres inspirava-me só frivolos desejos, e passava por ao pé dos magotes de povo sem lhe querer ouvir os dialogos, nem os festivos cantares. .

Os horisontes mudavam sempre, e o sol não se occultava...

—Tempo terei, dizia entre mim, para gosar com

descanço dos encantos do mundo, do amor das mulheres, do saber e da vida! Ávante!

Mas passaram-se annos e annos... Os horisontes entraram a cerrar-se; vi o sol como que despregar-se do zenith e entrar a descer rapidamente; apertou-se o caminho e tornou-se fatigoso; olhei para um e outro lado, e vi paisagens tristes, arvores seccas, mananciaes exhaustos, — prados desertos e lugubres...

A este tempo faltaram-me as forças; o meu passo entrou a ser lento; o anceio pelo descobrimento de novos horisontes decaiu com a falta de animo, e suspirei afinal por gosar d'aquelles bens que atraz deixava e por gosar d'elles com descanço...

Voltei pelo mesmo carreiro que levara... Muito triste é o passado!... As flores estavam murchas, os fructos tinham apodrecido, os animados grupos d'outr'ora estavam dispersos, as mulheres encobriam com enfeites a gasta formosura; os meus antigos companheiros estavam invalidos e velhos; nas casas habitavam pessoas desconhecidas... os nomes das que tinham existido viviam só nas lapides dos cemiterios!

Tinha passado pelo jardim do Paraizo sem parar a ser feliz na juventude... O jardim convertera-se em valle de Josaphat .. tudo estava morto!...

*

* *

Que bons tempos aquelles! Tinha eu dez annos... Meu pae, que não possue hoje um real de seu, tinha predios... Era proprietario, leiam bem isto,—proprietario em Bemfica, nada menos!

A festa do Senhor da Serra era para mim a Terra Promettida de todo o anno. Meu pae tinha-me mandado fazer um carrinho, imitando os de bois, que dois valentes carneiros haviam de puxar no almejado dia. Dois logares dentro, almofadados, e por cima um toldo de ramagem encarnada! Lindo,lindo!...

Chegou o dia! Ainda o sol bocejava e se espreguiçava antes de se erguer, e já eu, com o meu fatinho de ver a Deus, andava pela arribana a ver pôr a guizalhada nos carneiros. Apromtou-se tudo, Meu pae ia com minha mãe n'um carro grande, tambem puxado a bois, todo enfeitado a buxo, com toldo de borlas brancas, bandeirolas, balões... o diacho!

Seguia-os eu, repoltreado no meu carrinho microscopico... Lembram-se d'aquella parodia da *Gata Borralheira*, que uns pequenitos saltimbancos faziam no Price, quando vinha o trem real em minia-

tura? Pois eu ia fazendo uma figura assim, pouco mais ou menos...

Levámos um poder de horas, mas afinal chegámos a Bellas... Um encanto, aquelle largo todo!

Pela estrada fóra, uma infinidade de carros com os mais variados, caprichosos e extraordinarios enfeites; ovarinas carregadas de ouro, em descantes alegres e originaes danças, divertidos grupos de rapazes foliões, esganiçados almagamas de violas, guitarras e flautas... uma vozearia de ensurdecer!

E eu, impavido e sereno, guiando os meus doceis carneiros, seguia pelo meio de toda aquella bulliçosa turba... até que os carneiros não me deixaram seguir mais, e pregaram comigo de rebolão no meio da estrada!

Que funçanata!... Esmurrei as ventas, parti a cabeça... mas que divertida festa!...

*

* *

Annos depois voltei ao Senhor da Serra. A festa tinha perdido muito da sua antiga feição. No largo umas poucas de barracas, muitos trens, e raros carros *armados*, como no meu tempo se lhes chamava...

Entrei na quinta... Na rua dos Abraços vi uma

cara de mulher, cujo corpo convidava aos ditos... Que demonio! Eu cá não sou santo... D'allí a dois annos, aquella mulher virtuosa e boa era mãe do meu primeiro filho!

*

* *

Voltei lá este anno! metti-me no *char-à-bancs*, attenta a exiguidade de fundos: um *char-à-bancs* guiado pelo Manuel de Bellas, é o mesmo que o comboio expresso para o Porto: tres leguas, duas horas!

Assim que cheguei ao largo, coberto de poeira e dos suores que em mim punham os escandecentes raios de um sol mau, tetrico e phyloxerico (estylo moderno), exclamei para o citado cocheiro, que não sabe lêr nem escrever:

—*Les dieux s'en vont!*

Depois traduzi-lhe, em traducção de pulso livre, que eu nunca fiz d'outras.

—As romarias deram em pantana!

E de feito, que réles coisa, este anno!

Cá em baixo, no largo, meia duzia de barracas de lona esfarrapada, onde se vendia, em remendados odres uma peste chamada vinho de Torres e n'umas frigideiras negras postas de bacalhau albardado!

Sabem o que é? Um pedaço de bacalhau ruim, mettido em duvidosa massa de farinha e agua, e fritado depois... Come-se que é uma delicia, á primeira vez, mas nunca mais se torna a comer!

Pelo meio d'este simulacro de feira anda um homem esfarrapado e feio, com umas barbas parecidas com as d'aquelles figurões do presepe de Xabregas, os figurões dos judeus que sobre o tambor jogaram a tunica do Senhor...

Tambem este toca desesperadamente uma caixa de rufo; perguntámos o que era:

—Uma collecção de féras, como nunca appareceu em Portugal! Poz-se a vintem para que toda a gente gose!

Fui ver: uma carroça tapada com farrapos, e lá dentro um javali, manso como um cordeiro, um lobo, uma raposa, e dois macacos... E tudo aquillo dançava ao som do destemperado tambor do pobre hystrião!

Lá em cima, na capella, nem sequer ao menos a festa de todos os annos! Indaguei o motivo: as esmolas dos romeiros já não dão para esse luxo!...

*

* *

Acompanhava-me um rapaz algre. Fomos almoçar á hospedaria onde uma vez eu tinha comido em 1869. Quando nos serviram o queijo parmezão, seguindo o meu costume antigo, fui gravar com a faca na codêa a data em que visitava aquella casa. Imaginem o meu assombro quando vi no queijo outra data já meio sumida:

Agosto de 1869!

Era o mesmo queijo—que me tinham servido doze annos antes!

—Succederá o mesmo com ōs demais comestiveis? ponderou o meu amigo...

—Succede com tudo! Olha, ahi nessa cosinha ha frangão que para mim é gallo desde que o vi pela primeira vez no centro da mesa, excitando o apetite dos hospedes. Como se conserva? Está petrificado!

—Mas as mulheres, tornou o meu companheiro, renovam-se constantemente, e não devem ser fosseis...

—Tambem me parece que vejo ainda as mesmas caras de ha uns poucos de annos.

Chamei a dona da hospedaria. Era ainda a mesma, mas parecia mais moça e mais frescalhota.

—Joaquina! disse-lhe eu em tom ironico. Conheço este queijo, é o que vossemecê me serviu ha doze annos, quando nós ambos eramos muito mais moços; olhe o signal que puz com a faca.

Mas a mulher sorriu e respondeu tambem com malicia:

— Não me chamo Joaquina; essa era minha mãe!

Ora ahi está: as caras conhecidas que encontrei na romaria do Senhor da Serra não o eram tal: eram filhas das mulheres do meu tempo!

N'este comenos ouviu-se em baixo, no largo, um tiro, que atroou tudo.

— Acuda, meu amigo, disse eu ao honrado regedor e não menos honrado funileiro que estava comnosco á mesa.

—Sei o que aquillo é, respondeu-me elle com todo o socego. E' um excellente cabreiro que todos os domingos prega um tiro n'outro cabreiro excellente.

—Mas o senhor não acode?

—Não ha cuidado, meu caro senhor: elle nunca lhe acerta!

*

* *

De repente, no domingo á noite, correu por toda

a villa de Bellas um boato horroroso. O immenso povoléu dizia palavras como estas:

—Vossê viu? Dezesete cabeças!

—Que horror!

—E de quem serão?

—De quantos serão, deve o senhor dizer... porque uma pessoa só não pode ter tanta cabeça... salvo o caso de ser pessoa humana enxertada em hydra!

—Ah! sim! Mas o senhor não me entendeu. Pois aquellas cabeças não são...

E aqui, baixando a voz o que tinha fallado, murmurava, sorrindo, algumas palavras ao ouvido do companheiro, e o intruso ouvinte ficava cheio de horror e de curiosidade.

N'outro grupo, onde havia moçoilas rechonchudas e boas, um sujeito, bem informado ácerca do caso das cabeças, não sabia encontrar meio de dizer a quem ellas pertenciam.

Mas a curiosidade da multidão não foi muito duradoura. Multidão pertence ao genero femenino, e não pode resistir, portanto, áquella paixãosinha. Toda a gente foi ver as cabeças desenhadas a giz no portão do palheiro da quinta grande;—o palheiro era o theatro onde pouco depois se havia de exhibir umas summidades artisticas, cujos retratos, em

modesto busto, haviam sido postos a giz no portão — em ar de programma!

E mais em cima, a meio da parede pintada de amarello, um artista caprichoso tinha posto, em letras tão tortas como elle estaria, este letreiro, do qual a letra redonda mal póde dar uma idéa:

EstAlaGem

Varios intelligentes em pintura disputavam sobre quem poderia ser o auctor d'aquelle capricho, d'aquelle letereiro exterior, que desmentia, em parte, a utilidade interior, e das famosas cabeças que appareciam mais em baixo. Animou-se a discussão. Um chamou ignorante ao outro. O marmeleiro do ignorante desabou sobre a cabeça do sabio, e o sangue correu heroicamente.

—Que demonio succede alli? perguntava um individuo, quasi á porta da botica do Malheiros, e de fóra do grupo formado á roda dos combatentes.

—Nada, respondeu-lhe alguem. São dois maloios que discutindo ácerca d'aquellas cabeças... alheias, acabaram por quebrar as proprias!

*

* *

As ranchadas pela encosta da serra teem ainda a mesma feição da Lisboa antiga...

Quando era grande funcção
ir a amiga vêr a amiga
e merendarem no chão!

Cada trem leva quasi sempre os seguintes personagens: o dono da casa, em linguagem theatral, *pae nobre* ou *vegete;* a dona da dita, senhora de bandós puchados á testa, de sapatinhos de entrada baixa, lenço de seda; a filha mais velha, *ingenua* para quem a ingenuidade morreu ha muito; o primo da ingenua, e mais dois petizes, que já são netos. Appendice á familia: um enorme cabaz com tachos cheios de gallinhas e patos com arroz; appendice ao cabaz: uma enorme borracha, que pelo caminho, foi duas vezes despejada e duas vezes chéia.

A dona da casa leva uma vela de cera, ou uma tocha, conforme o milagre feito pelo Senhor foi grande ou pequeno: ha uma bitola para esta coisa de milagres.

A primeira coisa que se faz é subir á capella a depôr a offerenda e a comprar medalhas, que o pae nobre e o galã põem na banda da sobrecasaca, a dama central nas proeminencias do peito, e a ingenua... por ahi algures.

Desce a ranchada, depois de se prevenir com uns cheirosos raminhos de mangerico, para o que der e vier, e acampa sobre a fôfa relva... Isto de fôfa relva é um modo de dizer, porque lá não havia senão rostolho queimado pelo sol.

Sobre uns periodicos desdobrados estende-se a comezaina; espatifam-se as gallinhas, cada qual pega n'uma aza, no pescoço, na moela, no figado... A ingenua tira uma perna, e o primo, em ar de brincadeira, quer agarrar a perna da prima...

A dona da casa para o marido:

—Então, achas bom, menino?

Elle, com a boca atafulhada:

—Está bello, está bello! Só o arroz...

E de borracha em punho afoga em vinho o mais que tinha para dizer.

A *patroa* tirou o lenço da cabeça e desapertou as saias; as libações já lhe pozeram nas faces umas rosetas que parecem pintadas; está alegre, divertida; diz coisas a que acha uma graça infinita, e das quaes ri com as mãos nas ilhargas...

O primo revira para a prima uns olhos ternos, maliciosos, derretidos... Ella sorri e aperta a mão do galã, emquanto a mamã acha infinita graça a uma saloia que descalçou os sapatos por não poder atural-os e os leva na mão, e emquanto o papá empina a borracha, apertando-a no fundo para escorrer o resto.

—Vamos reinar? Diz de repente a ingenua para o primo.

E de mãos dadas deitam a correr pela serra, a ver se n'um apice alcaçam a grimpa.

O pae tira a borracha da boca para lhes gritar:

—Não corram tanto, que se esfalfam!

Ao que a mamã, brandamente recostada no hombro do *seu homem*, pondera sensatamente:

—Deixa-os, que estão no seu tempo! Lembras-te do que nós fizemos?

Elle que tem outra vez a borracha á boca, tira-a para dizer:

—Ora! Se me lembro!

E torna a escorropichar.

E emquanto a mulher passa a mão pela cara ao marido, em ar de *bichinha-gata,* os priminhos estão sentados no cocuruto da serra, de mãos dadas, e dizendo um ao outro coisas ternas...

*
* *

As carroças levam ovarinas, quatro, seis oito... carregadinhas de oiro. Dentro da quinta organisam bailes e descantes, acampam tambem aos ranchos pelo meio das terras, e mais modestas que a gente lisboeta, gastam mais tempo a cantar que a comer.

Os carros de bois levam as saloias dos casaes, com os seus fatos de gala; estas vão só á ermida pôr as suas offerendas, e voltam aos lares, ao passo que o homem, de aguilhão em punho, canta aos bois ou a quem quer que seja:

Tu foste ao Senhor da Serra,
nem um annel me trouveste:
nem os moiros da Moirama
fazem o que tu fizeste!

EM NOITE DE REIS

ACTUALMENTE, da velha noite de Reis só resta como que uma peça d'entrudo que se arma aos lorpas; mandam-n'os esperar os Reis, como os mandam vêr a serração da velha, e como os mandam carregados com a pedra da Alleluia.

Mas d'antes, n'esta noite, como que uma onda de selvagens ruidos percorria as ruas das cidades e das aldeias.

Pelas descerradas vidraças das casas, enchia os aposentos um clarão avermelhado, um fumo espesso e um cheiro a alcatrão e esparto inflamados.

Mal poderia perceber-se se aquella grita era de acclamações, se de pragas. Tanto poderia ser uma ovação como uma revolta. Mas, á medida que se approximavam, o estrondo augmentava e ouvia-se o arrastar de pranchas metallicas e gritos sem vocabulo,—parecendo a vinda á luz d'algum demonio na garganta de um energumeno.

Aquelle tropel clamoroso e fetido ia pelas ruas

fóra, levando comsigo os vadios e os rapazes,– como os ventos levam as folhas caidas.

E parava de quando em quando, arremoinhava-se como um vento tempestuoso, e um da comitiva pedia a escada, subia, e, dirigindo as vistas para differentes pontos do horisonte, exclamava:

—Elles ahi veem, elles ahi veem por acolá!

E a turba proseguia na sua infernal corrida, no meio do soar dos instrumentos de cosinha, do chamejar sangrento dos archotes, e dos gritos d'esses labios blasphemadores e tremulos.

*
* *

Aquella gente ia esperar os Reis.

Mas foram esperal-os assim os pastores de Belem? Era aquillo uma coisa digna de christãos? Era aquelle o commentario que os seculos deviam fazer a similhante passagem do Evangelho?

Como aquella ceremonia contrastava por sem duvida com o sublime do sagrado Portal! Os Reis, postos de joelhos, festejando um menino; por traz d'elles os seus sequitos esplendidos,—e todos os cortezãos carregados de objectos de arte e de valor, pannos preciosos, perfumes exquesitos, d'esses que

fazem sonhar o céu, o melhor e mais precioso de todos dilatados reinos...

Silencio reverente, ambiente embalsamado, contentamento e deleite universaes!

Peçam explicações ao tempo e ao absurdo, e digam-me como de então se chegou a hoje!

Mas vejamos ainda mais. Como é alta noite, e nós temos poder sobrenatural, visitemos as janellas das casas.

Olá! Se arrecadassemos todas estas botinas que n'ellas ha, poderiamos pôr uma sapataria da infancia.

Este costume explica-se. O Menino Deus nomeou seus herdeiros todas as crianças.

Para estas os reis veem, effectivamente.

Aqui está um sapatinho muito velho e gasto... Está sobre o telhado, diante da janella de uma aguafurtada.

E' um sapatinho que tem *cara* de mendigo. Sim, eu ia jurar que tem corrido muito pelas ruas, pedindo esmola.

O sapato está ao relento, muito... descomposto.

Mas apparecem na janella uns vultos. Serão os Reis biblicos?

Falam e riem.

Ouve-se depois um ruido, como que de uma moeda que cáe no sapato.

Depois tornam a rir-se e mettem-se para dentro.

Pareceram-me um homem e uma mulher. São os paes... Os verdadeiros Reis Magos!...

A'manhã o pequenito acorda, chega á janella, dá um grito e arrecada com surpreza e jubilo o sapatinho.

Toma cuidado, infeliz, não te saia essa moeda por algum dos buracos do sapato, e corra pelas telhas e caia na rua!

*

* *

N'uma noite de Reis,—quando Lisboa estava na China e a China não estava no mundo,—occorreu um caso que é historia de todos os dias.

Não darei á heroina um nome extraordinario. Para quê?

Nas relações porsaicas da vida vulgar, frequentes vezes nos sáem ao caminho protogonistas de terriveis dramas. Cada casa poderia ser verdadeiro manancial do romancista.

Na rua encontramos mulheres que sorriem e homens de aspecto alegre, mas que trazem na consciencia e no coração o que quer que seja da aspide venenosa, que deu cabo das leviandades de Cleopa-

tra,—como que uma tragedia intima que se desenvolve no mais sagrado e silencioso do lar domestico.

Essas mulheres e esses homens costumam chamar-se Francisca ou Anacleta, Antonio ou Pancracio, e os romancistas, por sua conta e risco, entram a chamar-lhes Adelina e Delmira, Raul ou Tancredo.

A mulher d'esta historia chama-se simplesmente Joanninha.

Desde pequena que se costumou ao diminuitivo,—a fórma suave e mimosa como as mães tratam os filhos.

Ah! Quando a Joanniuha era criança e tinha mãe!...

*

* *

Mas eu faço apenas ligeiros *croquis,* não grandes desenhos,—esboços e não quadros.

Os infortunios de Joanninha accusam um crime,—mas a sua historia deve durar aqui o que dura um contosinho n'uma reunião amena, litteratura de roupa leve, passo rapido e côr vivaz, em consonancia, no fim de contas, com a voluvel impeciencia da nossa raça e agitação de movimentos da vida moderna.

A Joanninha conta vinte annos, e tenho que os condensar em vinte minutos.

Foi criança, foi... mas que hei de dizer da sua aprasivel infancia?

Matou a mãe, mas sem o saber, pela surpreza criminosa de um homem iniquo.

Pobre Joanninha! Era tão feliz, no campo, com as flôres, as aves, o ar puro e a candura da sua alma, mais simples que as aves e que as flôres do campo!

*

* *

N'uma noite dos Santos Reis passou um viajante pelas soledades onde se erguia a casa branca de Joanninha e de sua mãe viuva.

A mais desfeita tempestade rugia fora d'aquelle humilde lar, onde se preparava uma ceia quasi esplendida, sazonada pelo puro amor da familia.

O viajante, caçador por curiosidade, cavalleiro em formoso potro de raça pura, apeiou prendeu o animal debaixo de um telheiro, e pediu gasalhado ás duas mulheres.

O amor christão abriu a porta da casa branca.

E o viajante entrou, foi descansar, foi seccar o fato ao pé da lareira, onde chamejava abundante

lenha, e onde a ceia, tambem abundante, com um cheirinho excitante do apetite, estava dizendo:— comei-me!

E ceiaram juntos, a mãe, a filha e o viajante.

E as ultimas labaredas do lar illuminaram o semblante angelical e formoso d'aquella criança de quinze annos, e a primeira labareda da paixão egoista luziu na cara do viajante, moço de bonito porte e modos elegantes, e cujos olhos procuravam com hydropica sede os encantadores olhos de Joanninha que os baixava ruborisada.

O moço caçador dormiu sob o tecto da casa branca.

Antes de adormecer, a Joanninha ouvira a sua mãe que os Santos Reis iam passar para Belem, deixando na janella do aposento da boa filha uma recordação de suave e santa recompensa.

*

* *

Passou aquella noite dos Santos Reis, que foi de tempestades.

Ao amanhecer do dia seguinte, brilhava a aurora. Mas muito tristemente brilhava!

Brilhava como desposada sem esposo, e com as fiôres de larangeira murchas na fronte.

Joanninha chegou á janella do seu aposento.

Sobre o parapeito estava uma açucena, menos pallida que a sua fronte, e em cujas folhas, feridas pelo calor de mão febril,—as gotas do rocio,—lagrimas da aurora,—atrahiam as suas tristes companheiras,—as lagrimas da criança abandonada.

E Joanninha chorou. Chorou, porque sobre a areia movediça viu signaes de frescos passos.

E não eram as pégadas dos camellos dos Reis Magnos, que assignalam a sua passagem para Belem, deixando santas e suaves recordações ás boas filhas.

Eram as pégadas do potro d'aquelle caçador, moço de bonito porte, que dormira na casa branca.

As pisadas do potro seguiam o caminho da grande cidade, que se erguia a poucas legoas.

Ah! aquella noite de tempestades e aquella triste aurora encerravam toda a vida de pezares de uma mulher,—como ha paginas breves da historia que encerram toda a existencia de um povo desventurado.

Digam a um povo que lhes conte a sua vida, e esse povo contar-lhes-ha,—talvez chorando,—uma só pagina.

Peçam a Joanninha o poema da sua existencia, e a sua voz suffocar-se-ha, exhalando um suspiro,—

compendiosa recordação de uma noite de febre e de uma aurora de lagrimas.

*

* *

A pobre criança conheceu o amor em toda a sua intensidade,—como um cego de nascença poderia conhecer a luz, quando pela primeira vez abrisse os olhos aos vivos e funestos clarões do raio.

Joanninha ficou ferida de morte.

Ha loucura que arrasta comsigo loucuras sem conto, e a de Joanninha levou-a ao abandono de uma mãe sollicita e de uma casa onde se deslisara a sua encantadora iufancia.

A cidade atraiu-a pela força do amor e pelo remorso irresistivel.

Assim havia de principiar a perder-se aquella formosa Magdalena, que terminou a sua vida de amor profano inundando de lagrimas de amor divino os pés de Jesus, na hora suprema do arrependimento e do perdão.

Na cidade procurou um homem, e encontrou um infame.

Pediu mercê ao amor puro e sincero, — e res-

ponderam-lhe com as seducções do ouro e da opulencia.

A criança formosa e abandonada desesperava-se na cidade, e a abandonada mãe morria de dôr no campo.

Quando Joanninha voltou, viu um tumulo fechado e uma casinha solitaria e aberta ás recordações dolorosas d'aquella triste aurora seguinte á tempestuosa noite dos Santos Reis.

Joanninha regressou á cidade pobre e com duplos crepes,—mas febrilmente disposta para a lucta.

Luctar, ella, na sua edade, sósinha, na sua situação e com os seus encantos, luctar, ella, no mundo, —era como se a ovelhinha tentasse libertar-se das sarças onde caiu, para a cada novo esforço tirar a pelle ferida e brotando sangue.

*

* *

A vida de Joanninha é agora a vida do desmando,—a dissipação da vida.

Afoga as suas dolorosas recordações, n'outra noite de Reis, esgotando a taça do festim que lhe offerece o vicio d'esses homens que são seus cumplices, e até seus verdugos, e que se dizem seus amigos,—

todos elles incapazes de comprehender quanta amargura se encerra em uma só das gargalhadas alegres que fogem dos labios de Joanninha.

Depois d'essas horas de falsas expansões, de louca alegria, de prazeres mentidos, o amor impossivel,—porque o amor nasceu e morreu durante uma noite na alma d'essa mulher,—Joanninha fica no seu toucador, rodeada de todos os esplendores de um luxo que então lhe infunde horror.

Ao espelho contempla Joanninha o semblante; e, ao primeiro clarejar da aurora, depois da noite de orgia—em que o ouro e o incenso dos Reis foram para ella o incenso e o ouro que o vicio atira aos seus idolos,—assomam lagrimas áquelles olhos avermelhados pela insomnia, brotam-lhe na mente recordações da pobre mãe, do seu florido berço, das suas orações de criança e do alegre campo, onde tivera os seus brinquedos infantis.

Ah! A sua alma, não prostituida, esphacella-se então dentro d'aquelle corpo fatigado, que ella deixa cair pesadamente sobre o leito, muitas vezes sem forças para se despir.

Arde-lhe a cabeça, recostada na almofada de pennas; e aquella risonha aurora, que vem saudal-a no seu throno de cortezã,—martyrisa-a com a recordação pungente d'aquella outra aurora triste, que suc-

cedeu aquella outra tormentosa noite dos Santos Reis.

Oh! crimes, como o d'este homem, origem de tantos males, hão de ser mais eternos que as pyramides do Egypto!

*

* *

Mas não terminarei com uma phrase tão cruel. Deixem-me sempre dizer-lhes que n'este ultimo dia de Reis houve um capitalista mais feliz do que todos os capitalistas do mundo: o rapazito da aguafurtada, que dentro do sapato roto achou um vintem, novinho em folha!

O AVÔ NATAL

Á gentil e talentosa menina

D. Candida Ayres de Magalhães Sepulveda

I

O avôsinho foi recebido pelos seis netos no meio de uma alegria infernal.

Cada qual fazia o seu requerimento:

— Avôsinho, eu quero um chapeu armado!

— E eu um capacete com plumas, que é mais moderno!

— E eu um telim com espada!

— Eu um tambor grande, muito grande!

— Eu quero uma espingarda!

— E eu uma lampreia doce! reclamava o mais pequeno de todos.

A verdade é que as enormes algibeiras do enormissimo casacão do avôsinho vinham visivelmente recheadas: succedia até que um indiscreto polichinello tinha conseguido romper o papel azul em que o lojista o envolvêra, e já mostrava aos traquinas dos pequenitos o vermelho remate do seu caprichoso carapuço.

Mas o pachorrento avô não se dava grande pressa em satisfazer a curiosidade e a cubiça do rancho ensurdecedor.

— Juizo, juizo, filhos, recommendava elle, e não alteremos a praxe de todos os annos.

A praxe de todos os annos era maçadora para os pequenitos: o avôsinho, antes de distribuir os presentes, dizia um conto proprio do Natal, um conto feito a seu modo singelo, que os mais velhos ouviam com interesse, mas que de quando em quando fazia bocejar alguns dos mais novos.

Quando o avôsinho, depois de abençoar os netos e de beijar sua filha viuva, puxou da algibeira por duas folhas de papel cheias de tremidas garatujas, todos se assentaram em torno, resmungando um d'elles:

— O avôsinho não é patriota!

— Então porque, filho?

— Porque o tambor, a espingarda, o telim, o capacete e as broas — é que são a patria!

— Mas farás favor de me dizer, tagarella, tornava o velhinho, sorvendo meio kilo de simonte, que é que hoje resta da patria? Já não ha nada d'isso! Vão vêr as confeitarias e até as proprias tendas. Ali já não ha nada portuguez, ou, se alguma coisa ainda resta, está pretenciosamente disfarçado de francez.

As caixas de dôces são verdadeiras obras d'arte, que se adquirem por subido preço; os mil caprichos da confeitaria, proprios para presentes á infancia, — preciosississimas copias de fructos e animaes, de objectos e instrumentos, — patenteiam pomposamente a sua origem parisiense; os fiambres, as lampreias, as figurinhas d'alcorce vestidas de ponto em branco, tudo isso é estrangeiro; essas incitadoras ao vicio, vestidas de preto, com toucas de ouro e prata, vieram directamente, segundo dizem, da propria *Champagne*, — e até os perús, os perús indigenas e castiços, já se julgam desfeiteados se não os recheiam com trufas de Perigord!... E' como lhes digo: já não ha patria pelo Natal!

— E não devemos por isso mesmo combater tão funesta tendencia?

— E' impossivel. Não se trata d'uma questão de entendimento, mas sim de estomago. Como querem vossemecês que a mesa resista á influencia do seculo? E' uma influencia irresistivel. O anno passado comprei tambores aos seus primos, e pouco depois de lh'os ter dado, entraram a tocar e a cantar com um barulho infernal. — Pois que imaginam que cantavam?

— Alguma toada popular...

— Justo: a Marselheza! Ora, pois, deixemos es-

tas frioleiras e escutem-me com attenção, que hão de dar o seu tempo por bem empregado.

II

Isto que vou referir-lhes é do tempo dos cruzados...

— Dos cruzados novos?

— Não, filho, do tempo em que os cavalleiros armados iam pelejar contra os infieis. Mas não interrompas, que é feio...

N'uma noite de 24 de dezembro, em triste choupana das serranias de Dois Portos, estava junta a familia toda para fazer a meia noite.

O pae, Ivo Rodrigues, teria seus quarenta e cinco annos; era alto, bem fornido, cara alegre, olhar franco; um excellente homem, honrado como poucos, coração de ouro, amigo de fazer bem até ao exagero, — como dizia sua mulher, a tia Magdalena; — tanto, que não passava pela serra pedinte algum que não levasse esmola de casa do Ivo.

Elle era pobre, coitado, quasi tão pobre como aquelles mesmos a quem dava, mas o certo era que sempre na sua cabana havia bom gasalhado e a comida que Deus queria.

Por estas e por outras, quando o povo dos loga-

rejos descia aos domingos a encosta para ir á villa ouvir missa, era um gosto vêr como toda a gente, repetia descobrindo-se ao passar-lhe pela porta:

— Salve-o Deus, meu amo! Deus seja em sua casa!

Tal qual como se elle fosse o padre cura, ou então o sr. D. Ruy de Athayde, senhor de um antigo e sombrio castello proximo de Torres Vedras.

E era justamente d'elle que se estava fallando na choupana do tio Ivo.

— Como ias tu dizendo, Magdalena?

— . . . Dizia eu que esta manhã, passando por aqui a tia Genoveva, a do serrado, me contou grandes noticias do sr. D. Ruy... Mas será bom fallar baixinho, que póde alguem ouvir-nos...

Não era de receiar; lá fóra, na serra, nevava a bom nevar e pelo chão estendia-se já um gelido e vasto lençol branco; fazia um frio de inteiriçar, e o vento soprava, rugia como em temporal desfeito por entre os esguios pinheiros e o crescido mato.

De vez em quando, os troncos rangiam, vergavam e partiam-se com estrepito, caíam choveirões e vinham umas lufadas, que parecia querer levar pelos ares a fragil cabana.

A mulher do Ivo Rodrigues proseguiu baixinho:

— Pois o marido da Genoveva já voltou, — e voltou sósinho. Como sabes, tinha ido em companhia

do sr. D. Ruy, lá para essas terras santas, e ainda estarás lembrado da grande alegria com que toda a gente d'estes sitios viu partir D. Ruy. Se elle era tão mau, tão perverso! Pois não tornamos mais a pôr-lhe a vista em cima: lá se finou por esse mundo de Christo!

—Nunca devemos alegrar-nos com o mal do proximo; mas, com respeito ao sr. D. Ruy, palavra que deve estar a estas horas fazendo companhia a seu irmão o sr. Satanaz!

Palavras não eram ditas, batem á porta da cabana, e ao mesmo tempo ouve-se esta voz suave:

—Por quem sois, oh de casa, abri a um pobre viajante que morre de cansaço e de frio!

—Valha-nos a Virgem Maria! exclamou a tia Magdalena toda tremula. Quem será, a estas horas?

—Abre tu, mulher, disse Ivo. Com um tempo assim, não se deve fazer esperar.

A serrana abriu a porta e viu diante de si um formoso pagem, muito bem vestido, e com uma carinha tão bonita, que mais parecia menina do que rapaz.

—Boa noite, meus amigos, boa noite! A paz do Senhor seja n'esta casa. Que horroroso tempo! Perdi-me na serra; não sou capaz de atinar com o caminho!

—Bem vindo seja! Sirva-se de tudo quanto aqui

houver! Faça de conta que está em sua casa! Chegue-se para o lume, ande!

— Obrigado, obrigado! basta um pedaço de pão duro e o calor da lareira. Nada mais quero.

E o pagem foi sentar-se n'um banquinho, muito chegado á chaminé, ao passo que a dona da casa ia ao armario buscar pão e queijo, e deitava depois no lume para o avivar, um braçado de vides.

O mocinho apenas comeu um pedaço do escuro pão; depois, sentando sobre os joelhos a pequenina Rosalia, a filha dos donos da choupana, entrou a contar-lhe engraçadas historietas.

Joãosinho, o irmão da Rosalia, foi sentar-se na borda do banco onde estava o pagem, para que não lhe escapasse nem uma palavra das extraordinarias narrativas.

Quando por isto deu o mocinho, disse-lhe:

— Vem tambem tu cá, Joãosinho: senta-te defronte de tua irmã e ouvirás as minhas historietas... Dize cá: tu és muito quietinho?

— Oh se sou!

— Bem, bem, Joãosinho. E hoje vaes á missa do gallo?

— Parece-me que não... O pae diz que faz na rua muito frio; tem medo que me constipe... Pois eu bem desejava ir...

— E tambem eu, accudiu a Rosalia; já ouvi dizer que esta noite se vê na egreja o menino Jesus deitado n'um bercinho, com carneirinhos á roda, e pastores, e reis a cavallo... Muito bonito ha de ser!

— Pois descancem, que hão de ir. Não é verdade, meus amiguinhos, que os deixam ir comigo?

— Deixaremos, uma vez que assim o quer!

III

N'este comenos, um furioso encontrão abalou a porta da rua.

— Abram, com mil diabos!... Fazem tenção de me deixar aqui no meio da rua, sucia de patifes?

E ouviu-se outro encontrão.

A tia Magdalena fez o signal da cruz e foi abrir. Entrou pela casa dentro, de repellão, um sujeito todo vestido de preto, que parecia ameaçar com o gesto os ceus e o mundo, blasphemando e praguejando mais terrivelmente que um arreeiro.

— Com trezentas mil pontas de Santanaz! bradava elle. E' preciso ser muito estupido para vir de Jerusalem a estas horas! Onde diabo viria eu parar? Amaldiçoado tempo este! Vamos, aviem-se, deitem lenha ahi para esse lume, e tragam o melhor que tiverem para eu comer!

Magdalena e o marido tinham ficado pasmados ante a sem-ceremonia d'aquelle sugeito e as crianças, mortinhas de susto, occultavam a cabeça debaixo da romeira do pagem.

— Então, aviam-se? berrou o desconhecido. Acaso não saberão quem lhes falla? Sou D. Ruy de Athayde, o fidalgo castellão em pessoa! Ah! ah! ah!...

E o sr. D. Ruy desatou umas gargalhadas sinistras, que davam calafrios.

Magdalena e Ivo não sabiam se estavam sonhando nem se estavam acordados: não podiam acabar de crêr que outra vez lhes apparecesse em carne e osso o maldito D. Ruy, cuja morte n'aquelle mesmo dia lhes fôra noticiada!

E d'ahi, vir assim de Jerusalem, sem mais nem mais, como se fosse o mesmo que vir alli do proximo povoado! Podia lá entrar na cabeça de alguem uma coisa assim!

A mulher deitou um mólho de vides para a lareira, e pôz ao terrivel D. Ruy o resto de que tinha para comer. N'um abrir e fechar d'olhos o sinistro sugeito devorou tudo. E, praguejando sempre, ainda que pela boca pequena, foi sentar-se tambem ao pé do lume. Só então deu pelo pagem:

— Quem diabo és tu? interrogou elle brutalmente, franzindo as sobrancelhas.

—Sou o pagem do cavalleiro Armando, respondeu simplesmente o rapazito.

D. Ruy não fez mais caso d'elle e voltou-se para o serrano:

—Então, Ivo Rodrigues, que te parece a minha visita? Honra-te a valer, não é verdade?

—Effectivamente, senhor... tartamudeou o serrano.

—Que fará quando eu te disser que tenciono passar aqui esta amaldiçoada noite de Natal!

—Mas, sr. D. Ruy... e a missa da meia noite?

—Deixa-te agora de missas! Que diacho de bem te faz a ti o latinorio do padréca?

—Como bom christão que sou, devo ir á missa do Natal: tenciono até levar a mulher e os filhos.

—Pois atreves-te, pedaço de patife? Prohibo-t'o expressamente! E se teimas, aqui onde me vês, eu, D. Ruy, mando pendurar-te pelo gasnete n'aquella arvore onde se teem balouçado muitos da tua igualha!

O Ivo estremeceu e teve calafrios ao ouvir fallar na tal arvore; mas não pôde conter-se e foi retorquindo, fazendo das tripas coração:

—Faça o que entender, mas dê lá por onde der, havemos de ir á missa do gallo!

O medonho personagem ergueu-se iracundo; dei-

tou a mão aos copos da espada e arremetteu para o pobre Ivo.

Mas interpoz-se rapidamente o pagem, bradando:

— Para traz, Belzebuth, para traz!...

E, no mesmo instante, como se vê nas magicas dos theatros, o diabo, — porque era elle todo inteiro — o diabo transformou-se n'um facho esverdeado, que foi confundir-se com as labaredas da lareira, desapparecendo entre ellas.

O serrano e a mulher haviam ajoelhado aos pés do anjo radiante, que tinha então, nascidas como por encanto, umas formosas azas de ouro: deixara a fórma de pagem e tomára a sua verdadeira fórma.

Erguendo os dois que tinham ajoelhado, disse-lhes elle:

— Bons christãos, ide á missa da meia noite e orae com fervor. O que vos disseram era verdade: D. Ruy morreu ha muito tempo, e depois de morto padece eternos supplicios pelo mal que fez na terra. O espirito infernal toma ás vezes a sua fórma para enganar os bons christãos, a quem arma ciladas. Nada temam de futuro: o seu valor preservou-os para sempre!

E, assim dizendo, o anjo sumiu-se...

Lá ao longe, na villa, os sinos tocavam alegremente, chamando os fieis á missa nocturna; o Ivo,

a Magdalena, o Joãosinho e a Rosalia dirigiram-se para a egreja...

IV

Quando os quatro voltaram da missa, tinha desapparecido a misera cabana, e havia no seu logar uma formosa casinha, com um celleiro cheio de trigo, e uma arribana onde balavam doze ovelhinhas brancas. Na dispensa, um fartote de tudo quanto era bom, nas arcas excellente roupa de linho nova e uns poucos de saquinhos com dinheiro.

E sobre uma pequena meza, como esta que aqui está, — concluia o avôsinho, principiando a desensaccar o que trazia nas enormes algibeiras do enormissimo casacão —, encontraram o Joãosinho e a Rosalia toda a casta de brinquedos e de goloseimas.

Foi aquella a primeira vez que o avô Natal trouxe presentes aos pequeninos... e, como vêem, meus filhos, ainda não esqueceu tão abençoada costumeira!

*
* *

Imaginem agora o resto — façam-me favor — mas á cautela tapem os ouvidos: a estrondosa explosão de alegria que no mesmo instante rebentou n'aquella

casa, as francas risadas juvenis, o ruidoso palmear acompanhado de pulos e cabriolas, — e a aureola que então rircumdava a cabeça veneranda do risonho ancião...

A aureola de um santo!...

PRECISA-SE UM JOSÉ

Por força, ha de ser d'esta feita! Estou decidido a entrar na despeza. No fim de contas, quando é para o bem commum, não ha sacrificio que me custe. Por consequencia, d'aqui a tres dias, encho essas esquinas de Lisboa com um poder de cartazes amarellos, vermelhos, verdes, azues,—só com estas simples palavras:

Precisa-se um José!

Dizia-nos isto hontem á noite um sujeito respeitavel, o sr. da Cunha da Costa e da Silva, deputado pelo seu circulo na camara que Deus haja, fabricante de calçado, e nas horas vagas amigo do bem commum.

—Um José! tornámos-lhe nós. A que diacho chama o senhor um José? Não quererá dizer Josésinho, os antigos capotes?

—Não, senhor, quero um José authentico, um José como aquelle da sr.ª D. Putiphar.

—Aposto que é para lhe pedir a capa emprestada?

—Não, senhor, é para lhe pedir emprestada a sua previdencia, o seu tino.

—E em arranjando esse tal José, que lhe faz?

—Prégo com elle n'um carro americano e levo-o até á rua do Arsenal.

—Para se habilitar no Fonseca?

—Qual! Para o apresentar á camara municipal.

—Declaro que não percebo nada!

—Ora vamos a saber: o sr. leu a Biblia?

—Li, sim; mas ha que tempos isso foi! Eu tinha então a mania do fructo prohibido, e tudo era procurar leituras ruins.

—Pois sim; mas lembra-se dos sonhos de Pharaó?

—Vagamente...

—Ora eu lhe avivo as idéas... Pharaó sonhou estar mesmo á beira d'um rio.—Eis senão quando, sete vaquinhas gordas e rochunchudas, que era um gosto vel-as, entram a surdir do rio e a pastar alli pelo chordeiro.—E eis agora outras sete vaquinhas, feiás e magras, que pareciam cair da bôca aos cães, a surdirem tambem do rio depois das primeiras, e a collocarem-se ao pé das outras vaquinhas, mesmo á beira da corrente.—Vae senão quando, as sete vaquinhas feias e magras que pareciam cair da bôca

aos cães, enguliram as sete vaquinhas gordas e rechochudas, que era um gosto vel-as.—N'este comenos, acordou Pharaó.

—O que eu gabo é a memoria que o senhor tem?

—Isto é simplesmente a primeira parte do sonho.

O Pharaó tornou a adormecer,—provavelmente perdêra a outra noite em ruins sitios,—e tornou a sonhar.—E pareceu-lhe então ver que sete espigas bem avolumadas e cheias de grão saiam do mesmo pé.

—Sim, bem sei...

—E pareceu-lhe depois que outras sete espigas franzinas e crestadas pelo vento do Oriente, brotavam mesmo ao pé das outras.

—Isso é historia velha.

—E as sete espigas franzinas tragaram as sete espigas bem avolumadas e cheias de grão. N'estas alturas acordou Pharaó.—Ora ahi tem o sonho.

—Muito bem; mas aonde quer o senhor chegar?

—Venho a dizer na minha que o José que explicou o sonho real era um patife esperto e ladino: porque, aqui para nós, a tal historia das vaquinhas gordas e magras, d'espigas doiradas e seccas pelo vento do Oriente está clara como agua.

—Estará, estará...

—Ora o senhor sabe tambem que famoso obsequio prestou o José ao Pharaó, e como este, sabendo

que as vaccas e as espigas representavam successões d'annos, fez, emquanto houve abundancia, os abastecimentos para a escassez.

—Sei, sei.

—Tambem não deve ignorar que, em virtude de tão sensata providencia, foi salvo o povo terrestre da mais infallivel destruição. A Biblia é cathegorica:

«Vinham tambem de todos os paizes ao Egypto para comprar trigo; porque em toda a terra era grandissima a fome.»

—Tudo isso é muito bonito, sim, senhor; mas...

—Deixe-me concluir, e siga bem o meu raciocinio. Ora calcule: um rapaz que a proposito de vaccas e de espigas prevê a penuria, consegue salvar o seu paiz da fome, e põe impedimentos a um cataclismo, quantos serviços não poderia prestar aos nossos administradores municipaes?

—Agora vou entendendo.

—No inverno havia de prophetisar-lhes que faria calor no verão, que o calor origina a secca, e que para combater a secca é preciso abastecimento d'agua.

—Isso era famoso!

—No verão havia de prophetisar-lhes que no inverno faria frio, e que armazenar um pouco não seria nenhuma asneira.

—Admiravel!

—Dir-lhes-hia mais que a maneira de fazer cheirar Lisboa a rosas e violetas, não é conservar um systema de esgoto que accumula as materias fecaes de muitas gerações.

—Que pechincha!

—Ajudal-os-hia tambem a prever que não se regando, nem se varrendo certos bairros populosos, torna-se a cidade uma estrumeira, o que não parece incommodar muito os municipaes narizes dos srs. vereadores.

—Acho soberbo o seu plano!

—Não digo que dessem grande attenção ao meu José, logo a principio. Sabe o que são os vereadores de todos os tempos?

—Ora!

—Teimosos, birrentos, uns homens que antes querem deixar morrer a cidade e os arredores do que fazerem um *mea clupa*.

—A quem o diz!

—Mas, com paciencia e habilidade, talvez fosse possivel trazel-os ao bom caminho.

—Sempre é bom ter esperança!

—Por consequencia, confesso que tive uma inspiração divina, quando encommendei seis mil cartazes com estas simples palavras: *Precisa-se um José!...*

—Pelo menos um, arranja com certeza.
—Que virá do ceu aos trambulhões!
—E salvará a capital.
—E trará aos lisboetas...
—O bem commum, está claro!

BARGOSSI

Na época que ahi esteve o andarilho Bargossi,—que a estas horas deve estar farto de correr lá pelo outro mundo! —fui convidado para o acompanhar na sua excursão a Cintra.

Ao chegar ao *Hotel Central*, no dia aprazado, interroguei:

—Mr. Bargossi?

—Encostou-se ha pedaço sobre a cama. Recolheu tarde...

—Bem; vou comprar charutos, e volto depois.

No estanco, ainda a caixa dos charutos não estava aberta, o moço do hotel procura-nos e diz-nos:

—Está ali ás suas ordens mr. Bargossi.

Voltámo-nos:—era elle.

Haviam-se juntado á mesma hora outros collegas.

Subimos para uma das salas do hotel e ali nos offereceu o famoso andarilho um copo de vermouth, ovos e café.

—Mas não o prejudica para a sua corrida o não ter dormido ou ter dormido pouco?

—De modo algum: eu iria d'aqui dançando e voltaria pela mesma.

—Conhece o caminho? Conta com as ladeiras?

—Não conheço, e as ladeiras não me mettem medo nenhum: o que perco em subil-as, ganho rapidamente em descel-as.

—E tem calculo seguro do terreno que vence nas suas corridas?

—Sim... percorro cem kilometros em oito horas e meia. Muitos corredores teem querido luctar comigo... mas nenhum resistiu ainda mais que duas horas.

—Quizera ver-lhe os pulmões, disse rindo.

—Sim, devem ser bem rijos... mas os meus exercicios baseiam-se mais na gymnatisca e no saber correr... Eu mal toco o chão com as pontas dos pés, e em boa verdade, não corro... sigo o meu caminho com um passo sempre certo e regular.

—Principiou de muito novo?

—Logo de pequeno e como curioso... depois, isto é de familia... meus paes foram dançarinos... *Pour ça, il faut du caractere, voyez vous!*

—Tenciona demorar-se muito em Lisboa!

—Pouco... o meu secretario voltou esta manhã

do Porto, onde foi tratar de contrato meu... Depois irei talvez até á America, onde toda a gente me assevera que me estão esperando rios de dinheiro.

Bargossi exprime-se com extrema volubilidade e com muita delicadeza para com os seus ouvintes.

Conta os seus exitos de Milão, de Roma, de Paris, de toda a parte, e conclue:

—É preciso um bom cavallo para me acompanhar.

Montou muito a cavallo em pequeno. Pertenceu á companhia de Cinizelli, que nós conhecemos em Portugal. Tem umas pernas rijas como aço, uns braços magracentos, mas muito nervosos.

Entretanto iamos almoçando. Apparecceu então o secretario, o sr. Carlos Luiz Gabrielli, um — rechonchudo moço—de cara com faceiras bastas e avolumado corpanzil.

—Hei de emagrecel-o a força de corridas! diz-nos Bargossi quando nol-o apresenta.

—Pois ainda lhe parece que corro pouco... partindo hontem á noite para o Porto e estando ja hoje de volta?

—É andar a vapor...

—Mas não é correr a pulmão!

— Comigo não se trata de pulmão trata-se de ser artista. Uma coisa é correr e outra é correr scientificamente.

E ia servindo-nos o café, com um requinte de amabilidade, que nenhuma phrase poderia expressar bem.

—Uma vez disse eu a um ministro da guerra em França: o senhor tem muito talento, mas não faz correr os seus homens, e eu ponho-os a fugir em quarenta dias!

N'este comenos apparece o filho de Bargossi: um perfeito rapaz, que brada logo d'entre portas:

—Bon appetit à tous!

Apertamos-lhe a mão cordealmente e vemos n'elle um digno successor do pae.

Achilles— o primeiro nome de Bargossi é Achilles e quando elle m'o disse quiz ver-lhe o calcanhar— continúa:

—Não imaginam os senhores, não pódem fazer sequer uma idéa da utilidade que na guerra se pode tirar de saber correr. Eu vejo ahi — e vi la fora tambem,—os soldados todos uns papalvos, uns monos, que se não podem mecher... Pois quizera fazel-os meus discipulos.

E' a sua idea fixa, fazer discipulos!

—E sem pedir nenhuma retribuição. Olhem... minha mulher era um cadaver... pois ao cabo de um mez fil-a correr... fiz correr um cadaver!

Quando, mais tarde, no hotel Nunes, Bargossi

contou isto mesmo aos srs. Thomaz de Carvalho e Silva Tullio, este ultimo, antecipando talvez um pouco a opinião d'aquelle, exclamou:

—Excellente medicina!

Bargossi faz depois o elogio do filho,— que tem na physionomia intelligente e nos desembaraçados modos, o melhor elogiu,—e accrescenta:

—*Il est très vif!*

E o excellente moço, tomando a garrafa da agua, enche para si um copo... e entorna o resto por cima da mesa.

—*Il est très vif!*

Bargossi tinha deitado no café uma camada de manteiga, que tomava toda a boca da chicara... Arrefecia e coalhava-se... Bebeu por fim aquillo tudo.

*

* *

Partimos. Eram sete horas e vinte minutos.

Bargossi continuou a fallar-nos com paixão ardente de quanto vale o saber correr, sustentando sempre uma verbosidade espantosa e dando mostras de uma intelligencia clara e da mais facil comprehensão das coisas.

Quando passámos ás Amoreiras, as mulheres que

lavavam a roupa no tanque, debruçadas sobre este, deixavam vêr do lado da estrada grossas pernas roxeadas...

—Mas notem, meus amigos, continuava Bargossi, eu corro sem fadiga nenhuma... Ha a corrida de resistencia e a corrida de velocidade... São dois estudos perfeitamente diversos, á parte...

E termina com o seu estribilho italiano:

Ecco!

Prosegue:

—N'um circo ha os applausos e as musicas que incitam, que dão o enthusiasmo: pois eu, na estrada, sem nenhum d'esses incitamentos, tenho esse mesmo enthusiasmo, porque trabalho pela arte, pelo bem de todos, com paixão!

*

* *

Entrámos na Porcalhota,—a principio ignorados, —mas os cocheiros deram com as linguas nos dentes, e não tardou que fossemos apontados a dedo.

—E' aquelle, o andarilho!

E passavamos por andarilho um ou outro, conforme a phantasia do saloio que nos indicava.

Theoria tinhamos nós, porque Bargossi fôra até alli tão incansavel de lingua como promettia ser in-

cansavel de pernas. Haviamos apprendido, em meia duzia de horas, o que elle ensina em 40 dias. Quando chegámos a Cintra, levavamos nós todos um invencivel desejo de correr... para a mesa!

*

* · *

Da Porcalhota até ao Cacem, variou-se o assumpto da palestra: tratou-se de politica internacional.

No Cacem pede Bargossi:

—Um copo de vermouth?

Uma mulhersinha faz repetir o pedido, e depois de consultar outra, volve muito affavelmente:

—Esse sujeito... esteve cá a ares o anno passado... e nunca mais o vimos!

Isto é authentico. E tambem isto succedido no hotel:

—*Garçon, apportez du beurre?*

O rapaz vem, faz tambem repetir o pedido e d'alli a pedaço vem dizer-nos amavelmente:

—Meus senhores... alli estão os burros!

*

* *

Em Cintra o notavel andarilho escova-se, lava-se, barbeia-se. Entra a correr de bocca em bocca:

—E' o andarilho que chega!

Depois vão vel-o ao hotel, como coisa rara, como objecto curioso. Os entendidos em gymnastica apalpam-lhe as pernas, e dizem que são de ferro. Bargossi responde a todos de sorriso nos labios e n'uma algaravia que nos faz lembrar a de Simão Gatai: um extravagante mixto de italiano, hespanhol e francez.

Em summa, tomamos a nossa refeição, fizemos os brindes do estylo,—pela Italia, pela esposa e pelo filho de Bargossi, e depois fomos *mostrar* a villa ao forasteiro.

Iamos embocando pelo caminho de Collares, quando passa por entre nós, a toda a desfilada, uma carroça tirada por dois animaes,—tres, se contarmos o carroceiro. Grita um dos do rancho ao Bargossi:

—*Voi là un défit!*

Elle não quiz ouvir mais nada: assim mesmo como estava, com o pesado fato que lhe embaraçava os movimentos, deitou por alli fóra de corrida,

e na altura dos Seteaes esperou que passasse por ao pé d'elle o vheiculo, que pouco antes o precedia.

*

* *

São quatro horas e meia. Vamos partir.

Bargossi calçou já os seus sapatinhos de pellica, depois de lhes ter dado uma untura, Envergou a sua camisola vermelha de cabeção azul, e vestiu as calças pardas... umas calças pardas em que elle se vê frequentes vezes, por estas occasiões assim.

No pateo do hotel cumprimentam-n'o o Latino Coelho, Silva Tullio e Thomaz de Carvalho.

Eil-o a caminho, saudado pela multidão.

Seguem-n'o trez cavalleiros: os srs. Alfredo Anjos, Martins e Macieira, e mais uns cinco trens. Cerca do Ramalhão, na Charneca, retiram-se os primeiros.

Por todo o caminho até á Porcalhota, um extraordinario concurso de povo. Os camponios acudiam dos logarejos proximos e apontavam Bargossi com olhos espantados.

A's cinco e meia estavamos em Massamá.

De manhã, Bargossi tinha mandado fazer caldo de sustancia, para tomar e trazer n'uma garrafa: foi o

que bebeu por duas vezes, durante o trajecto, e isso mesmo sem parar.

Na Porcalhota demorou-se apenas um quarto d'hora, e ahi, e d'ahi por diante, a concorrencia de trens e de peões era tão extraordinaria, que envolveram o estimavel Bargossi, o agil e destro andarilho, n'uma espessa nuvem de poeira, e ao mesmo tempo n'um intrincado labyrintho.

Nunca mais tronámos a vel-o...

Só agora, no passeio Publico do Rocio, onde elle acaba de trabalhar, — onde acaba de correr mais vinte kilometros sobre os vinte sete que havia percorrido e que certamente o não deixaram satisfeito...

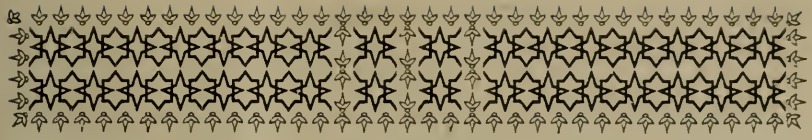
Trabalharam tambem sua esposa e seu filho, no meio dos mais justos e dos mais estrondosos applausos da immensa multidão que os via com pasmo.

O preto, que pretendeu correr a par de Bargossi, —seria necessario dizel-o? — foi vergonhosamente derrotado.

Tudo isto é escripto sobre o joelho, rapidamente, com o typographo a pedir-nos pedacinhos d' original...

O leitor faz favor,— desculpa, sim?...

CHAVÕES DRAMATICOS



BRE-SE o diccionario do velho Bluteau — atirem-lhe os despretenciosos a primeira rima — e procurando na letra C a palavra *Chavão*, dá-se de cara com isto:

«CHAVÃO, *s. m.*—Chave grande.» Ora ahi está; chavão, chave grande; isto é claro, cuido eu, claro e conciso; aqui não ha que dizer.

Não sei de coisa nenhuma cá n'este mundo que me obrigasse a insultar um diccionario. A gente precisa ás vezes d'alguem mais pequenino que nós mesmos. Todavia, resolvo-me hoje a dizer a verdade, a verdade só, a verdade nua e crua, ácerca d'essas explicativas compilações d'uma lingua que já não existe.

Á verdade é que vae sendo tempo de reformar os diccionarios.

O portuguez d'agora, este portuguez que se falla por ahi sem tom nem som, assemelha-se tão pouco-xinho ao portuguez dos nossos maiores, que a espan-

tosa enfiada dos livros de Bluteau parecem-nos encadernados n'um esfarrapado Josésinho; d'aqui a dois dias hei de vel-os a todos mettidos n'uma cabelleira de rabixo, e o merecimento d'elles restringir-se-ha unicamente á fitinha verde posta pelo litteratiço n'um sitio certo a lembrar-lhe o palavrão de que ha de servir-se n'um aperto d'eloquencia.

Portugal vê nascer todas as manhãs um adjectivo novo, e um verbo ignoto. Esses termos dão-se á luz na caixa d'um theatro, em qualquer botequim, nas officinas e nas redacções dos periodicos. D'ahi a oito dias estão naturalisados e correm por esse mundo de Christo.

Como n'este ruim tempo se calumniam até as coisas mais decentes, os inimigos do progresso deram a esta pittoresca linguagem o nome de *calão*.

O portuguez novo, escorraçado e vilipendiado a principio, lá foi vivendo por onde e conforme pôde. Mas a reacção vae agora sendo decidida em seu favor. As palavras *abiscoitar* e *abichar* já apparecem no *Diccionario* do Porto, e se isto não rehabilita de todo em todo o calão, sempre o torna acceitavel, o que vem a dar na mesma.

Ora digam lá ao amigo, ao creado ou á governante, que é a melhor creada de quem não tem creados:

—Vocês precisam andar mais abilhados.

Governante, creado e amigo respondem logo:

—Abilhados?... Sei cá o que isso é!

Mas se ás artimanhas do amigo que nos vem pedir dinheiro emprestado, se ás desculpas do creado que nos rouba, se ás lamurias da governante que se despede, respondermos:

—Deixem-se d'essas tolices que já me não *intrujam!*

Entendem logo perfeitamente.

D'onde se infere que *intrujar* é a palavra portugueza e *abilhado* o termo do calão.

De maneira que ácerca de *chavão* poderá accrescentar-se no diccionario:

«*Chavão dramatico*, diz-se d'um lance já empregado, conhecido, gasto e velho, que serve para arranjar um desenlace previsto.»

São poucoxinhos os *chavões* mais decentes. Para a gente se servir d'elles é precisa uma grande habilidade, para os inventar é preciso talento.

É vulgar este.

CHAVÃO COMMOVENTE

A scena representa o que quizerem. É meia noite menos dez minutos.

O tyranno está quasi apoderando-se da espantosa

riquesa que ambiciona desde as oito horas. Só lhe falta commetter um assassiniosito, e fica tudo arranjado.

Esconde-se e espera a victima de punhal na mão.

Como a noite é escurissima, tenciona conhecel-a pelo exagero da saia-balão.

Chega uma rapariga; é uma triste costureira, que para obsequiar a fidalga perseguida, lhe emprestou o casabeque de lã em troca da saia-balão.

O desejo de ser prestavel e de querer figurar, vae custar-lhe a vida.

O tyranno adianta-se e levanta o punhal.

As mulheres soluçam.

Os homens chamam-lhe baixinho *pedaço de mariola*.

Os gauderios apromptam as bengalas para a pateada.

A rapariga adroveita-se dos differentes sentimentos que agitam a assembléa; cáe de joelhos no meio da rua, e levanta as mãos para o céu.

—Maldição! grita o tyranno. Terei de lutar até contra o proprio Deus? !...

Avança mais e levanta mais a arma fria (as armas quentes são as armas de fogo); de repente empallidece, cambaleia, vae a fugir-lhe o punhal da tremula

mão; notou uma cruzinha de prata entre as mãos da victima.

—Que cruz é essa? Que cruz é essa? Estarei sonhando, ou será vã illusão dos meus sentidos? Essa cruz... quem lhe deu essa cruz?... Mas falla por uma vez, quem te deu essa cruz?

—Esta cruz, brada a rapariga, era a cruz de minha mãe, que lá dos céus me está espreitando!

—Minha filha! minha filha! é minha filha!

É filha d'aquelle maroto!

Cáe o punhal, cáe o panno, cáe a peça... *Tableau final.*

*

* *

CHAVÃO D'EFFEITO

Estamos n'uma prisão, n'um carcere, n'uma masmorra de qualquer torre. Agoa, palha e paredes escuras. A condessa Bertha, acorrentada até mais não, vestida de preto, está assentada na humida terra.

A condessa Bertha

São terriveis as vossas sentenças, meu Deus!... Pegaste em mim, triste e fragil creatura, e despe-

daçaste-me... Tenho supportado sem me queixar tuas supremas vontades; mas já me fallecem as forças. Roubaste-me esse a quem o meu coração amava, e eu fui rezar para a egreja! Extorquiste-me o querido filho, e dei dez réis de esmola ás almas! Meu Deus! ainda não estará satisfeita a tua ira?... Até quando, ó meu Deus, abusarás tu da minha paciencia?!

O carcereiro

Está aqui o cavalheiro Pimpinella!

A condessa Bertha

Aaahhh!!!...

O cavalheiro Pimpinella

Deixe-se agora de baldados lamentos, que de nada lhe servirão. Ah! condessa altiva, desprezaste-me! Ah! em paga do meu amor, só tiveste vilipendios para me dar! Mas estava doida então!... Agora a coisa é outra! agora levanto-me eu terrivel e implacavel! Ninguem poderá arrancar-te do meu poder; pertences-me, és mtnha!...

Raul, penetrando (é um penetra) por uma porta occulta d'espada na mão

Ainda não, cavalheiro Pimpinella!

*
* *

OUTRA DO MESMO AUCTOR

Beatriz

... Em breve comtigo!

Henrique

E deixas me sósinho... com esta riqueza que te devo... e que ha de ser a minha desgraça!... Oh!... maldito seja tanto dinheiro!... Toma-o... tira-m'o... e restitue-me o nosso repoiso, a nossa amisade e a nossa miseria.

Beatriz

Não me pareces ajuisado!

Henrique, com desespero

Mas que queres tu fazer?

Beatriz

Mas que se ha de resolver?

Henrique

Quem virá salvar-nos?

SCENA VIII

Os mesmos, e *Sabina* apparecendo pelo fundo

Sabina

Eu!!!

*
* *

CHAVÃO DA DOIDICE

No theatro ha tres remedios para curar os malucos: O amor, uma cantiga, a aldeia onde nasceu o pobre allienado.

No supremo instante em que se vae curar o doido ou a doida, escondem-se todos os demais personagens, e seguem com a maior anciedade as peripecias da cura.

Depois de entrar o ente querido, depois de se ouvir a cantiga, depois de apparecer ao fundo o panno do primeiro acto, sae um d'elles ao meio da scena, gritando logo:

—Chorou! Está salva!...

*
* *

CHAVÃO SUBLIME

Deixem-me pegar n'uma grande obra ao acaso. O *Ruy Blas*, por exemplo.

Ruy Blas, um creado, namora-se da rainha; por causa d'ella vae todos os dias correr séca e méca em cata de varias flores, pelas quaes sua magestade dá o cavaquinho.

Para as flores serem encontradas pela sua real namorada, espalha-as n'um banco onde ella se assenta todos os dias. Mas para chegar ao tal banco tem de saltar um muro cheio de fundos de garrafas, creio eu. N'elles deixa o triste muitas vezes pedaços das carnes e das rendas das mangas.

A rainha, que pelos modos não é antropofaga, deixa a carne e vae levando as rendas.—Oh! as mulheres!...

Mais trade, por um lance da sorte e de D. Sallustio, Ruy Blas volvido em fidalgote, é encarregado pelo rei de levar um recado á rainha.

A rainha, sem estar lá com uma nem com duas, conhece logo o seu namorado anonymo.

E por onde o conhece? Pelas rendas das mangas!

—É a mesma renda! murmura a esposa do rei.

N'aquelle instante commove esta phrase mais do que se póde imaginar; mas o interesse que Ruy Blas inspira, diminue um pouco, mal se reflecte que não mudava de camisa havia tres semanas!

Forte porcalhão!

UM CASO TRISTE

historia?... É romance?... Não sei, e não creio que alguem o saiba ao certo; mas o caso é que em Lisboa se dá por succedido.

João chegou ha poucos annos á cidade banhada pelo Tejo e estudou a musica no Conservatorio com aproveitamento, como dizem os biographos dos homens illustres. Mas a arte não dá para viver, e os paes de João, que habitavam na provincia, ordenaram-lhe que regressasse á terra, por verem que o tempo ia passando, e passando em balde: comquanto o rapaz se instruisse cultivando o espirito, nada significava isso para gente de pouco entendimento e menos dinheiro.

Farta de esperar o regresso do rapaz, a familia deixou de lhe enviar a exigua quantia mensal que lhe mandava, e João, decidido a ficar em Lisboa, onde elle julgava que, mais tarde ou mais cedo, seriam realisados os seus sonhos de gloria, foi viver com um amigo, um medico, rapaz como elle, e como elle

dedicado á arte, enthusiasta pela sciencia, mas de genio diametralmente opposto.

O musico era um organismo escravo d'um coração; o medico era um homem senhor de si mesmo em todos os momentos da vida, de tão clara intelligencia como bondoso caracter, tanto mais energico nas affeições, quanto mais reflexivo e menos impressionavel.

Viveram algum tempo, João compondo polkas e valsas para piano, compradas por um editor a peso, como todos elles compram, e copiando musica para theatros e orchestras; — Felix curando os enfermos pobres do bairro, que lhe pagavam sempre com agradecimentos e raras vezes com dinheiro.

*
* *

Um dia subiu o medico a uma agua-furtada aonde uma visinha o conduziu, pedindo-lhe que visitasse por caridade, o que para elle era quasi costume — uma infeliz rapariga, rica em tudo quanto são perfeições do corpo e formosuras do espirito, pobre em tudo quanto é meio de vida ou recursos de subsistencia.

Felix viu-a, interessou-se por ella, deixou mais de

uma vez a sua boquilha orphã de charuto para lhe comprar medicamentos, e quasi que mais com o desejo do espirito que com o auxilio da sciencia, curou-a.

E depois de lhe devolver a saude, depois de vêr como o seu corpo tinha recuperado agilidade e frescura a sua tez, ficou saudoso, — por já perdidos, — d'aquelles pedaços em que, sósinho á cabeceira da sua cama, a tinha visto adormecer, emquanto que o vento parecia espedaçar os vidros da janella já rachados...

Restabelecida de todo Margarida, deixou o medico de a vêr uns dias, ficando no coração d'ella como unico rastro da sua enfermidade, um agradecimento maior ainda que o beneficio recebido: quanto a Felix, se quando enferma só viu n'ella um dever a cumprir, depois de sã notou que Margarida podia ser para elle a felicidade na terra.

Passaram dias, e uma tarde encontraram-se na rua: apoz as phrases da gratidão, vieram os protestos do cumprimento d'uma obrigação de caridade... Confessou-se ella como agradecida, desculpou-se elle como se nada tivesse feito, e assim chegaram ao terreno das confidencias, obtendo Felix a certeza de que Margarida, — moça, formosa, cercada de perigos, privada de arrimo e de recursos, —

poderia chegar a ser uma das muitas victimas da propria innocencia e do vicio alheio.

Horrorisou-o similhante idéa, levou-a comsigo, acommodou-a em sua casa, e quando João recolheu á noite, disse-lhe Felix :

—Sae comigo, vamos dar um passeio...

E contou-lhe o succedido.

Mas, como elle não podesse acabar de entender que amava, não contou pormenor por onde o musico chegasse a desconfiar da existencia d'aquella paixão, e assim, ignorante um do que sentia, desconhecedor o outro do que ninguem lhe revelava, innocente e respeitada ella, viveram alguns mezes juntos, não sem que a maledicencia os atacasse, de mais a mais quando as apparencias favoreciam os maus pensamentos.

Ha tão vil gente, que não comprehende que possa alguem viver junto do mal sem se entregar a elle!...

*

* *

Chegou o verão, os theatros fecharam-se, João careceu de trabalho e os pobres de Felix cada vez lhe iam agradecendo mais os seus beneficios e cada vez lh'os iam pagando menos...

A miseria entrou por fim na casa,—essa miseria horrivel, que sabe padecer e ignora o modo de pedir, porque se sente com forças para ganhar. Margarida tornou a enfermar, deitou-se á cama, Felix tornou a tratal-a, mas em breve chegou a comprehender que, se tinha triumphado da doença, não poderia vencer a necessidade e as privações.

Assim estavam as coisas quando Margarida, que havia dias não saia á rua, recebeu uma carta, e com a carta uma proposta infame: leu-a, corou, advinhando por instincto o que ignorava por pureza e guardou chorosa aquelle papel maldito.

Quando João, ao cair d'essa tarde entrou em casa, disse ao Felix:

—Abraça-me! Achei um homem, quasi um deus, o empresario de um theatro, que me offereceu doze mil réis por tres peças para a sua orchestra; hei-de entregar-lhe depois d'amanhã a primeira, uma valsa, e combinámos que, se lhe agradar e aos musicos, me pagará no mesmo instante metade da quantia justa. Vou quanto antes deitar-me ao trabalho, e, se com a esperança dos seis mil réis não vier a inspiração, é que já não existe... ou não desce do Olympo por tão pouco!

*

* *

Entretanto, Margarida peiorou. Choroso a viu Felix ir-se apagando pouco a pouco, tão debilmente como se offusca o brilho d'uma estrella ante os alvores do dia.

Assim passou ella das miserias d'esta vida para as irradiações da outra, ao passo que no proximo aposento João, junto d'um piano velho, que era o ultimo resto da sua grandeza, — compunha a valsa que lhe havia de valer tanto dinheiro, Margarida expirou sem mais oração funebre do que algumas notas que, semelhando ruge-ruge de sedas arrastadas nas voltas d'um baile, se perderam no espaço, sem mais beijo que o de uma lagrima, que das faces de Felix lhe foi cair nos labios...

O medico passou a noite de joelhos junto d'aquillo que parecia leito,—e já de madrugada, João que adormecera a sonhar com os doze mil réis, entrou no quarto da cama e viu dois corpos, sem que a principio podesse dar credito aos seus olhos, nem soubesse qual era o vivo e qual o morto,—se ella, com as faces já envoltas nos resplendores lá dos céus, se elle, ainda sumido nas sombras cá da terra.

Caída ao pé da cama estava a carta que Marga-

rida recebera; João apanhou-a, e com um grito de fera disse a Felix:

—Olha! Isto é do empresario do theatro, é esta a sua letra!

—Espera! accudiu o medico, vendo que o seu amigo ia para sair e adivinhando-lhe as intenções Com que a enterrariamos?...

Calou-se João, deixou pender a cabeça sobre o peito, e até julgou rezar, porque chorou, e a lagrima tem o que quer que seja da prece...

*

* *

N'aquella noite, a que o empresario chamava pomposamente orchestra, tocou a valsa de João. Este e Felix, na rua, cosidos com o tabique do pobre theatro, sem sentirem o frio, descoberta a cabeça, quasi com febre, chorosos, a um tempo desesperados e abatidos, ouviram tocar uma peça que parecia a recordação da orgia d'um baile, notas agrupadas como para serem ouvidas no meio de prazeres, e que tinham sido escriptas ao lado da morte...

João recebeu os seis mil réis,—e, ao entardecer do dia seguinte com um vento glacial, sem sol, por-

que ha desgraças incompativeis com a sua luz, caindo das nuvens uma chuva miuda, gelada, o medico e o musico entravam no cemiterio triste e ermo, levando com o auxilio de dois homens pagos o athaude em que ia encerrado o corpo de Margarida.

Umas horas depois voltára João ao trabalho; e, como ouvisse os choros de Felix, dizia-lhe:

—Cala-te, não me interrompas, que d'estas notas ha de sair a lapide da sua sepultura!

E' historia? E' romance? Não sei; mas a verdade é que se repete agora muito n'um theatro de Lisboa uma valsa, que é talvez a composta por João.

O MEU CABRION

CHEGUEI a Sacavem. Uma hora depois fui almoçar á hospedaria. Ataquei de frente um empadão, muito parecido com o unguento de Holloway, que apparece em toda a parte.— Ha quem affirme que o unguento sabe melhor que os empadões de Sacavem.

Acabado o empadão appareceu deante de mim o interminavel beef-tek, que principia no café Montanha e vae terminar nas cosinhas do rei da Cochinchina, conhecidissimo e popular pedaço de carne, illustrado com batatas e parte essencial dos meus almoços.

Acabado o beeff vieram uns rins salteados, que antes de os comer já me doiam.

Acabados os rins,— o Supremo Architecto se compadeça de nós!—veio lagosta! esse crustaceo de vermelho uniforme.

E acabada a lagosta veio um sujeito que se sentou deante de mim.

II

Começa aqui o tristissimo, o desconsolador, o irritante.

Era a quarta vez que me encontrava na presença do tal sujeito.

Quando sahi de Lisboa lobrigára-o na estação ao pé de varios outros viajantes. Na cara d'aquelle homem havia o quer que fosse que realmente me atacava os nervos.

A quem não terá succedido encontrar-se ahi cara a cara com uma pessoa e dizer logo á primeira vista:

—Eu e aquelle senhor de bom grado nos odiariamos?

Não acreditam que existe a antipathia instantanea, repentina, incomprehensivel.

O tal sujeito quando me viu na estação de Lisboa olhou-me de alto a baixo.

Eu olhei-o da direita para a esquerda.

Elle parecia dizer-me:

—Embirro comtigo, meu rapaz, embirro comtigo de uma maneira atroz!

Eu respondia-lhe de cá nos olhos:

— Cara feia!

Partimos de Lisboa, eu para os Olivaes, elle não sei para onde. Quando chegámos á estação do Poço do Bispo desci do comboio não sei porque motivo: pôr os pés no chão e dar de frente com o homemsinho foi uma e a mesma cousa.

Olhou para mim e disse-me com a vista:

—Ólá, amiguinho! Com que então viajâmos juntos, hein? Pois sinto muito!

Olhei para elle e tentei dizer-lhe:

—Viva, senhor! se soubesse que vinha n'este comboio, tinha ficado em Lisboa!

E voltámos cada qual para a nossa carruagem.

III

Cheguei aos Olivaes, estive tres dias ou quatro sem me lembrar do sugeito; uma vez, porém, quando fui visitar o asylo da infancia desvalida, ao subir da escada, zás! o homem dos meus peccados commigo a contas.

D'esta vez, não sei se de proposito, deu-me tamanha pisada que me evaporou tres callos.

—Ai! gritei, como se me entrasse no corpo uma bala.

Não que a pisada fosse tamanha que me fizesse

gritar tanto, mas n'aquelle ai! queria eu dizer ao patife.

—Que bruto você é, homem! que bruto! que bruto! que bruto!

Elle...—conhecia-lh'o na cara — esteve quasi a não me pedir perdão; mas era bem educado por desgraça minha.

Mesmo sem olhar para mim resmungou:

—Perdão, senhor!

Mas proferiu aquellas palavras com a voz e a entonação com que diria:

—Ora vá você á missa!

Sahi do asylo com os meus amigos, e durante os dias que estive nos Olivaes, não vi, oh! felicidade! não vi o homem antipathico.

Quero dizer... uma noite sonhei que me doia um dente, que mandára chamar um dentista, que o dentista era o homem antipathico, e que em vez de me tirar o dente, me arrancava a toda a pressa, com enormes tenazes, o nariz, as orelhas e todas as saliencias do meu semblante.

Depois d'esse pesadello nada mais topei no meu caminho que se parecesse com o tal homem.

Sahi dos Olivaes e tomei logar n'uma carruagem para Villa Franca; mas deu-me na mania parar em Sacavem... E' claro! estava escripto que me havia

de demorar em Sacavem. Que ia eu fazer a Sacavem? Encontrar-me com aquelle *miseravel!*

IV

Volvamos ao instante em que o meu homemsinho veio collocar-se entre a lagosta e a minha tranquillidade.

Mal se assentou á mesa e me viu, logo mudou de côr.

Eu engoli sem querer o caroço de uma azeitona.

A mesa estava abanando: era o tal sujeito que meneava o pé e a perna direita, como quando a a gente reflexiona ou está zangado.

O homem disse-me n'uma olhadella:

— Com que então não ha maneira de me deixares em paz, hein?

Eu respondi n'outro olhar:

—Ó homem! que raiva me faz encontrar-te por toda a parte!

E elle volveu de lá:

—Parece-me isto de proposito!

E eu volvi de cá:

—Quando morrerás, bandido, quando morrerás?

A palestra das demais pessoas reunidas á mesa veio interromper o nosso mudo tiroteio de injurias.

Fallavam de ciumes: um individuo ali do sitio matára o seu rival em amores, e era esse o assumpto da conversação.

Famosa coisa para ajudar a digestão!

Dizia uma donzellinha assaz circumspecta:

—Comprehendo tudo n'um arrebatamento de ciumes.

Ponderava um ratão de chinó loiro e bigode preto:

—Ainda assim a reflexão póde amenisar muito as...

Um estranho interrompeu:

—Cada qual pensa de maneira differente, conforme tem ou não ciumes verdadeiros.

N'este momento metti-me na palestra:

—Um homem ciumento, ou o que vem a ser o mesmo, um homem namorado, é capaz de tudo.

—De tudo? perguntou a menina assaz circumspecta.

—Sim, minha senhora, de tudo: até de casar.

Disse então d'ali o homem antipathico:

—Isso parece-me caçoar do matrimonio!

Respondi só:

—Pfu!

Poz-se todo verde quando ouviu o meu *pfu*! Levantou-se para sair; ao erguer-se deu com o cotovello na garrafa do vinho; caiu a garrafa, e como

eu estava defronte o liquido correu para mim; não tive tempo de me arredar, e o vinho ao cair no chão, salpicou-me as calças. Umas calças brancas, não lhes conto mais nada!

O homem não fez caso. Nem sequer me disse: *Perdão, senhor!* como na tarde da pisada.

Mas tive dez segundos de prazer quando notei que todas as vistas estavam fitas n'aquelle homem, e minuto e meio de satisfação quando ouvi a menina circumspecta dizer:

—Que desastrado!

E tres minutos de regosijo quando senti o homemsinho ao sair da sala tropeçar pela escada com estrondo immenso. Desataram á gargalhada todos os circumstantes! E tive vontade de lhes pedir que contassem o caso ás respectivas familias!

V

Acabei de almoçar um quarto de hora depois e fui tratar de vestir outras calças.

Mas, oh fatalidade! Ia tão preocucpado com a idéa do que acabava de succeder-me que em vez de abrir a porta do quarto n.º 9, que era o meu, abri a do n.º 10, e dei de cara com o meu Cabrion, enfiando a cabeça por uma camisola.

Ao tempo de eu entrar passou-lhe a camisola por deante da cara; eu fechei a porta com precipitação e metti-me no meu quarto.

O homem ficou berrando:

—Quem está ahi?

Fechei-me á chave para se acaso...

Quantas reflexões fiz em meia hora!

Quem será esse homem? Parece-me pessoa decente... porque é que tanta raiva me faz? Eu se tivesse de o insultar chamava-lhe feio... mas a verdade é que nada tem de feio... pelo contrario, é de presença agradavel... deve ter uns trinta e cinco annos; os olhos são expressivos, o olhar penetrante, o cabello castanho... porte distincto... vestido com elegancia... quem será? Santo Deus! que mysteriosa voz nos diz lá do fundo d'alma: estima esse ente ou aborrece-o? E o caso é que muitas vezes nos diz a voz que sympathisemos com certo homem, e de feito sentimos nascer a sympathia e tornâmo-nos amigo d'esse homem... e elle d'ali a pouco pede-nos uma libra e nunca mais tornamos a vêr nem o homem nem os quatro mil e quinhentos!... Em compensação, quando a voz secreta e mysteriosa nos affasta de uma pessoa e sentimos nascer a antipathia... talvez percamos um excellente amigo... quem sabe se esse do n.º 10 é homem de bem,

honrado, amigo dos seus amigos e capaz de fazer qualquer sacrificio pelas pessoas que o estimem? Eu cá detesto-o... e porque? Elle tambem parece que não gosta de mim... não gostará? Que mysterio é este e que alma é esta que assim vacilla e assim se illude? O que é o homem e o que é a sympathia? Ai, peccados meus! a nodoa do vinho tirar-se-ha das calças?...

VI

Madruguei no dia seguinte para ir a Villa Franca. Entretive-me ao pé do bilheteriro a vêr quem comprava bilhete para Lisboa.

Ai, leitorsinho! que momento foi aquelle tão ditoso! Vi o homem antipathico, com saco de viagem, uma gaiola de passaros na mão direita e um guarda-sol na esquerda.

Chegou o comboio que ia para Lisboa. O Cabrion mal me viu disse-me:

—Afinal safo-me de ao pé de ti, *infame!*

Eu volvi:

—Já era tempo de que te fosses, creatura *vil*.

E apitou a locomotiva...

E tocou a sineta...

E ouviu-se o apito...

E todos os viajantes entraram nas carruagens...

E elle tambem entrou...

E foi-se!

—Aaaahhhh! Abençoado seja quem inventou o vapor!

VII

Veio o comboio para Villa Franca; metti-me n'uma carruagem, cheguei lá em meia hora, e almocei á beira-mar... devorei, bebi, cantei, dancei, fui feliz, completamente feliz!

Quando voltei a Sacavam perguntei ao criado da hospedaria:

—Como se chama aquelle sujeito que estava aqui no quarto n.º 10?

—O que se foi hontem?

—Sim.

—Então já o senhor lhe sabe o nome.

—Já o sei?

—Pois não o está dizendo?

—Eu?

—O senhor!

—Sim, hein?

—Sim.

—Ora, diga-me cá, está caçoando commigo?

—Eu não caçôo nunca, freguez.

—Diz-me como se chama esse homem... sim ou não?

—Sim.

—Pois então diga depressa, se não me quer fazer perder a paciencia.

—Mas não lhe estou dizendo que Sim?

—Vou-lhe partir a cabeça por você ser insolente!

—Espere... senhor... espere: é que o homem chama-se Anacleto Sim!

Palavrinha, ó leitor, se o Cabrion estivesse ali tinha-lhe assentado dois bofetões! Até com o appellido embirro! Ora vejam que demo de contratempo! Chamar-se Anacleto Sim! Isto não lembra ao diabo!

A alegria, porem, de me vêr livre do homem, o contentamento por não ter sempre deante de mim aquella sombra... de tudo me fez esquecer... até de pagar uma conta!

Devia entregar um dinheiro a um tal Fragoso e não entreguei o tal dinheiro ao tal Fragoso. Quando ia de Sacavem para Alhandra, lembrei-me do esquecimento, e não deixei de rogar uma praga ao sr. Sim que fôra o culpado de eu passar por caloteiro.

Para evitar juizos desfavoraveis a meu respeito, mandei pedir a Fragoso que me indicasse em Alhan-

dra pessoa a quem eu podesse dar o dinheiro. Demorei-me alguns dias. E andava por toda a parte sem o Cabrion! E em nenhum lado via o meu homem! Ah! que felicidade inaudita!

VIII

Logo recebi aviso do sr. Fragoso para passar a importancia da conta ás mãos do sr. Avelar e C.ª, com armazem de fazendas.

Quando ia realisar o pagamento pareceu-me vêr á porta de uma casa o homem antipathico... estremeci.

Um amigo que passava pela rua fronteira gritou-me:

—Queres vir jantar commigo?

Respondi bem a pezar meu:

—Não!

Bem sabem as razões.

—Cheguei á casa de commercio onde tinha de pagar, puchei pelo dinheiro, e disse apressado:

—O sr. Avelar?

—Não está, responderam.

—Tenho de lhe fazer um pagamento...

—Ahi está o socio; vou chamal-o, é o mesmo.

—Bem.

Em quanto vinha o socio cheguei á porta dizendo entre mim:

—Sempre sou muito creança! Provavelmente aquelle homem não era o meu...

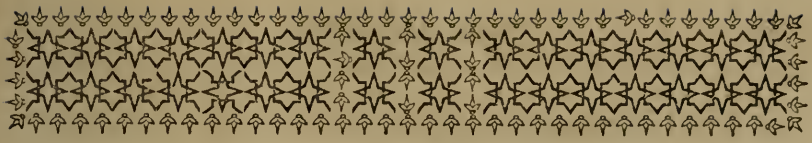
Ouvi que n'este comenos descera á loja um sujeito. Era o socio; voltei a cabeça para o cumprimentar...

Era... o sr. Sim!

Taes são os caprichos da fatalidade! Só me faltava ter que dar dinheiro áquelle monstro!

E dei-lh'o... mas tambem nem sequer lhe disse adeus!...

POBRE LUIZINHA!



INHA umas gargalhadas francas e alegres; quando os seus vermelhos labios se descerravam com perfumes de primavera, viam-se cravados no coral das gengives uns esplendidos dentinhos apertados.

Nas suas grandes risadas deitava a cabeça para traz, fincava os punhos fechados nas ilhargas, logo abaixo do opulento seio, e aquelle riso sacudido, prolongado, era entrecortado por uns grandes suspiros offegantes, como se em meio da sua jovialidade lhe faltasse o folego, como se a suffocasse o ter-se tão francamente abandonado a uma alegria tão doida.

E emquanto assim ria, os seus cabellos loiros fluctuavam á mercê do vento, com as pequeninas palhas da eira ainda n'elles presas, luzidios ao ardente sol do estio; os olhos, esses languideciam de alegres lagrimas.

Pobre Luizinha!

Linda era ella, a valer, e os mocetões do sitio arrastavam-lhe a aza com os seus modos toscos, tão avêssos ao amor.

Mas a Luizinha tinha outro conversado, mais janota, filho d'um abastado lavrador que andára nos estudos, que lhe dizia umas coisas muito bonitas, umas palavras muito carinhosas, umas phrases ternas que lemos nos livros, uns requebros que ella ouvia toda encantada, e com que sonhava de noite, — porque no fim de contas, havia lá nada melhor do que ser amada tal qual como uma fidalga da cidade!

A's vezes passeavam os dois á beira do rio, ao anoitecer, depois do largar do trabalho.

As rãs coaxavam nos regatos, os grilos e as rolas cantavam nos prados, — e elles conversavam n'um murmurejar de beijos. Com os braços rodeando as cinturas, tratavam-se ternamente por tu e faziam formosos planos de risonho futuro.

E' que ella amava-o agora muito devéras, o seu querido! A principio tivéra receios. O rapaz era rico de mais para ella e até de condição superior á sua. Mas foi-se habituando pouco a pouco; incitou-a em grande parte o amor proprio, e agora parecia-lhe que era aquillo a coisa mais natural do mundo todo.

D'ahi, elle repetia frequentes vezes:

—Uma vez que te amo, Luizinha, que mais será preciso? E's pobre? Pois a minha riqueza chega bem para dois!

Assim, porque não havia de amal-o?

Chamava-se elle Arthur, nome que nunca foi d'um aldeão. Vestia como os rapazes da cidade, e aos domingos á saida da missa do dia fallava com as pessoas mais gradas da terra. Tinha ares de verdadeiro janota, e a tez um pouco pallida tornava-o ainda mais distincto,—com o que a Luizinha toda se ufanava.

Sentia-se verdadeiramente amada.

Pobre Luizinha!

II

Arthur era ciumento, e a Luizinha não podia aturar semelhante coisa.

—Olha, Arthur, dizia-lhe ella então, as mulheres do campo não sabem ser estouvadas como as das cidades. Eu antes quero um só pensamento teu, que cem olhares dos demais. Por ventura tenho culpa de que todos esses bonifrates queiram derriçar-me e me dirijam quando passo uns ditos insonsos? Bem vês que não hei de fazer-me esquiva e soberbona. No fim de contas, sou uma pobre aldeã, como to-

das essas ahi da villa, que por tal signal se mordem de inveja quando me veem alvo de todas as attenções e ellas postas de banda. Digo-t'o em boa verdade: se tudo isto te desagrada, não sei que te faça. Amo-te com todo o meu coração, jurot'o: que mais queres?

Volvia-lhe o Arthur que se recatasse mais, que não se désse tanto com toda aquella gentalha, que fosse menos communicativa nas suas expansões. Se assim não fizesse, nunca viria a ser sua mulher.

Porque a verdade era que o Arthur não gostava de vêr aquella mocetona estirada na eira, sobre a palha, de rancho com os ceifeiros e os trabalhadores patuscos. Luizinha prometteu que faria por evitar tudo isso.

D'ahi em deante entraram a achal-a delambida, altiva, que já não fazia caso dos da sua igualha, que se fazia de manto de seda e se afidalgava como se fosse alguem; até os mais ciumentos, os mais invejosos e despeitados, aproveitando-se do facto de que a rapariga engordava a olhos vista, entraram a rosnar que ella andava gravida.

De quem? Ninguem sabia ao certo. Todavia as linguas viperinas affirmavam dizer verdade.

Effectivamente, a Luizinha estava cada vez mais gorda; mas isso era a espantosa exhuberancia dos

seus vinte annos a transbordar do espartilho, aos domingos, por mais que ella o apertasse; era o sol que lhe tornava a fronte luzidia, era o perenne desenvolvimento d'uma estatura de perfeita mulher, alargando-se por baixo das prégas do casabeque.

Pobre Luizinha!...

III

A parva e malevola calumnia entrou de correr por toda a aldeia.

Quando ella soube o que diziam, achou graça á invenção e respondeu a uma espevitada que lhe dava conta do boato:

—A seu tempo veremos!

E continuava as suas passeatas com o Arthur.

Ao entardecer de um formoso dia de primavera, os pirilampos luziam por entre as roseiras e a madre silva em flôr; corria do campo embalsamada viração, as estrellas da via lactea eram mais numerosas do que nunca, e além, no horisonte, uma nuvem de tepida phosphorescencia rodeava o vasto prado onde se tinham sentado.

Luizinha tinha o coração a transbordar de poesia; enfeitára o simples penteado com amores perfeitos e rosas; pulando de contente, travou da mão de Arthur, dizendo:

—Então, que tens tu?

As florinhas do prado eram suavemente agitadas pela brisa. Lá ao longe adiantava-se a baça lanterna d'uma carroça, avolumando na sombra como os vermelhos olhos d'uma locomotiva. Os morcegos passavam adejando na transparente serenidade do ar.

Arthur continuava cabisbaixo, não respondia.

—Mas que tens? repetiu ella.

Esvoaçou d'um grande olmeiro um mocho, que foi poisar do outro lado, n'uma figueira.

De repente, o Arthur murmurou de um modo brutal:

—Estás gravida, Luizinha!

A rapariga ficou-se calada um bom pedaço. Não estremeceu nem se assustou. Parecia como que indecisa.

—Acreditas isso? perguntou ella.

—Eu não... mas... disseram-m'o...

—Acreditas?... repetiu ella.

—Não... mas...

Luizinha interrompeu:

—Cala-te! E's um cobarde e um infame!

Ergueu-se.

—Aonde vaes, Luizinha?

—Adeus, tornou a moçoila.

E deitou a correr pelo prado fóra, direita á villa.

Arthur perdeu-a de vista e foi para casa dizendo entre si:

—Fiz asneira.

IV

A Luizinha cujos, cabellos, na corrida, se haviam desprendido e lhe caiam soltos pelas costas, saltava os regos e os vallados. A sua formosa estatura destacava-se aos raios da lua que brincavam por entre a folhagem das arvores, e o roçar das suas saias engommadas despertavam as avezinhas nos ninhos.

Chegou á beira da linha ferrea. Sacudiu a cancella de madeira, partiu os gonzos com uma poderosa força de vontade, e vencendo aquelle obstaculo encontrou-se de pé no meio dos rails, como que absorta, d'olhos fitos nos horisontes pardacentos. D'um e outro lado, as acacias em flôr enviavam-lhe os seus perfumes e os seus murmurios. Não muito longe, avistava-se um disco luminoso, que parecia immovel.

Á brisa succedêra um vento rijo, que assobiava por entre os fios electricos e fazia ranger os postes.

—Elle verá se estou gravida ou não, murmurava a desditosa. D'aqui a dez minutos, poderá ter a certeza.

Voltando-se, fitou os olhos na aldeia, cujas casas alvejavam além. Uma lagrima, depois duas, depois ondas de lagrimas lhe correram pelo semblante de virgem, por entre afflictivos soluços.

Sentia debaixo dos pés que se approximava d'ella um ruido surdo. O chão estremecia. E lá ao longe, ainda muito ao longe, antes da estação, espreitavam-na dois grandes olhos vermelhos.

Parou o comboio do Porto, largou e tomou passageiros, depois tornou a partir.

A Luizinha deitou-se então no meio da via ferrea. Approximava-se o comboio. O collosso de fogo augmentava de velocidade, rugindo offegante: tinha pressa de a devorar.

E pensando ainda no seu Arthur, a rapariga mudou de posição, atravessou-se sobre um só rail, com os pés para um lado e a cabeça para outro.

E a locomotiva cortou-a ao meio, pela barriga!

Pobre Luizinha!

DEBAIXO DO COMBOIO

I

. . . . . .

Como cada qual tinha já contado uma historia terrorifica, Heitor de Moncorvo, o unico que faltava, pediu a palavra e começou assim:

—Ha poucos annos, á força de recommendações e de importunar os vogaes do conselho de administração, consegui ser nomeado revisor nos comboios do caminho de ferro de leste e norte.

Tinham-me recommendado a maior prudencia no desempenho das minhas funcções, por ter que subir e descer com frequencia quando o comboio está em movimento.

Prometti seguir escrupulosamente tão util conselho, e tão bem cumpri a promessa que no mesmo dia em que tomei posse do cargo, ao descer de uma carruagem com demasiada precipitação, cahi na estrada. Soltei um grito medonho; o caso não era para menos; mas esse grito não se ouviu, porque no

mesmo instante fez soar a locomotiva um assobio prolongado e estridente.

Eriçaram-se-me os cabellos, correu-me pelo corpo um suor gelado.

Estava perdido!

A maneira como cahira tinha-me collocado exactamente no meio dos dois rails, de barriga para cima, sem me poder mecher. O comboio começava a passar por cima de mim. A primeira carruagem mais baixa despedaçava-me irremediavelmente. Risonho provir!

O comboio caminhava com toda a pachorra, e emquanto passava a primeira carruagen consegui refazer-me da commoção e reflectir ácerca das minhas angustiosas circumstancias.

Ahi vão as reflexões que fiz:

II

Ha na vida humana horas que parecem segundos, e segundos que semelham largas horas.

Calculára eu que todo o comboio levaria unicamente a passar por cima de mim uns doze segundos. Tendo presenceado, como era dever meu, a formação do comboio, pareceu-me recordar que nenhuma das carruagens trazia os apparelhos destina-

dos a affastar as pedras que possam estar na via.

Esse apparelho é uma forte pá de ferro, collocada á frente da locomotiva, e na parte de traz da ultima carruagem. Succede ás vezes porem-na em mais de uma carruagem.

O primeiro apparelho d'esse genero que chegasse, irremessivelmente me desfazia.

Tratando de aclarar as minhas vagas recordações pareceu lembrar-me de que por felicidade não se tinha adaptado ás carruagens apparelho algum; resultou d'essa idéa entrar em mim longiqua esperança de sair bem de tão apurada circumstancia.

—Quando passarem todos os carros, disse de mim para mim, é possivel que me encontre estirado no caminho e sem a mais pequena arranhadura; levanto-me então e subo para o comboio, levando por ferida unica um rasgão na sobrecasaca.

Quasi me ria já da queda que déra e divertia-me a imaginar o effeito que havia de produzir nos que me ouvissem quando contasse o succedimento.

De repente dei um grito ainda mais espantoso do que o primeiro.

III

Provavelmente fizeram tanto caso do segundo grito, como tinham feito do outro.

Lembrei-me, sem que me restasse a menor duvida, que um dos taes apparelhos de affastar pedras fôra collocado, antes de partir, na ultima carruagem.

Decididamente era um homem morto.

Não é possivel explicar o que se passou em mim.

—Morrer aos vinte annos! Morrer estupidamente, esmigalhado por um pedaço de ferro, impellido por força bruta!

N'um segundo só percorri as horas d'aquelles vinte annos passados.

Via-me na infancia, entre os braços da minha santa mãe; aos dezeseis annos, sentindo no peito a primeira pulsação de amor; aos dezoito, correndo estouvado em poz dos prazeres, amando as mais novas, bebendo dos mais velhos, ancioso de glorias e de riquezas!

Vinte annos n'um segundo!

E o comboio tomára a velocidade ordinaria, que me deixava unicamente dois ou tres segundos de vida!

IV

Parecia-me que estava havia já dez annos entre os rails, debaixo do comboio que me despedaçaria sem piedade.

—Já não ha esperança! disse com os meus botões.

Só a que ainda podia, ter era que o apparelho adaptado á ultima carruagem se houvesse quebrado.

Esperança, como se vê, bem leviana!

Entretanto iam passando por cima de mim as pesadas carruagens.

Tinha-me costumado ao ruido que fazem, e ouvia, mesmo confusamente, a voz dos passageiros: gargalhadas, beijos e choros!

E eu a contar as carruagens que passavam calculando que só faltavam duas para chegar a ultima.

E a ultima representava a minha morte!

V

Se a minha esperança não fosse vã!

Se se tivesse quebrado o apparelho!

Passou o penultimo wagon. Teria dado, não a minha vida, uma vez que já não me pertencia, mas a minha alma, com a condição de poder voltar a cabeça e ver o terrivel apparelho de que dependia a minha sorte.

Mas não podia fazer o menor movimento, sob pena de ser despedaçado immediatamente.

Afinal chegou a ultima carruagem.

Senti estremecer o corpo convulsivamente. Inundou-me um suor gelado, horrivel.

VI

Tive um sonho.

Via-me já cadaver; carregavam commigo dois guardas-agulhas.

—Pobre moço! dizia um d'elles.

Levaram-me para uma sala da estação. Chegaram os gatos pingados.

Senti a bulha dos martellos que pregavam o meu caixão.

Poz-se a caminho o funebre cortejo. O feretro ia levado por quatro homens. Pareceu-me ouvir soluços angustiosos, e cuidei reconhecer n'elles a voz de minha mãe.

— Morrer aos vinte annos!

Esta phrase repetia-se em torno, emquanto me conduziam ao cemiterio.

Ouvi a enchada abrindo a cova.

Senti um repellão fortissimo.

Abri os olhos.

—Que faz ahi, bom homem? perguntou-me um aldeão, que olhava para mim espantado.

VII

Levei a mão á cabeça.

Ainda estava deitado na estrada, e o sol dava-me de cheio.

Tudo era silencioso.

—E o comboio? foi a primeira pergunta que fiz.

—O comboio? disse o labrego. Este homem está doido.

E mostrou-me com a mão uma nuvemzinha de fumo que se avistava ao longe.

—Estou salvo! Logo, o apparelho de affastar as pedras...

—Quebrou-o ainda agora o bruto do João! concluiu um guarda-agulhas, que se approximára e me ajudou a levantar do chão.

.....

ARTISTAS EQUESTRES

ERTA noite, no Colyseu, tinha eu por visinho um sugeito já edoso, de suissas pintadas e luzidia calva.

Acabava de trabalhar mr. Wulf, com os seus dez cavallos.

O velhote, que era correctissimo taful, voltou-se para mim e disse, accendendo um charuto:

—E' extraordinaria a influencia que as affeições da juventude exercem na vida futura dos homens!

—Effectivamente...

—Só mais tarde é que nós reparamos n'isto, quando a neve dos tempos já nos branqueia as cabeças, quando o que foi futuro e esperança,—está já convertido em passado desencanto!

—Mas a que proposito...?

—E' que eu, aqui onde me vê, na cathegoria dos desengano, conto a minha antiga affeição ás artistas equestres.

—Ah!!!...

—A comtemplação na arena do Circo de uma d'essas mulheres sublimes que, vestindo o seu *maillot* de finissima seda e saias de gaze côr de rosa, fazem sobre um cavallo, que em cadenciado galope percorre a pista, encantadoras piruetas e saltos irreprehensiveis, foi durante os meus primeiros annos uma das ilusões que a despiedada mão do tempo veio arrancar-me do coração!

—Foi então intelligente amador, hein?... interroguei n'um tom, que pretendi tornar gaiato.

—Sabe lá!... Fui durante muitos annos assignante do velho Circo de Price, onde soffri com resignação os banhos de terra com que os cavallos se dignavam mimosear me quando erguiam as patas ao som da desafinada orchestra. Alli, os meus chapeus mais esplendidos foram achatados pelo corpo de algum *clown*, e alli a minha modesta pessoa foi misturada pelos atrevidos palhaços n'algumas das farças executadas para fazer rir o publico!

—Deve ter sido heroe em bem boas aventuras!

—Oh!.... Logo, logo no intervallo lhe contarei...

E durante o intervallo contou isto:

*

* *

—Como ha pedaço lhe disse, eu era assignante do velho circo de Price.

Fôra contratada por toda a epoca uma amazona celebre, de cintura esbelta e risonha physionomia.

Artista de verdadeiro merecimento; montava em alta escola um excellente cavallo inglez de puro sangue e magnifica estampa, conhecido em todas as cavallariças notaveis da Europa pelo nome oriental de *Sultão*.

O conjuncto formado pela formosissima amazona e o nobre animal era encantador e artistico, e produziu para logo em mim uma profunda impressão.

Como eu era assiduo frequentador do Circo, tinha uma certa convivencia com os artistas, e tinha tambem a ventura de apertar as calejadas mãos de todos os atheletas e excentricos do orbe.

Aproveitando esta posição, que n'aquelle tempo não teria trocado pela riqueza dos Rotschild, pedi que me apresentassem á formosa Lola — assim se chamava o objecto do meu amor — e consegui até, passados muitos dias, que, ao apear do *Sultão*, me acceitasse o braço como amparo provisorio da sua pessoa.

Desde este dia, entreguei-lhe inteirinho o coração.

Era eu o primeiro a applaudir os seus exercicios e não deixava de bater as palmas até a artista desapparecer; atirava para a arena ramos de flores, que logo serviam de pasto ao corcel artistico, e até em certas occasiões, de tal modo me extasiava na contemplação da Lola, que o publico advertia-me das minhas imprudencias, atirando-me chufas.

Uma noite fui, como de costume, ajudal-a a apear do cavallo. Estava mais bella do que nunca. Com o trabalho, tinham-se-lhe avermelhado levemente as faces, e dos olhos, animados pelo exercicio e pelos applausos, despedia fulgentes raios de luz.

Não pude conter-me, e, em phrases entrecortadas pela commoção, declarei-lhe o meu amor.

A resposta foi favoravel ás minhas pretenções.

Á despedida apertou-me significativamente a mão, e eu sai do Circo ebrio de amor e de enthusiasmo.

Tudo me parecia mais bello do que nunca.

Na minha loucura, cheguei até a achar bonito e taful o uniforme dos guardas nocturnos, e desejando que passassem as horas que faltavam para a funcção do dia seguinte, deitei-me.

E, pouco depois de me ter deixado, quando a minha imaginação me apresentava em sonhos uma vi-

da de felicidade, fui despertado pela criada, que me apresentou um telegramma.

Era da minha familia, annunciando-me que meu pae estava gravemente enfermo.

Levantei-me, impressionado pela noticia, preparei a mala, e, no comboio da manhã, parti para a aldeia, onde minha familia vivia, sem ter podido dizer adeus á dama dos meus pensamentos.

*
* *

Quando cheguei á estação, esperavam-me os amigos de minha familia; e, com os rodeios proprios de casos taes, deram-me a noticia da morte de meu pae.

Na minha desventura, assim como nas minhas alegrias, a imagem seductora de Lola não se me tirava da mente nem um instante.

Eu via-a no seu cavallo, desprezando obstaculos e saltando formidaveis barreiras; e a illusão era ás vezes tão completa, que, sem dar por tal, desatava em gritos, animando o cavallo.

—Hip ! hip !...

Tal foi a minha unica resposta ao discurso de pezames, que me dirigiu o administrador da casa.

A morte de meu pae fez-me demorar dois mezes na aldeia, durante os quaes não recebi noticia alguma de Lisboa.

Sonhando e padecendo, cumpri com todos os deveres que a minha desventura me havia imposto; e, como tudo chega n'este mundo, chegou o anciado instante do meu regresso.

As horas de viagem pareceram-me eternas!

Ás oito da noite desembarquei na estação de Santa Apolonia; e, sem mesmo tratar da bagagem, sem querer saber de coisa alguma, metti-me n'um trem direito ao Circo.

—D'aqui a pouco são horas de principiar a funcção, e Lola já deve estar no seu camarote, ia eu dizendo com os meus botões.

E este meu coração — agora velho — pulsava com tal força, que receei vel-o fugir-me do peito.

Afinal cheguei.

No Circo não havia luz.

Entrei aterrado... A porta estava encostada... e, sem encontrar viva alma, cheguei á cavallariça. Tudo ali era tristeza e trévas, tudo indicava abandono e soledade.

Os arcos de papel estavam amontoados para o canto. As tiras de percalina pareciam rodilhas da cosinha.

Tudo era transformado.

Quando já perdia a esperança d'encontrar alguem que podesse informar-me do que alli tinha succedido, avistei uma lanterna ao fim da cavallariça.

N'um dos compartimentos vasios dormitava um *groom*.

No outro immediato, estava o *Sultão*, e o resto da cavallariça, abandonada pelos seus habituaes hospedes, era escuro e sombrio como um cemiterio.

Diriji-me ao rapazote e perguntei-lhe, depois de o accordar:

—E a menina Lola?

—Partiu para Nova York com o *clown* Haily, que lhe offereceu a sua mão.

Para não cahir de chapuz, tive de encostar-me a um dos barrotes da cavallariça.

—Mas deixou cá este cavallo que era d'ella? tive eu ainda forças para perguntar.

—A menina Lola deixou-o para vender, e com o que derem por elle pagar umas coisitas que ficou por ahi devendo.

Ouvir isto e formar cá o meu plano, foi obra de um momento.

—O *Sultão* ha de ser meu! disse com o meu casaco.

A feliz alimaria, que supportou o peso da minha syiphide, ha de pertencer-me para sempre; e, em a tornando a ver a ella, apresentar-me-hei na sua presença como salvador do seu companheiro de glorias e fadigas.

Assim pensei e assim fiz, e comprei por duzentos mil réis o *Sultão*.

*
* *

Passaram dois annos.

O cavallo estava na cocheira d'um aquilador celebre, e era montado pelo Mourisca.

Eu nunca tinha sido cavalleiro, e contentava-me com visital-o frequentes vezes, levando-lhe torrões de assucar.

Chegou o carnaval, e já mais esquecido dos meus pezares, resolvi passeiar pelo meio das mascaras, montado no *Sultão*.

A's duas horas da tarde, montei á porta de minha casa e dirigi-me para o Chiado.

A principio tudo foi muito bem.

O *Sultão*, de cabeça erguida e orelhas afiladas, chamava a attenção de toda a gente pelos elegantes movimentos das patas.

Eu sentia-me orgulhoso do cavallo, e pela primei-

ra vez parecia amortecer em mim a recordação de Lola

Quando cheguei a S. Pedro d'Alcantara, desembocava d'uma travessa uma philarmonica, tocando um passo dobrado.

O cavallo principiou a dançar com grande applauso do publico, e dirigiu-se, sem que as minhas mãos podessem contel-o, para ao pé do tanque da alameda, que estava despejado e em limpeza.

Chegar e saltar, foi obra d'um instante.

Agarrei-me, conforme pude, ás crinas e resisti ao pulo.

Uma salva de applausos acompanhou esta evolução.

Já dentro do tanque, o *Sultão*, sem fazer caso dos meus esforços, desatou n'uma corrida desenfreada á roda do que elle tomava por pista.

Um varredor poz horisontalmente o cabo da vassoura para deter a veloz corrida do cavallo, e este saltou graciosamente por cima do obstaculo que lhe apresentavam, como nos seus bons tempos teria feito no Circo de Price.

Ao meio do tanque havia uma tabua, tapando o sumidouro das aguas, e sobre ella dançou o *Sultão* uma polka, que a maldita philarmonica executava.

Terminado o baile, desatou outra vez a correr á roda do tanque.

Um soldado da municipal pegou n'um arco que uma ama levava na mão, dos pequenitos brincarem, e pol-o diante do cavallo para o deter; mas o *Sultão* metteu o pescoço pelo arco e levou-o como collar, apesar dos gritos e reclamações dos rapazes.

Por fim poderam fazel-o parar. Um policia civil poz-se a tomar apontamentos dos nomes do animal e dos meus signaes.

O cavallo tirou-lhe delicadamente o lenço que assomava de uma das algibeiras do capote e deitou outra vez a correr direito á Patriarchal.

Quando chegou defronte da Escola Polytechnica, faltaram-lhe as forças e chegou a cair exanime, atropelando uma pedinte que n'aquelle sitio esmolava.

O cavallo, a pedinte e eu, rebolámos confundidos pelo meio da rua.

Eu tive a felicidade de não padecer grande coisa na quéda, e já refeito do natural susto, quiz verificar qual era o estado da victima.

O espectaculo que se me apresentou era medonho.

A pobre mulher atropellada jazia com a cara sobre a calçada, banhada n'um mar de sangue.

O cavallo tambem tinha morrido...

*

* *

—Quer agora o meu amigo saber o mais terrivel do caso?....

—Diga, diga, que a sua narrativa interessou-me summamente...

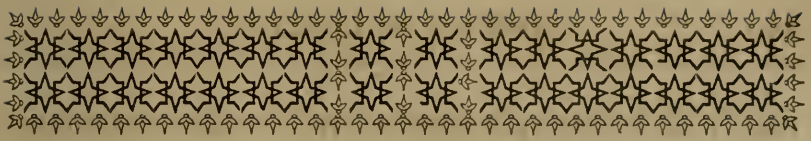
—Pois... voltei por curiosidade a cabeça da morta, e...

Era Lola!...

Quiz o acaso que morressem juntos a Lola e o *Sultão*, que durante tantos annos haviam sido inseparaveis nos circos europeus!

HISTORIA DE UM GATO

HISTORIA DE UN GATO



Era gordinho, luzidio, e preto como um azeviche! — tinha uns olhos de tigre, estriados de raios d'oiro! — e por cima de tudo isto uma cauda d'esquilo, uns pesinhos de velludo, umas barbas de porta-machado e a docilidade mandriona e rasteira de todos os felinos passados e futuros.

Em summa era um gato famoso, de se lhe tirar o chapeu, que dava pelo nome de *Patusco!*

Porque? isso é que eu nunca soube! O caso é que o bichano vivia feliz como um frade,—mimado, acariciado, beijocado pela sr.ª Maria Verde Lobo, uma septuagenaria rabujenta, ossuda, preguiçosa, comilona, avarenta e palradora,—conhecida e temida como a peste por todos os moradores da rua de Cimo da Villa!

Dizia-se,—que é que não se diz nas terrinhas chocalheiras da provincia?—que a tia Maria só havia de morrer quando engulisse a lingua de prata que ti-

nha, toxico este que nem os mais poderosos contravenenos seriam capazes de combater!

Accrescentava-se que se pozera de candeias ás vessas com os filhos,—porque fôra casada!—por causa das suas sumitigarias e dos seus roubos nas compras; que todas as pessoas suas conhecidas tinham ficado mal com ella por ser capaz de fazer lavrar a discordia entre os dedos da mesma mão!—que seu marido tinha morrido de pesar por haver casado com semelhante harpia, e que esta o ajudára a matar com todas as suas forças!

N'uma palavra, a gaiatada, quando a pilhava na rua, tudo era fazer-lhe figas e gritar-lhe:

—T'arrenego, bruxa!

Os visinhos desviavam-se d'ella e voltavam a cara como se tivessem visto o demo, e d'este modo a existencia da tia Maria Verde Lobo seria justamente o contrario da felicidade terrestre, se não fosse o bichano *Patusco*,—que para ella substituia marido, filhos, familia, amigos e tudo o mais!

O apêgo que ella tinha ao animalsinho tornára-se uma paixão feroz, na qual se haviam resumido todas as que na vida lhe tinham faltado! Em sua casa reinava o gato como um soberano despota,—e por isso, quando um bello dia constou que a mulhersinha passara d'esta para melhor vida, em con-

sequencia d'uma indigestão,— o que foi um consolo para toda a visinhança,—ninguem se admirou do singular testamento que ella deixara.

N'aquelle documento escripto todo por sua propria mão e n'uma linguagem de pura phantasia, a sr.ª Maria Verde Lobo desherdava seu filho e sua filha de tudo quanto a lei lhe permittia tirar-lhes, e ordenava que o resto,—uns cinco contos de reis, fosse collocado em fundos do estado. O rendimento dos fundos devia ser unicamente destinado a fornecer ao seu querido *Patusco* todos os gozos phisicos e moraes a que um bichano pode aspirar debaixo da carapuça celeste, e designava, para cumpridora do seu testamento, uma leiteira com quem se encontrava algumas vezes, e com quem,—extraordinaria coisa!—nunca jugara a unhada.

A supracitada leiteira,—que tinha tambem um logar de hortaliça na rua Direita, havia de gastar até ao ultimo ceitil em proveito do Patusco; e, se a seu tempo se demonstrasse ter ella dignamente cumprido essa missão de confiança, ser-lhe-hia destinado, como gratificação, o rendimento de um anno por morte do gato.

O sr. X..., tabellião, ficou depositario do documento e encarregado de pagar os juros aos semestres depois de ter pessoalmente verificado se o animal

estava de saude perfeita, e tão gordo e luzidio como d'antes.

Os herdeiros quizeram annular este testamento, mas não lh'o consentiram, porque era impossivel; e a leiteira, sr.ª Bonifacia, foi entregue do Patusco e de um fornecimento previsor, assim como de instrucções cuidadosamente elaboradas pela fallecida, ácerca da maneira como devia ser tratado o gato, das coisas que mais lhe apeteciam, dos costumes que tinha, em summa, um volume de recommendações exquisitorias e complicadas.

Ora, como a sr.ª Bonifacia não sabia ler, fez papelotes do manuscripto da testadora, e deixou o bichano andar á vontade pela loja. Elle a principio, coitado, achou aquelle modo de vida um pouco pesado. Emagreceu, pellou-se todo, saiam-lhe os ossos pela pelle, mas por fim de contas afez-se aquella tardia liberdade, e afinal tornou-se doido pelas passeiatas nocturnas nos beiraes dos telhados, pelos melodiosos tons dos *miaus* e dos *kess* dos seus congeneres.

Escusado é accrescentar que todos os semestres a leiteira, com o seu Patusco n'um cabaz, se apresentava no escriptorio do tabellião, mostrava o pelludo herdeiro ao escrevente, que lhe fazia umas festinhas respeitosas, e voltava carregada de boas li-

bras, com que fazia engordar as suas vaccas e medrar as suas hortaliças, negociando cada vez em maior escala.

Durou isto um anno, dois, cinco, dez annos.

O Patusco estava cada vez mais espertinho!

Cabellos brancos nas barbas, nem um! Gordura senil, isso nem por sombras! A dentuça clara e aguçada reluzia por baixo dos beiços vermelhos; os olhos, claros e rutilantes, alargavam-se ou apagavam-se com a mais incomprehensivel vitalidade!

—Ora não ha! diziam alli pela visinhança. Este animal tem quasi vinte annos, e para um gato já é uma edade menos má!

—Nunca vi uma coisa assim!

—Eu ia apostar que a tia Bonifacia lhe dá alguma coisa para o ter sempre assim tão perfeitaço!

—Tambem me quer parecer, porque isto de animaes são tão eternos como vossemecê e mais eu!

—E, todavia, concluiu a mulher do regedor, que tinha suas pretenções litterarias, o tal bichano está para durar até *popoternum*.

Queria dizer—*ad vitam æternam!*

Em summa, a extraordinaria longevidade do herdeiro da tia Maria despertou suspeitas no animo do filho d'esta,—que sem grande custo as communicou ao tabellião.

Fez-se o mais severo exame no *Patusco* por occasião do primeiro pagamento de juros, e este equivalente d'uma certidão de edade provou ao tabellião,—dotado de algumas noções de veterinaria, — que o animal que lhe apresentavam teria quando muito tres annos.

Os dentes, os olhos, o pello, davam testemunho irrecusavel.

E havia dez annos e meio que a testadora se tinha finado!

A conclusão era clara como agua!

Mandaram vigiar a leiteira. Tomaram-se habilmente secretas informações.

E descobriu-se por fim a traficancia:

Patusco, o verdadeiro, o authentico, o pachá, o Sardanapalo felino, — tinha morrido, logo ao segundo anno, de uma indigestão de bofe!

E a sr.ª Bonifacia, que nem pelo demonio queria renunciar áquella mina de ouro, — metteu o gato morto debaixo do braço, veiu á cidade, e ao cabo de muito trabalho, é certo, encontrou um bichano absolutamente egual, e levou-o triumphamente para a sua terra e para a sua loja.

Pelo sim e pelo não, pediu á dona da gata mãe que lhe guardasse d'ali em diante todos os filhos que ella tivesse.

E em consequencia d'esta sensata precaução, o *Patusco*, que ella apresentava ao tabellião, era a sexta edição do que a tia Maria tanto estremecera em vida!

Seguiu-se um processo pelo crime de burla, intentado pelos legitimos herdeiros.

Ha de ser julgado qualquer dia d'estes, e virá provar uma vez mais que d'uma pequena causa póde muitas vezes surdir um grande effeito:

D'indignação,—por já não ser jurista,—se não foi em consequencia das chibatadas com que a leiteira o mimoseou no meio da sua furia,—finou-se o ultimo Patusco.

Aqui está a primeira testemunha que na audiencia vae fazer uma falta de mil demonios...

AGUAS MINERAES

Tem deveras graça um dos ultimos eccos que me chegam d'uma aldeia onde se juntaram muitas andorinhas da sociedade.

Vejamos se eu posso reconstruir o conto.

Na botica da aldeia, cujo nome não direi, reuniam-se, como é costume nas povoações ruraes, o prior, as auctoridades e pessoas gradas do sitio, que matavam as primeiras horas da noite jogando o voltarete, lendo os periodicos e dizendo mal do governo.

Uma noite, em principios de junho, chegaram os da reunião mais cedo que de costume, collocaram a mesa, accenderam as luzes, e, tirando do frasco do *opio* as amarellentas cartas, principiaram a partida.

Ia ella em meio, quando entrou na botica o sr. André, director e proprietario d'um collegio, situado nos arredores da povoação.

—Olá, sr. André por aqui a estas horas?

Por unica resposta, o interpellado sacou da algibeira interior do sobretudo uma garrafa cheia de liquido amarellento, e apresentou-a aos circumstantes, dizendo com grande solemnidade estas palavras:

—Descobri uma fonte mineral no meu jardim.

Ao ouvir uma tal affirmação, todos os individuos presentes se pozeram em movimento e fez-se na pharmacia grande confusão.

—Silencio, senhores, disse o medico; o assumpto é sério e sériamente deve ser tratado.

—Sr. André, deixe vêr a garrafa, e eu lhe direi se essa agua tem enxofre.

O descobridor entregou a garrafa; o pharmaceutico forneceu um copo, e o dr. tomou um golo da agua, que pelo seu cheiro e mau sabor lhe fez saltar as lagrimas.

Todos estavam pendentes dos labios do medico.

Este, depois de ter saboreado e *paladeado* o liquido amarellento com toda a detenção, pronunciou a seguinte phrase:

—Tem uma quantidade d'enxofre de metter medo!

Todos quizeram provar a agua; e consta que a reunião se dissolveu mais cedo que de costume e que nenhum dos concorrentes á pharmacia pôde pregar os olhos em toda a noite.

Effeitos do enxoffre!

*

* *

No dia seguinte, o sr. André fez provar a agua a todos os seus discipulos, e todos sentiram os effeitos d'aquellas aguas, verdadeiramente revolucionarias.

Não havia duvida. A nascente do jardim era uma verdadeira mina para o sr. André e um grande descobrimento para a povoação, que d'alli por diante deixaria de ser insignificante.

Reuniram-se os Galenos da aldeia com os limitrophes em fraternal banquete; e todos concordaram em que as aguas eram sulfurosas e salinas, e muito proprias para toda a casta de enfermidades da pelle, em especial das que tivessem caracter herpetico.

Vieram depois alguns enfermos dos arredores, beberam as aguas, e sentiram os seus effeitos com tal intensidade, que, em mais de um caso, tiveram de ficar alojados no collegio, por não poderem resistir ás fadigas da viagem do regresso.

Todavia, alguns sentiram-se melhor, e espalhando-se a fama de povoação em povoação, constou em Lisboa que umas aguas de portentosos effeitos tinham sido descobertas na aldeia de Tal.

Os periodicos fallaram, as conversações succederam-se sem treguas, e formou-se uma sociedade exploradora do negocio, sob a presidencia do sr. André, proprietario das milagrosas aguas.

Tudo estava arranjado para principiarem as obras e só faltava a approvação do governo.

Nomeada uma commissão de medicos e chimicos para fazer um exame detido e minucioso e uma analyse das aguas, apresentou-se na aldeia, sendo recebida com foguetes e vivorio, repique geral de sinos e bandeiras.

Depois de um almoço, em que se pronunciaram os mais enthusiastas brindes, dirigiu-se a commissão para o collegio do sr. André!

*
* *

Chegados ao jardim onde a fonte era situada o regedor da parochia pronunciou um discurso eloquente, applaudido com enthusiasmo pelos circumstantes.

Convidado a provar a agua, acedeu de bom grado, e com uma firmesa d'alma de que poucos exemplos apparecem na vida, tomou um litro do liquido *sulfurado*.

—Senhores, disse, na minha longa carreira tenho provado muitas aguas sulfurosas, que cheiravam mal e sabiam peior; mas declaro em justiça que a d'esta nascente sabe peior do que todas, e cheira de um modo tal... que bem faz denunciar a quantidade de mineral que tem.

O sr. André pediu ao regedor que escrevesse esta observação n'um livro, e elle accedeu, promettendo interessar-se junto do admistrador, para que este pedisse ao governo a construcção de um ramal de caminho de ferro que ligasse o estabelecimento com a capital...

Tudo era alegria e esperança. A commissão de hygiene aproximou-se, os seus membros foram provando as aguas e fazendo gestos de nojo... que alegravam o sr. André.

O chefe da commissão determinou que se descesse ao poço das aguas para remontar o curso subterraneo da nasenate e conhecer a sua verdadeira origem.

Quatro operarios tiraram a pesada lagea que o cobria.

Os miasmas que sairam foram taes, que foi preciso suspender os trabalhos.

Quando aquelles se dissiparam, continuaram a descida ao poço, e pescaram dois grandes cor-

pos negros e informes que fluctuavam sobre as aguas.

Eram duas grandes ratas afogadas, cuja decomposição progressiva tinha enchido de jubilo o sr. André e uma aldeia em peso, pondo em movimento toda a gente graúda d'aquelles sitios...

Não accreditas, leitor?

Pois foi um caso positivamente verdadeiro, que ainda ha dois dias me contou um rapaz chegado de... para onde foi ás portas da eternidade, e d'onde regressou excellente e alegre, e que ria como um perdido quando me referiu a historieta.

Mas vão lá aturar agora o cirurgião e o boticario, que fora mos primeiros a provar d'estas novas aguas mineraes!...

NA VESPERA DE SANTO ANTONIO

NA VITRINA
DE SANTO ANTONIO

Eu te saudo, como da ultima visita que nos fizeste, — como então e como sempre! — ó santo patrono dos pobres!

Santo humilde e affavel, santo caritativo e complacente,—pae dos namorados tristes e das moçoilas sem namorado, confidente d'amores esperançosos,— Santo Antonio, eu te saudo!

Estes dias não chegam, como outros do anno, tristes e andrajosos, de mãos vasias: apparecem-nos vestidos de gala, contentes, alegres e atroadores de bulicio!

Para os receber, os crucifixos das egrejas andam sósinhos pelo templo; as imagens movem-se nos seus nichos, os tubos do orgão sopram-se a si proprios querendo soar, o thuribulo oscila, pendente do prégo que o aguenta, como se fôra uma pendula, e o fumo do insenso vae subindo, como azulada nuvem, junctamente com os perfumes das rosas, dos lyrios e das giestas, que os jardins enviam, como repre-

sentantes de si proprios, a estes festejos do verão, da christandade.

As noites chegam-nos calmosas, com o seu perfumado silencio amigo do amor, com as poeticas e alegres serenatas populares, com as suas ramarias densas e embalsamadas, abrigo de secretos amores, com o seu luzidio manto cheio de brilhantes mundos, lançado por cima das negruras do nocturno panorama.

E n'estes dias e n'estas noites a christandade celebra as bodas de ouro—entre a terra e o sol!

*
* *

Tenho aberto diante de mim o *Flos Santorum:* que prodigioso livro este, e quantos ensinamentos encerra,—que poderemos colher em historias que parecem verdadeiras, ou n'outras em que a ficção predomina evidentemente!

Aquelles santos varões, que se retiraram á soledade, e que se escondiam no fundo d'uma gruta, só revestida de plantas trepadeiras, unicamente acompanhados do livro de amarellentas folhas do anachoreta, — procurando decifrar os sagrados caracteres á escassa luz, que entra como flecha por uma fenda

— não veriam envoltas n'esse raio de luz, todas as imagens do mundo que abandonavam?...

Não veriam entrar com elle os ruidos do oiro revolvido pela avareza, os gritos da ambição, que a todo o transe quer subir, os suspiros dos namorados, que discutem os seus ciumes com iradas palavras, e que no mesmo instante sellam a paz com os labios, no silencio?...

Tremo de escrever impiedades,—mas iria jurar que para muitos d'estes santos, cuja vida aqui vejo esboçada, nem a soledade, nem a gruta, nem o livro, nem o proposito de trocar as vaidades do mundo pela eternidade do céu, pôde apagar-lhes no pensamento uma teimosa idéa,—a recordação do mundo perdido!

Ia jurar que muitos,—pondo de banda o livro de Job, a caveira, a cruz de madeira e o esgalho d'arvore, a que se arrimavam nas excursões, bradariam:

—Mais ar! Mais luz! Prazeres! Amor! Vida!

Iria jurar que muitos, erguendo-se do seu altar de rocha, arregaçariam o habito e deitariam a correr para o mundo que os chamava com vozes tão harmoniosas e seductoras, e que depois, se até alí haviam tido ardente zelo pela vida celestial, ainda com mais precipitação cairiam nas sensualidades do prazer humano...

Iria jurar que muitos, correndo pela deserto horhorisados do bem que deixavam, querendo despir a roupeta em que se envolviam e que publicava a sua gloria, se envergonhariam de vêr-se tão sujos, cabellos degrenhados, barbas compridas e em desalinho, a tez como pelle de lixa, as mãos como garras, as unhas afiadas e negras...

Ai d'esses!... Assim, com esse repulsivo aspecto, seriam recebidos no Paraiso entre musicas de anjos,—e no mundo a que voltavam só seriam recebidos em casa d'algum alfayate, onde trocassem a mystica vestimenta pelo ultimo figurino do diabo!

Mas não, o *Flos Santorum* aqui está dizendo que não houve rez tresmalhada do celestial rebanho. Todos anachoretas exemplares, todos modelos de rezadores, perfeição de abstinentes, incomparaveis figuras da fé, consumidos pela nostalgia do céu, resistindo á posse das grandezas e dos thesouros do mundo e ás visões do vicio que pretendiam estimular-lhes as carnes,—visões preparadas por Lusbel, que foi sempre o mais habil emprezario de companhias dramaticas e o mais artistico director de scena!

Se todavia exceptuarmos Francisco Palha e o Leoni...

*

* *

O proprio Santo Antonio de quem se referem tantos casos gaiatos, divertidos e picarescos,—o proprio Santo Antonio, fortalecido por invencivel fé, —preferiu o céu á terra, e das suas amarguras lhe ficou estampada no semblante aquella melancholica resignação, que parece emprestada por Job...

Deixemos porém as coisas mysticas, ponhâmos de banda o livro da religião, e, visto como o santo foi tão protector de amores, contemos tambem d'amores uma historia.

Nem alegre nem triste, mas verdadeira, justamente passada na vespera do festivo dia, ha bons vinte e tantos annos, alli pelos sitios de Torres Vedras, onde correram os primeiros tempos da minha mocidade.

Foi n'um dia de maio que Magdalena pela primeira vez comprehendeu o que era estar namorada. Ao passo que em torno dos accesos archotes, que despediam negras columnas de fumo, entremeadas de faulhas, os rapazes alegres, inclinados os corpos e enlaçadas as mãos, giravam constantemente em desordenado tropel, Magdalena, pelo braço do seu derriço, um latagão, moço de moinho, chamado o

Fiuza, tomou em silencio o caminho solitario da charneca.

O Fiuza não tinha pae nem mãe. Abandonado no adro da egreja, em noite de inverno, por impia mão criara-se alli no lugar, quasi que entre bacoros e gallinhas, até que o dono do moinho, o sr. Leandro, o tomou para seu serviço.

Havia muito tempo que o Fiuza occultava uma secreta adoração pela encantadora moça, cuja voz argentina lhe parecia mais suave que a das avesinhas na primavera, e cujos braços nus, quando por elle roçavam ao trabalharem juntos nas fainas da moagem, lhe faziam correr o sangue pelas veias com desusada precipitação.

O Fiusa não podia esquecer,—á maneira de extatica visão, cuja imagem se fixa para sempre nas assombradas pupillas,—a surpreza que se apoderára de todo elle quando viu Magdalena no moinho de seu pae, o sr. Leandro, no dia em que elle fôra pedir-lhe trabalho...

Um leve posinho de farinha se estendia sobre o fresco semblante da gentil moleira, ruborisada por causa do calor, e com os rebeldes cabellos caidos em caprichosos anneis para a testa; a preguiçosa d'uma figa estendia os braços nus n'uma compostura indolente, e bocejava, mostrando de cada bocejo

duas fileiras de dentes brancos e apertados, como os de uma borreguinha. Mal abotoado o leve casaquinho branco, transparecia, no seu candido impudor, o bem formado corpo. Ao vel-a, balbuciára Fiusa a sua pretenção de um modo tão parvamente desastrado, que Magdalena cruelmente lhe tinha rido nas bochechas...

Desde esse dia foi o pobre moço a sombra da formosa moleirinha. Chegou a pontos de beijar as pegadas que os seus tamancos deixavam no carreiro. Parecia uma d'essas féras que uivam, sedentas de amor, pelas noites de estio, em que as estrellas espalham no espaço as suas palidas luzinhas.

Magdalena encontrava sempre o moço no seu caminho, e commovida ante os soluços, as supplicas e os ardentes olhares... pagou-lhe amor com amor.

Mas apenas podiam fallar uns intantes a sós,—tal-era a vigilancia exercida pelo sr. Leandro sobre a sua herdeira,—vendo-se obrigados a ter paciencia até á vespera de Santo Antonio, que era quando no logarejo havia festa.

Todas estas coisas um ao outro contavam os dois namorados, seguindo o deserto caminho da charneca, e repetindo essas mil innoceentes phrases d'amor, que em casos similhantes surgem nos labios, como inolvidavel estribilho de sabida canção...

E calavam-se de vez em quando, sem saberem já que dizer, sem se atreverem a repetir mais vezes a mesma coisa, já tantas vezes dita.

Era uma noite aprazivel e serena do estio; nem o mais leve sopro do embalsamado ambiente agitava as adormecidas folhas; ao longe ouvia-se o monotono lamento dos arroios, correndo nos seus leitos de areia; zumbiam os insectos com surdo ruido; do alto dos seus ninhos, os rouxinoes sustentavam uma lucta de notas, lançando ao ar phantasticas escalas de agudos trilos; lá ao longe, no valle e na espessura, ouviam-se como que gargalhadas de prazer e uma especie de ruido de beijos; das violetas que dormiam com as lindas cabecinhas inclinadas sobre o ribeiro, desprendia-se um aroma embriagador, que no espaço subia á maneira de nuvens.

E o céu esburacado em mil sitios pelos raios de outras tantas estrellas, illuminava o campo de modo tal, que parecia vaguearem por entre as escuras sombras das arvores umas alvejantes fórmas vaporosas...

—Para que me trouxeste aqui? perguntou afinal Magdalena com entrecortada voz.

—Ai! nem a dizer-t'o me atrevo... tornou o Fiuza. —Mas ouve tu: já sabes que fui achado á porta da egreja... que n'este mundo apenas tenho os meus

braços para trabalhar, e que o sr. Leandro nunca daria a mão de sua filha a um pobre diabo como eu...

Ella interrompeu-o com gesto imperativo, e, pendurando-se-lhe ao pescoço, disse:

—Que importa isso... se eu te amo e tu me amas a mim!...

*

* *

Advinharia o moleiro o segredo da filha, vendo-a triste e pensativa passar horas esquecidas á janella, e notando que se trocava em louca alegria a habitual tristeza, assim que o Fiuza apparecia?

E' muito provavel, porque encerrou a pobre Magdalena no moinho, convertendo-o para ella em prisão. E adeus amor, adeus alegria, adeus mysteriosos passeios pelo deserto caminho da charneca! Se acaso palrava com os que passavam, e, se aproveitando uma ausencia do moleiro, corria em busca do Fiusa para lhe dizer que o amava, o velho desancava-a até vêl-a cair de joelhos, magoada e pedindo perdão... N'aquelle instante, Magdalena parecia convencida; mas não tardava em inventar mil audaciosos projectos para fugir das garras de quem não a deixava amar o escolhido do seu coração.

E chegada a noite, dava mil voltas na sua insomnia sobre o revolto leito, mordendo os lençoes e gemendo de dôr... e erguia os braços para outros braços imaginarios, sentindo a boca abrasada pela queimadura de um beijo... Pronunciava então o nome do Fiusa, e alterava com os seus afflictivos soluços o silencio da adormecida casa...

Chegou aquella triste semana de junho, em que os que haviam tirado maus numeros partiam, convertidos em soldados, para os seus quarteis .. Entre estes contava-se o Fiusa. E Magdalena debulhava-se em lagrimas, pensando que não tornaria a vêl-o durante os tres interminaveis annos, e que nem sequer poderia trocar com elle, na triste hora da despedida, essas palavras ternas e consoladoras que ajudam a supportar melhor os amargos tormentos da ausencia.

Fiuza rodeava o moinho como um pobre faminto, e um dia, emquanto o moleiro picava a mó, pôde finalmente vêr Magdalena e dizer-lhe no meio de horrorosa angustia:

—Espero-te logo na charneca... E' a ultima noite que por estes sitios possopassar. Partimos ámanhã... Se não vieres, atiro-me ao poço do Casal Novo...

—Irei,—tornou Magdalena, chorando; juro-te que irei,—ainda que tenha de accender uma grande fogueira ao nosso patrono Santo Antonio!

*
* *

Ardia em labaredas o logarejo, no meio da escuridão da noite... Sacudidas as chammas pelo vento, estendiam as suas linguas de fogo, como sinistros archotes... Desabavam os telhados das pobres choupanas, derrocavam-se as frageis paredes, e fugiam assustados os camponios... O ceu parecia illuminado por uma aurora boreal... O moinho do sr. Leandro, feito um montão de fumegantes ruinas reflectia os seus restos calcinados na argentea superficie do riacho... Fugiam os animaes pelo campo, soltando tristes uivos; e as mulheres, sentadas sobre os restos das suas pobres cabanas, contorciam os braços em desespero...

E ao mesmo tempo, lá ao fim da charneca, abandonava-se Magdalena ás suaves caricias do seu amado; e, entrelaçadas as mãos, dizia-lhe ternamente:

—Bem vês, cumpri o juramento. Tive que deitar fogo ao moinho para poder fugir... Tanto peior, se o fogo se communicou ao logar!

E mostrando ao Fiuza o clarão da immensa fogueira, que ameaçava chegar ao ceu, accrescentou, n'um impeto de riso selvagem:

—Olha, no dia do nosso casamento, não arderão

na egreja tão formosas luzes!—E agora fujâmos, fujâmos!...

*

* *

No outro dia, eu fui ao alto do Trucifal vêr as ruinas do logarejo, ainda fumegantes, e lá me contaram esta pasmosa historia de amores.

Que desde então me occorre sempre, todos os annos, quando nos visita, e eu o saudo, o santo confidente de amores esperançosos, o pae dos namorados tristes e das moçoilas sem namorado, o santo caritativo e complacente, o santo humilde e affavel... o santo patrono dos pobres...

Santo Antonio!...

FIM

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 . 05 08 11 015 5